

Orientes do Português

Vol. 02
2020



U. PORTO

EDITORIAL

- v Em memória de João Malaca Casteleiro.
Carlos Ascenso André

HOMENAGEM

- 01 In memoriam: Homenagem do IPM ao Professor João Malaca Casteleiro.
Instituto Politécnico de Macau
- 03 Homenagem: Evocando João Malaca Casteleiro.
Margarita CORREIA
- 07 Entrevistas: Histórias de João Malaca Casteleiro. Depoimentos de Maria José Grosso e Chrys Chrystello e algumas declarações do linguista em Macau.
Caio César CHRISTIANO

ARTIGOS

- 19 Os estudantes chineses e os hábitos de uso da internet ao encontro da língua portuguesa e do mundo lusófono.
João Pires MANUEL DUARTE & LIN Manlin
- 31 Vergonha, corpo e narrativa: uma leitura de “Obsessão” de Clarice Lispector à luz da Teoria do Afeto.
HUANG Lingchen & JIN Xinyi
- 43 Breve análise dos fatores culturais nas diferenças entre os provérbios e idiotismos chineses e portugueses relacionados à alimentação.
WANG Peixuan
- 53 Solicitações no português brasileiro e no japonês: breve estudo comparativo.
José Luiz OTTONI NEVES
- 67 O Português em contacto no Sudeste Asiático: o caso do Kristang (crioulo de Malaca).
YANG Aoran & JIANG Li
- 79 ABSTRACTS

EDITORIAL

Balanço actual do ensino do Português na China: Os fundamentos da revista *Orientes do Português*

*Carlos Ascenso ANDRÉ**

1. Balanço do Português na China

Não foi assim há tanto tempo: pouco mais de sessenta anos. Mas pode já dizer-se que longe vão os dias em que o Português na China se confinava a uma instituição e à boa vontade de professores de formação vária, chegados do Brasil, no quadro da cooperação internacional entre partidos irmãos¹. Sem meios, porventura sem formação qualificada, sem outro rumo que não fosse ensinar os rudimentos da língua e pôr as pessoas a conversar. Mas assim foi. E funcionou. E com êxito, a julgar pelos que frequentaram essas aulas e ainda hoje dão provas da sua capacidade e do seu amor pela língua portuguesa e são, por isso mesmo, exemplos admirados por todos quantos ao Português se dedicam em terras do Oriente. Foram eles os cabouqueiros de quanto temos hoje. Esquecê-lo e esquecê-los seria uma injustiça e um tremendo ultraje à memória de todo um longo percurso.

Quando olhamos para essa realidade da década de sessenta do século passado, descrita por quem a conhe-

ceu, o Professor Li Changsen (James Li), não podemos disfarçar um sorriso, que é, ao mesmo tempo, de simpatia e de surpresa e satisfação. De simpatia pelas condições manifestamente mínimas em que o ensino se processava, de surpresa e satisfação pelo caminho percorrido e pelos resultados alcançados.

Essa história está feita, com as palavras certas e com a emoção de quem a viveu na primeira pessoa. Estávamos, como digo, nos anos sessenta do século passado. A China tinha necessidade de comunicar com os povos de língua portuguesa, em especial por motivos de ordem estratégica, de natureza política e ideológica; para tanto, precisava de formar quadros que falassem essa língua e de o fazer com celeridade. Apelou, por isso, a China à solidariedade entre partidos; e essa solidariedade funcionou. Vieram do Brasil os primeiros professores, que formaram os primeiros quadros chineses bilingues. Mal podiam antever todos os actores desses tempos iniciais as proporções que iria ter o processo que estavam, então, a encetar.

* Director Executivo da Revista *Orientes do Português*

¹ Sobre a importância das relações bilaterais entre partidos – o Partido Comunista Chinês e o Partido Comunista Brasileiro – na vinda para a China dos primeiros professores de Português, *cf.* Li (2018).

Depois disso, muita coisa aconteceu: a Revolução Cultural, as transformações que lhe sucederam, o fim da guerra colonial portuguesa, a independência das ex-colónias, o colapso da ditadura em Portugal e a abertura do país ao mundo, a globalização, os novos modelos económicos, para citar, apenas, alguns episódios da história recente, quase ao acaso.

O crescimento do estudo do Português na China, ou melhor, nas universidades chinesas, insere-se nesse devir histórico e só nele pode encontrar a sua contextualização, a sua razão de ser, a sua explicação.

Após o encerramento dos dois cursos existentes, durante a Revolução Cultural, começaram, logo depois de superado esse circunstancialismo histórico, a surgir novos cursos, mas muito lentamente: Beijing, Shanghai, Tianjin. Na viragem do século e do milénio, mais não eram que quatro. No final da primeira década deste século, seriam uma dúzia, quando muito.

Essa história está, também, feita, com rigor e precisão. O mesmo Li Changsen, testemunha e actor desse processo, sobre ela escreveu mais de uma vez, como também Lei Heong Iok, até 2018 Presidente do Instituto Politécnico de Macau e que, nessa qualidade, teve enorme importância em todo esse trajecto, e, ainda, Liu Gang, talvez o que mais informações recolheu e que delas deu conta na sua tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa². É um documento datado, claro, com todas as vicissitudes de ser escrito em momento de profunda e veloz transição e, portanto, com os inerentes e inevitáveis riscos de produzir informação rapidamente desactualizada pelos factos.

Foi um processo de *boom*, como diz a gíria da economia, de explosão, uma “erupção vulcânica”, como referiu Li Changsen em feliz e expressiva metáfora (cf. Li 2015: 55 e 66).

Hoje, a realidade é bem outra.

Olhemo-la, tal como ela se nos apresenta.

As instituições de ensino superior da China onde se ensina Português são trinta e nove, se é que conseguimos rastrear todas.

Dessas, vinte e oito conferem graduação em Português, sob diversas designações: Língua e Cultura Portuguesas, Língua e Literatura Portuguesas, Estudos Portugueses, entre outras.

As onze restantes oferecem o Português como *minor*, em conjunto com outras formações, ou como disciplina opcional.

De momento, há mais quatro universidades com o processo já iniciado para alcançar a necessária autoriza-

ção por parte das autoridades governamentais chinesas, com vista à criação de um curso de português.

Para dez anos, é, convenhamos, um salto muito assinalável.

Olhemos de relance um quadro com estes números:

Cursos com graduação em Português	28
Universidades com Português	39
Universidades a iniciar Português	4

Atentemos um pouco na geografia e depressa nos apercebemos de que estas universidades se organizam no território da seguinte forma:

O número mais elevado situa-se na região de Beijing, onde existem nove universidades com Português, seja em curso de graduação, seja em *minor* ou como curso ou disciplina opcional.

Somam-se, depois, algumas fora do perímetro da capital, mas, ainda assim, a uma distância não muito considerável, atenta a dimensão do país: Tianjin, Hebei.

Predominam, entretanto, as universidades situadas nas províncias do litoral, de Norte a Sul, numa linha que vem de Harbin, em Heilongjiang, até Hainan e passa por Changchun, na província de Jilin, Dalian, em Liaoning, Nanjing, da província de Jiangsu, Shanghai, Hangzhou e Shaoxing, ambas em Zhejiang, Fujian, Guangdong.

O Norte cedo viu florescer o interesse pela língua, em Xi'An (Shaanxi); bem mais tarde, o mesmo viria a acontecer na capital de Gansu, Lanzhou.

Caminhando para o interior, encontramos Nanchang e Gangzhou, ambas na província de Jiangxi, Changsha, em Hunan, e a importante cidade de Wuhan, na província de Hubei; e, mais para o outro lado, Chengdu, capital de Sichuan, e o município autónomo de Chongqing.

Outras províncias se irão juntar neste processo de crescimento do Português, a julgar pelas intenções manifestadas pelas autoridades académicas. Em cada ano, duas ou três novas instituições dão início ao lento processo de recrutamento de docentes, de abertura de disciplinas opcionais, de tentativa de obtenção das superiores permissões para abertura dos cursos.

Estamos, portanto, perante uma mancha variada, mas consistente e com tendência inequívoca para o crescimento, agora mais no sentido do interior, onde há, ainda, muitas províncias que não possuem ensino do Português.

Vejamos um mapa que nos mostra um pouco esta realidade em todo o território:

2 Cf. Lei (2016), Li (2012, 2015, 2017) e Liu (2017).

Figura 1 - Universidades com oferta de Português na China



Os docentes que a este ensino se dedicam eram, há cerca de dez anos, duas ou três dezenas. Hoje são cerca de cento e oitenta, assim distribuídos por origem: cento e vinte são chineses, sessenta são portugueses ou brasileiros, com ligeiro predomínio dos primeiros.

Há cinco anos, em inquérito feito junto das duas dezenas de universidades existentes à data, não se encontrou um único docente com doutoramento e poucos que tivessem assumido já a disposição de trabalhar com vista à obtenção desse grau, o que vale por dizer que não estariam muito seguros, ainda, quanto a terem feito da vida universitária uma opção de carreira.

Hoje, os docentes chineses titulares de doutoramento são, pelo menos, doze; crescimento considerável, é certo; mas mais notável é o registo daqueles que firmaram já a decisão de investir na carreira académica e que se encontram a frequentar cursos de doutoramento: mais de

quarenta. Alguns deles estão em fase adiantada desse processo, o que significa, sem dúvida, que, entre quatro a seis anos, o ensino do Português na China contará com um quadro qualificado de mais de trinta docentes com doutoramento, número que ultrapassará largamente a meia centena bem antes de decorridos dez anos. E convém referir que estes números só podem pecar por defeito; em boa verdade, se juntarmos os docentes estrangeiros e os docentes chineses, ninguém se surpreenda se, numa década, o número de docentes doutorados a ensinar Português na República Popular da China ultrapassar a centena.

Do total de docentes, cento e vinte possuem o grau de Mestre, elemento que não pode considerar-se excessivamente relevante, uma vez que esse grau foi obtido em instituições muito diversas e nem sempre na área a cujo ensino se dedicam.

Quanto ao número de estudantes de licenciatura, co-

nheceu, igualmente, um aumento significativo. De poucas centenas há dez anos atrás, passaram, agora, para cerca de três mil e quinhentos, número que aumentará enormemente nos próximos anos, se considerarmos que algumas universidades apenas iniciaram os seus cursos há um ou dois anos, pelo que será necessário esperar mais dois, pelo menos, até atingirem o volume de alunos normal.

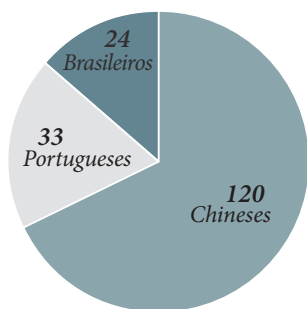
Atente-se na Figura 2 com todos estes dados, para se obter uma ideia de conjunto mais visível:

Figura 2 – Número de docentes de Português na China

Número de professores	178
Professores chineses	120
Professores portugueses ou brasileiros	57
Professores com Doutoramento	12
Professores com Mestrado	117
Professores só com Licenciatura	49
Professores inscritos em Doutoramento	42
Número de estudantes	3416

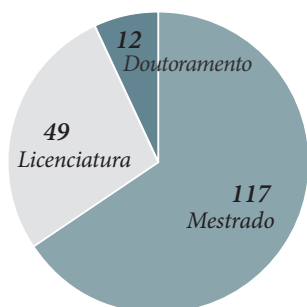
Atentemos, agora, em dois gráficos (Figuras 3 e 4) que ilustram bem o que acaba de dizer-se. Primeiro, um gráfico relativo ao número de docentes e a sua proveniência:

Figura 3 – Distribuição dos docentes de Português na China por nacionalidade



E também um outro respeitante às qualificações dos docentes:

Figura 4 – Níveis de habilitações dos docentes de Português na China



Todos estes dados, convém referi-lo, não incluem os registos referentes a Macau, uma vez que esses números os alterariam substancialmente. Em Macau, estudam português no ensino superior bem mais de mil alunos, e ensinam-no mais de cem professores.

Um quadro rigoroso, de resto, teria de contar com os números de outros países da Ásia: Tailândia, Vietname, Coreia, Japão.

Mas um olhar sobre o interior da China é já de si bastante significativo e é, convenhamos, o que importa aqui considerar.

Voltemos a um dos números enunciados na figura 4, o dos professores com doutoramento e o dos que fizeram a sua opção pela carreira académica e que se encontram inscritos em cursos de doutoramento. Uns e outros somados ultrapassam já o número de cinquenta. Isso demonstra, sem dúvida, que estamos perante o início de uma nova fase e perante uma clara mudança de paradigma, que deve obrigar a uma reflexão séria e aprofundada da parte de responsáveis, sejam instituições portuguesas ou instituições chinesas, e da parte de quantos pretendem desenvolver projectos relacionados com esta área.

Clarifiquemos: em inquérito efectuado há cinco anos, os docentes de português no interior da China queixavam-se de insuficiência de preparação e afirmavam-se necessitados de formação. Essa realidade, como é óbvio, não se altera de um dia para o outro; e, portanto, tais carências ainda existem, posto que em menor grau.

Essa é uma realidade, no entanto, que tende a mudar nos próximos anos, à medida que o corpo docente for adquirindo maiores qualificações. Não nos iludamos: alcançar o grau de doutor não significa, em si mesmo, a passagem do grau menor de preparação para o grau máximo da perfeição. Mas significa uma escolha, uma opção e faz antever o caminho que dessa escolha e dessa opção decorre. A seguir aos doutoramentos virão os pós-doutoramentos, os subsequentes trabalhos de investigação, a participação em equipas de trabalho e em projectos de investigação de âmbito internacional, a entrada num mundo novo, diferente, mais exigente, de maior responsabilidade e, por consequência, com resultados mais visíveis no que respeita à produção científica.

Diz-nos a história das últimas décadas que muitos dos melhores professores das várias áreas ligadas ao Português eram estrangeiros, isto é, nem portugueses nem brasileiros, ou seja, não falantes de português como língua materna, e ombreavam com os melhores de entre os Portugueses: lembro, em jeito de exemplo e sem quaisquer preocupações de exaustividade, Paul Teyssier, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, Arthur Lee-

-Francis Askins, Dieter Woll, Dietrich Brisemeister, Roger Bismut, Angel Marcos de Diós, Tom Earle, Stephen Reckert, para não referir Charles Boxer, por exemplo, na área da História.

Estes docentes chineses, de agora, aqueles a que se reportam os números acabados de revelar e que dão os primeiros passos no plano mais elevado das suas carreiras académicas, terão de trilhar esse caminho. Ano após ano, aumentarão o seu nível de especialização e de conhecimentos e podem (devem, digamos, sem tibiezas) aproximar-se de patamares de excelência. Foi assim que iniciaram os seus percursos os grandes lusitanistas do mundo académico internacional; estes, que iniciam, agora, os seus percursos, não são diferentes desses outros.

Quando o Instituto Politécnico de Macau criou o Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, em 2012, e lançou, em 2013, a sua actividade, deu mostras de uma visão estratégica que, indirectamente, já previa uma evolução deste tipo. O CPCLP, assim chamado, tinha por missão apoiar o ensino do Português em Macau e no interior da China, o que veio sendo feito, nos últimos cinco anos, através de acções de formação e através da produção de materiais didácticos e pedagógicos, de que os professores das universidades chinesas assumidamente se confessavam carenciados. Essa é a parte que faz jus ao adjectivo “Pedagógico”, no nome do Centro. Claro que a formação de docentes, pela sua própria natureza, bem como a produção de materiais, envolvem incontornavelmente uma dimensão científica. Mas o adjectivo “Científico”, no nome do CPCLP, tinha de significar muito mais. Em boa verdade, a opção pela carreira universitária tem tanto de desejo de realização pedagógica, quanto de ambição de crescimento no plano científico. Ser docente universitário, todos os sabemos, é ser, ao mesmo tempo, um professor e um investigador; e ambas estas funções têm de corresponder, por exigência que lhes é intrínseca e que deriva da própria natureza do meio universitário, a elevados padrões de excelência.

À medida que se multiplicavam os contactos com os colegas do interior da China, ao longo de mais de cinco anos, fomos sentindo, no âmbito do CPCLP, que os colegas que ali trabalhavam ansiavam por algo mais e, sobretudo, algo diferente daquilo que eram as nossas expectativas iniciais. Expliquemo-nos: a missão começou por ser, traduzindo em termos simplistas, facultar formação específica no âmbito do ensino do Português como Língua Estrangeira, em vários domínios, e produzir e facultar materiais de apoio ao ensino, especialmente concebidos para o trabalho pedagógico no interior da China e que tivessem em conta as especificidades desse contexto.

Mas a nova realidade, de que os números acima expostos dão conta em pormenor, apontava para uma outra necessidade. Já não estávamos a lidar com jovens diplomados em Português e que, por um acaso da vida, ensinavam essa língua, mas, antes, com pessoas que tinham feito da carreira académica uma opção profissional, com tudo o que isso representa. Ora, à semelhança do que sucede em qualquer outro país, a carreira académica, na República Popular da China, comporta um conjunto de exigências, quais sejam os graus académicos, desde logo o doutoramento, e a realização de um percurso compatível com as exigências de uma carreira de prestígio, traduzido num *curriculum* de qualidade reconhecida e em conformidade com os parâmetros internacionais.

Ora, a construção de um *curriculum* cuja qualidade seja aceite e reconhecida nas instâncias académicas implica o serviço docente, a formação inicial e a formação posterior, a participação em iniciativas científicas de âmbito internacional, mas, muito em particular, a concretização de publicações, seja em forma de livros saídos em editoras de prestígio, seja na modalidade de artigos publicados em revistas científicas de nome firmado e, de preferência, indexadas.

E aí começavam as angústias dos novos docentes: publicar onde? Que portas se lhes abriam para satisfazer essa exigência? Na República Popular da China não existia nenhuma revista científica na área do Português; e o acesso às que existiam em outros países, especialmente em Portugal e nos diversos países de língua portuguesa, não era propriamente fácil. Era, pois, necessário criar um espaço mais acessível para os docentes de Português na China e aberto a todos quantos quisessem nele publicar. Esse foi um anseio repetidamente expresso por muitos dos que ao ensino do Português se dedicam na República Popular da China, conscientes das exigências que lhes eram impostas pela carreira que haviam escolhido.

Foi por isso que o Instituto Politécnico de Macau decidiu, em 2017, criar uma revista científica na área do Português, cujo primeiro número deveria sair até final de 2018 e a que deu o nome de *Orientes do Português*. Pretende-se, com este nome, afirmar a identidade da revista, que tem o Português como objecto científico, seja no domínio da língua, seja no das culturas ou das literaturas ou da história, desde que tenham o Português como denominador comum, mas que deixa clara, também, nessa identidade, a palavra Oriente, com a ambiguidade que a caracteriza, pretendendo com essa ambiguidade significar várias coisas: o lugar onde nasce e é publicada, o seu ponto focal mais importante, o território ao qual se ligam mais fortemente aqueles para quem a revista é pensada, sem exclusão de quaisquer outros.

Foi longo o percurso até chegar aqui. Foi necessário, desde logo, constituir uma equipa redactorial com qualidade inquestionável, processo que requereu tempo e exigiu a contratação de docentes e investigadores com *curriculum* de qualidade, que são, hoje, o corpo de investigadores e docentes do CPCLP.

Foi preciso, além disso, congregar um conjunto de personalidades de créditos firmados entre os seus pares, nos meios académicos internacionais, para constituir o órgão de aconselhamento e validação da revista, processo esse que demanda, igualmente, tempo para fazer os convites e esperar que sejam aceites. Isso foi feito paulatinamente e o IPM orgulha-se de poder contar, no Conselho Científico da revista, com um conjunto de personalidades de inegável prestígio nos meios universitários da lusofonia, oriundos de muitas universidades e vários países:

João Malaca Casteleiro, Isabel Pires de Lima, Graça Rio-Torto e Isabel Margarida Duarte, de Portugal.

Amós Coelho da Silva, do Brasil.

Armando Jorge Lopes, de Moçambique.

Lei Heong Iok, Li Changsen, Xu Yixing e Ye Zhiliang da República Popular da China.

Helder Macedo, de Inglaterra.

Roberto Vecchi, de Itália.

Depois, necessário se tornou ter esperança de que os potenciais interessados em publicar respondessem positivamente e em número significativo ao vulgarmente designado *call for papers*; esperança que não saiu defraudada, como se verá pelo primeiro número, que agora se anuncia.

Finalmente, um passo importante para afirmação da credibilidade da revista era conseguir obter a colaboração de investigadores credenciados e idóneos, com mérito reconhecido nas diversas áreas, dispostos a fazer a avaliação por pares. Também neste domínio foi francamente positiva a adesão dos colegas contactados, em Portugal, no Brasil, em países africanos de língua portuguesa e, mesmo, entre especialistas de outras origens e nacionalidades.

Temos consciência, no Instituto Politécnico de Macau e, em especial, no Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, de que este é, apenas, o primeiro passo; significativo e importante, mas somente o primeiro passo. Nenhuma revista científica logra afirmar-se, unicamente, com um número, por maior que seja o empenhamento dos que a promovem, por mais qualificados que sejam os elementos do seu corpo redactorial, por prestigiados que sejam os membros do seu Conselho Editorial. Para que uma publicação de natureza académica se afirme e alcance lugar no mundo da especialidade, é indispensável que patenteie desde o início elevados parâmetros de exigência e que a qualidade de que se arroga se evidencie, não apenas no primeiro número, mas também nos que desde

então se lhe seguirem.

Esse é o percurso que se pretende para esta revista *Orientes do Português*.

2. O presente número de Orientes do Português

Este número inaugural de *Orientes do Português* apresenta dez trabalhos, todos eles validados por pares de árbitros de reconhecida competência e, como é de regra neste tipo de publicações, desconhecedores da identidade dos autores dos trabalhos que estavam a avaliar.

Cinco dos trabalhos, ou seja, metade versam questões de ordem didáctica, o que revela, indubitavelmente, o interesse que as questões do ensino da língua portuguesa suscitam nesta parte do mundo, em especial entre aqueles que a esse mesmo ensino se dedicam.

Entre esse conjunto, figuram: propostas didácticas, neste caso a partir da noção bakhtiniana de discurso (Fang Fang Zhang); a utilização de recursos audiovisuais em contexto específico, o da Coreia do Sul (Leila Ponciano e José Vanzelli); a especificidade das formas de tratamento e os problemas que suscitam entre aprendentes chineses (Ye Lin e Maria Helena Ançã); o desenvolvimento da compreensão oral, outro dos problemas com que se deparam os docentes de Português a Oriente (João Pereira); e, finalmente, temas da área específica da fonética, mais precisamente no âmbito da produção de vogais orais tónicas, campo de não raras dificuldades por parte de quem ensina Português a aprendentes de língua materna chinesa (Adelina Castelo e Maria João Freitas).

Todos estes são trabalhos muito específicos e situados num domínio que tem vindo a originar interessantes debates e curiosas reflexões, nos quais têm participado com entusiasmo docentes de Português, uns de origem chinesa, outros de origem portuguesa, ou seja, com dois ângulos de análise bem distintos e, portanto, com resultados diversos.

Somam-se, depois: um artigo no âmbito dos problemas de tradução, mais concretamente a tradução do eufemismo, um dos muitos contributos para uma área que será, porventura, das mais demandadas pelos professores de Português na China, onde as questões ligadas à Tradução são nucleares (Jingjian Zhao); um artigo centrado nas questões do texto, partindo de um conceito, o de referenciação, e da sua utilidade nas actividades de leitura e composição textual (Damares Souza Silva); um outro trabalho claramente na área da literatura, um domínio que começa a suscitar crescente interesse entre os professores chineses; neste caso, o trabalho centra-se em autor de origem goesa, Filinto Cristo Dias (Daniela Spina); um trabalho que cruza a literatura oral com o ensino do Português, ao

sublinhar a importância da actividade dos contadores de histórias para o ensino da literatura oral (Camila Dilli e Bruna Morello); e, por fim, um artigo de síntese e que, em última análise, se aproxima do presente texto introdutório da revista, uma vez que situa o seu olhar no tempo do começo do ensino do Português na República Popular da China, no terceiro quartel do século passado, e contextualiza esse processo nos acontecimentos que marcam a segunda metade do século XX (Lili Han e Vânia Rego).

São, pois, dez trabalhos diversificados, como se deseja numa revista que se pretende multidisciplinar, e trazidos ao debate coletivo por investigadores de origens diversas; seis dos autores são portugueses, cinco são brasileiros, quatro são chineses. Mais interessante, porém, é a origem destes estudos, considerado o local de trabalho dos seus autores: cinco exercem funções na República Popular da China, sendo igual, entre esses, o número dos que trabalham em Macau (quatro), e no interior da China (outros quatro); três estão ligados a instituições portuguesas, dois a instituições brasileiras, um trabalha na Coreia do Sul e um último na Dinamarca.

Pode dizer-se, pois, que este número inaugural da revista *Orientes do Português* marca, de alguma forma, o rumo que para ela foi definido, ou seja, o de ser uma revista plural em todos os sentidos: plural nos temas e modos de abordagem, plural nas ideias, plural na origem dos seus autores, plural no que respeita aos destinatários, plural nos interesses de quem nela escreve e de quem a lê.

3. Palavras finais

E regressamos, incontornavelmente, ao ponto de situação sobre o ensino do Português na China. Seja permitido insistir, de novo, no que atrás foi dito: do grau mínimo em que se estava, há menos de uma dúzia de anos, até ao ponto surpreendente em que nos situamos agora, foi rápida a viagem, mas enorme o percurso vencido. Docentes e investigadores que ao Português se dedicam na República Popular da China, entre os quais, repita-se, contavam-se zero doutores pouco tempo atrás, é possível identificar já mais de meia dúzia e é expectável contar, dentro de menos de dez anos, com um número de doutorados muito superior a cinquenta.

Esta mudança, em termos estatísticos, como tive oportunidade de sublinhar mais de uma vez e em vários locais, traz consigo necessariamente uma mudança de paradigma. Dentro de não muitos anos, a República Popular da China contará com especialistas qualificados na área do Português como conta, hoje, com especialistas em tantas outras áreas do conhecimento. Serão precisos muitos anos para que tais especialistas alcancem o patamar dos

grandes nomes da história do lusitanismo; mas esse é um resultado que virá a ser alcançado, se as autoridades chinesas não abrandarem na sua estratégia de aproximação aos países de língua portuguesa e se a economia e seus agentes se mantiverem, como tudo parece fazer antever, em consonância com essa estratégia.

Este é um momento de viragem e será um momento histórico na afirmação do Português na China e na Ásia. O Instituto Politécnico de Macau ficará para sempre ligado a esse momento e a tudo quanto ele representa, fruto da lúcida e sábia opção dos seus responsáveis.

Referências

- LEI, Heong Iok (2016) «O Instituto Politécnico de Macau e o ensino da língua portuguesa na RPC». Em *A língua portuguesa no mundo: passado, presente e futuro*, coord. por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório, pp. 273-285. Lisboa: Edições Colibri / Universidade da Beira Interior.
- LI, Changsen (2018) «Inspiração histórica: o ensino da língua portuguesa e a China Moderna». Em *Actas do 4º Fórum internacional da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André, Rui Pereira e Liliana Inverno, pp. 3-22. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- _____ (2015) «Nova expansão da língua portuguesa na China». Em *Actas do 2º fórum internacional do ensino da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André e Changsen Li, pp. 51-74. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- _____ (2012) «Ensino da língua portuguesa na República Popular da China durante a década de 60 do século XX». Em *Actas do 1º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China*, coord. Wai Hao Choi e Hongling Zhao, pp. 35-42. Macau: Instituto Politécnico de Macau
- LIU, Gang (2017) *Estratégias utilizadas por aprendentes de português língua estrangeira*. Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2in1>

IN MEMORIAM

Homenagem do IPM ao Professor João Malaca Casteleiro

Rosa BIZARRO *

A poucos dias de se cumprir um ano após o falecimento do Professor Doutor João Malaca Casteleiro, insigne académico e linguista português, um grupo de docentes e investigadores do Instituto Politécnico de Macau (IPM), por iniciativa do Presidente do Conselho Geral do IPM, Professor Doutor Lei Heong Iok, reuniu-se num acto de homenagem ao insigne professor.

A importância do Professor Doutor Malaca Casteleiro, por todos reconhecida, quer sob o ponto de vista académico quer no estreitamento das relações entre Portugal e a China, em geral, e Macau e o Instituto Politécnico de Macau, em particular, impôs este momento, que permitiu aos presentes (Professores Doutores Choi Wai Hao, Changsen/James Li, Han Lili, Zhang Yunfeng/ Gaspar e Rosa Bizarro) recordar os fortes laços profissionais, mas também pessoais que os ligavam ao Professor Malaca Casteleiro.

Neste sentido, o Professor Lei Heong Iok, começou por referir ter sido aluno do homenageado, na Universidade de Lisboa, em 1982-83, onde teve oportunidade de realizar um Curso de Língua e Cultura Portuguesa, dando-se aí o início de uma relação próxima e duradoura entre ambos, totalmente marcada pelo respeito, a solidariedade e a entajuda.



Sessão de homenagem ao Prof. Malaca Casteleiro, 1.02.2021.

* Professora Coordenadora do IPM.

Graças a essa relação próxima, o Professor Malaca Casteleiro foi examinador externo do curso de licenciatura em Tradução e Interpretação Chinês-Português-Chinês da Escola Superior de Línguas e Tradução do IPM, tendo contribuído para a sua dignificação e qualidade, através de inúmeros pareceres e do incentivo à formação docente especializada.

Foi também por intermédio do Professor Malaca Casteleiro (entre outros) que a Universidade de Lisboa e o Instituto Politécnico de Macau estabeleceram um protocolo que levou à realização, no IPM, de um Doutoramento em Língua e Cultura Portuguesas (Língua Estrangeira/ Língua Segunda), o qual favoreceu, de modo decisivo, o prestígio da instituição macaense e a formação avançada de alguns dos seus docentes.

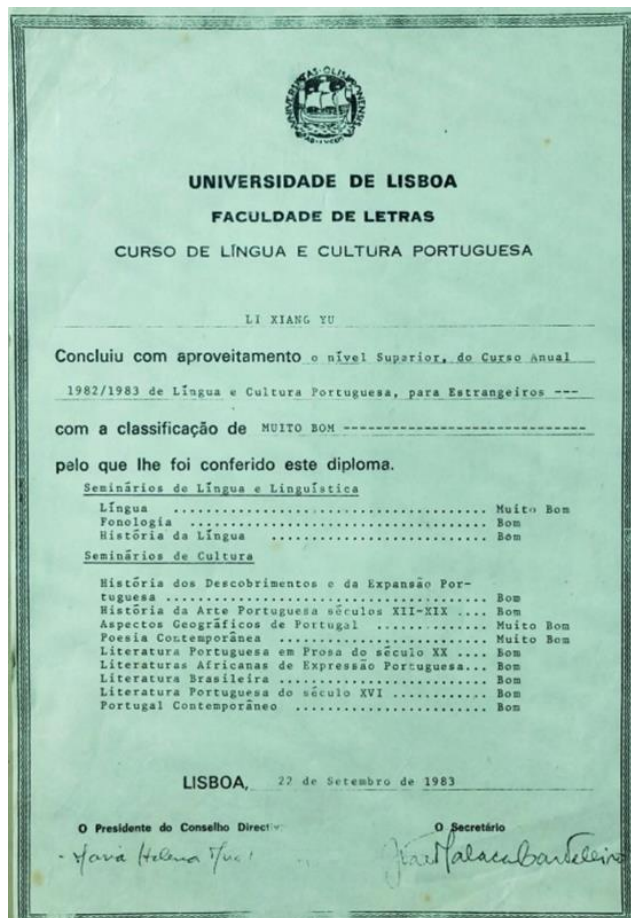
Também na área de produção de materiais didáticos, o contributo dado pelo Professor Malaca Casteleiro é de assinalável valia. Coordenador dos manuais de língua portuguesa intitulados “Português Global” (da autoria de Carla Oliveira e Maria Luísa Coelho) e editados com o patrocínio do IPM, revelou-se um académico atento às questões do ensino da língua portuguesa a falantes de língua materna chinesa, tendo esta obra merecido uma edição especial realizada pela importante editora de Pequim Commercial Press e, assim, penetrado, de modo inequívoco, em toda a República Popular da China.

De assinalar, igualmente, a inestimável colaboração dada pelo Professor Malaca Casteleiro a diversos encontros científicos realizados no IPM e no Interior da China, com destaque para os vários Fóruns internacionais do Ensino da Língua Portuguesa na China e diferentes conferências sobre, por exemplo, o novo Acordo Ortográfico, de que foi indefectível defensor.

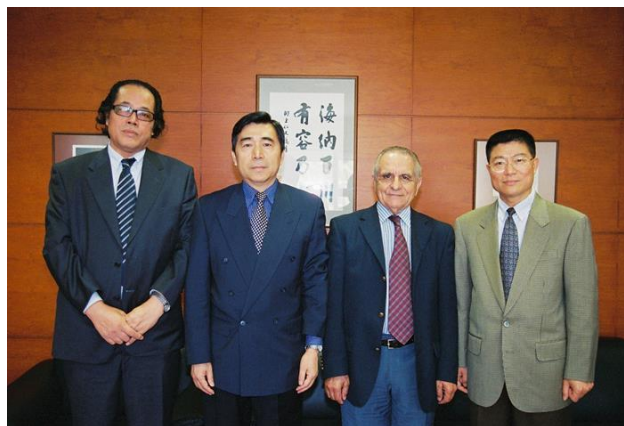
O seu alto valor como docente no Ensino Superior e investigador foi, ainda, sublinhado por qualidades humanas ímpares, de que se destacam a simpatia, a lealdade e a integridade, visíveis em inúmeros registos fotográficos partilhados, nesta sessão, pelos Professores Lei Heong Iok e Choi Wai Hao.

João Malaca Casteleiro foi, indiscutivelmente, um Amigo da República Popular da China e do Instituto Politécnico de Macau. Para sempre ficará na memória de todos quantos com ele tiveram o privilégio e a honra de conviver e aprender.

Macau e IPM, 1 de Fevereiro de 2021



Certificado de classificações de Lei Heong Iok, assinado pelo Professor João Malaca Casteleiro.



Professores Li Changsen, Choi Wai Hao, João Malaca Casteleiro e Lei Heong Iok.

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2in2>

HOMENAGEM

Evocando João Malaca Casteleiro

*Margarita CORREIA**

Conheci o Professor Malaca em 1989, quando ingressei no Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Fui sua orientanda de mestrado e de doutoramento, sua assistente e sua colega. Na altura em que o conheci, ele era mais novo do que eu sou agora e eu era uma miúda de 28 anos. Desde o primeiro instante me tratou com respeito intelectual e se dispôs a ouvir as minhas ideias.

João Malaca Casteleiro nasceu em 29 de agosto de 1936, tendo falecido com 83 anos de idade. Eu costumava brincar com ele e com a Maria Tereza Camargo Biderman, outra eminente lexicógrafa da língua portuguesa, falecida em 2008, dizendo que o dia 29 de agosto deveria ser instituído nos nossos países como “dia do lexicógrafo”, pois ambos celebravam o seu aniversário nesse dia.

João Malaca Casteleiro foi professor catedrático da FLUL, diretor do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e membro da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), onde criou e presidiu durante anos ao Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. Presidiu também durante muitos anos ao Departamento de Língua e Cultura Portuguesa (DLCP) da FLUL, prontamente extinto após a sua jubilação e substituído pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Malaca Casteleiro distinguiu-se nos estudos nos âmbitos da sintaxe, do léxico e da didática da língua, tendo orientado mais de meia centena de teses de mestrado e doutoramento. Participou em vários trabalhos conducentes à unificação da norma ortográfica da língua portuguesa, sendo um dos autores do texto do Acordo Ortográfico de 1990. Deixa vasta obra, na

* Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal || ✉ margarita@campus.ul.pt

qual se destaca a coordenação do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, trabalho que não conseguiu atualizar, como pretendia, e o Dicionário de Língua Portuguesa Medieval (a aguardar publicação), coordenado por si, por Maria de Lourdes Crispim e por Maria Francisca Xavier, nossa colega também recentemente falecida.

Malaca Casteleiro ocupou muitos cargos e desempenhou funções de grande visibilidade e responsabilidade, participou em projetos e ações determinantes para o futuro da linguística e para o desenvolvimento da língua portuguesa. Marcou definitivamente a linguística do português e o SEU ensino como língua estrangeira.

Serviu com competência e abnegação as instituições onde trabalhou, a ACL e a FLUL principalmente, a ambas tendo deixado inestimável herança científica e humana, e, no caso da segunda, também um significativo fundo pecuniário.

O seu contributo para o desenvolvimento, a difusão e a internacionalização da língua portuguesa foi inestimável. Foi pedra basilar da difusão do português em Macau e na China, granjeando o respeito e a amizade de autoridades macaenses e chinesas, e abrindo caminho para as muitas formas de cooperação em língua portuguesa hoje em curso. No DLCP, foi responsável pela formação de alguns milhares de estrangeiros, que nesse departamento aprenderam ou aprofundaram conhecimentos sobre a língua portuguesa e as culturas que nela se exprimem; foi também dos maiores responsáveis pela formação de professores de português, como língua materna ou estrangeira ou segunda, espalhados pelo mundo inteiro. Ao orientar dissertações e teses, apoiou os seus alunos cientificamente, profissionalmente e também pessoalmente. Deixou-nos o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, que, apesar dos erros e inconsistências que todos lhe reconhecemos, é ainda hoje o dicionário estruturalmente mais conseguido, mais moderno e mais científico existente para o português europeu. A última obra que coordenou em parceria, o Dicionário da Língua Portuguesa Medieval, vem preencher uma lacuna significativa na lexicografia portuguesa e fortalecer o conhecimento

sobre a história do português. Contribuiu para a proposta de Acordo Ortográfico de 1986, que teve como maior erro o facto de ser fundamentada na linguística mais avançada da época, inovadora e radical, não tendo os seus autores percebido na altura que poucas coisas haverá mais conservadoras, ideológicas e elitistas do que a ortografia de uma língua. Foi um dos autores do texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 e um dos responsáveis pela sua aplicação, com a qual a língua portuguesa deu um passo de gigante na consolidação do seu estatuto de língua efetivamente comum de oito países, elo de união de povos de diferentes etnias, culturas e latitudes.

João Malaca Casteleiro não recebeu em vida o reconhecimento e a homenagem que lhe eram devidos, porque foi um homem íntegro, porque nunca foi pessoa de cultivar amizades interesseiras, de bajular, nem de vergar ou de se vender; e porque, infelizmente, as instituições e as pessoas que as dirigem são o que são. Pessoas com a verticalidade e o denodo do Professor Malaca nunca são, nem poderiam ser, consensuais.

A língua portuguesa, una e forte, internacional e pluricêntrica, deve muito à sua visão e ao seu trabalho. Os seus discípulos, entre os quais me incluo, ficam órfãos, mas fortes, com o dever indelével de preservar o seu legado e prosseguir a sua missão.

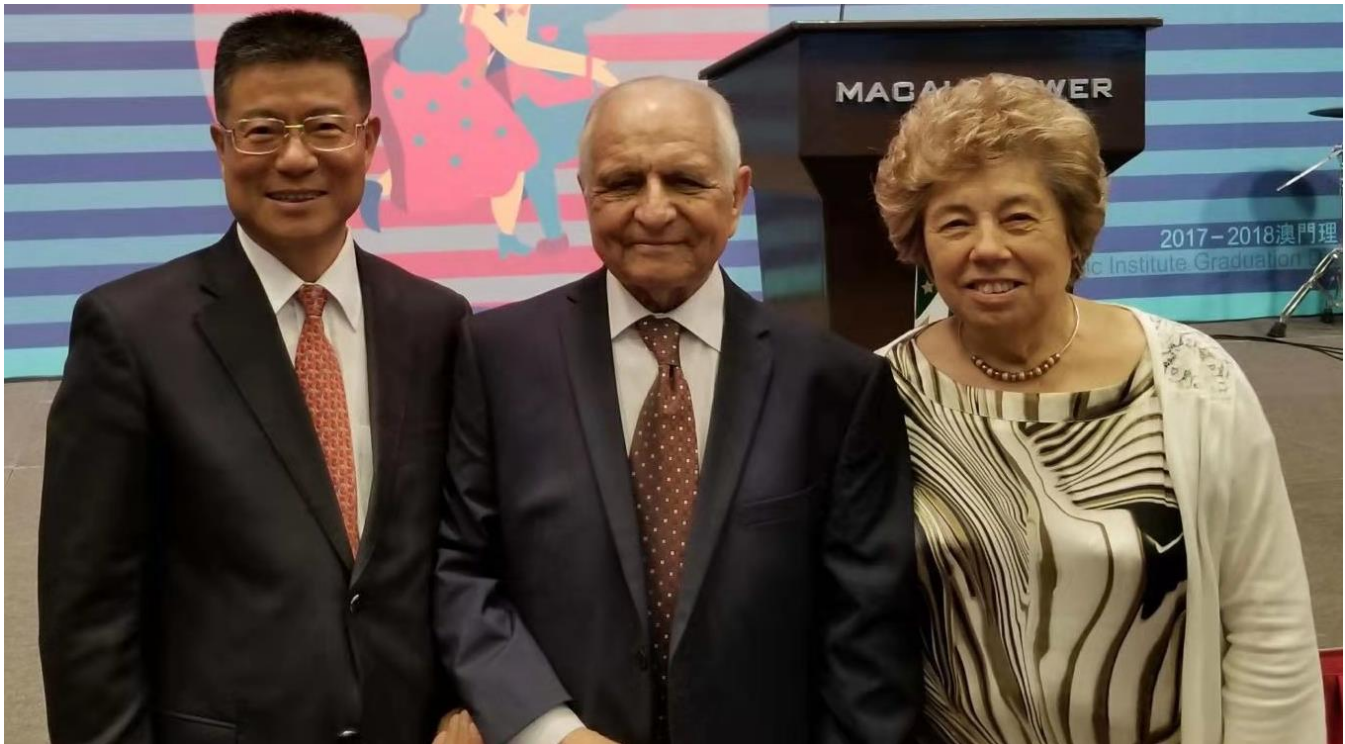
Mas, para mim, não são estas as características que melhor o definem.

O Professor Malaca foi um homem bom e generoso, muito mais interessado no bem comum do que no seu próprio, um homem de ação, que sempre levou por diante os projetos em que acreditou, com coragem e determinação. Costumava dizer que “quem nada faz nunca é criticado” e esta frase define-o como académico e professor, mas também como cidadão e como pessoa.

Foi um homem simples e corajoso. Ao longo da sua vida nunca voltou as costas aos desafios e às críticas (tantas vezes infundadas e injustas), travando as suas batalhas pessoais e profissionais com desassombro, arrojo e até heroísmo. Muito ousou e muito conseguiu.

Sempre me tratou com respeito e consideração, dando-me toda a liberdade para desenvolver as minhas ideias e a minha pesquisa. Sempre me permitiu expressar as minhas opiniões com frontalidade, mesmo quando discordavam das suas, o que era frequente. Sempre me aceitou como sou, como penso, não sem deixar de brincar com as minhas ideias e posições políticas mais radicais. Unia-nos o gosto pelo léxico, pelos dicionários, pela língua portuguesa. Unia-nos também a crença no papel social e político que os linguistas podem e devem desempenhar.

Profissionalmente e também a nível pessoal construí com o Professor Malaca uma relação alicerçada no respeito mútuo, de aberta frontalidade e franqueza, características que muito aprecio nas relações humanas e profissionais. Sinto por ele profundo respeito, gratidão, amizade e carinho. Para mim sempre será, como sempre foi, “o Professor Malaca”, até no nosso último encontro, no Porto, em outubro de 2019. Aprendi muito com ele, da linguística e da vida. Tenho muitas saudades dele e das longas conversas que tínhamos, mas a sua memória permanece sempre comigo e é com doçura que o lembro.



Lei Heong Iok, João Malaca Casteleiro e Conceição Casteleiro na cerimónia de graduação do Instituto Politécnico de Macau, 2018.

ENTREVISTAS

Histórias de João Malaca Casteleiro. Depoimentos de Maria José Grosso e Chrys Chrystello e algumas declarações do linguista em Macau

*Caio César CHRISTIANO**

Conheci o professor João Malaca Casteleiro no mês de outubro de 2010, quando participei do 14.º Colóquio da Lusofonia, que aconteceu na cidade de Bragança, em Portugal. Ainda me lembro da primeira pergunta que lhe fiz. Na época, todos os que, de uma forma ou de outra, trabalhávamos com a difusão da língua portuguesa andávamos envolvidos em acaloradas discussões a respeito do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Como tinha a minha frente um dos “pais” do Acordo, resolvi colocar uma questão acerca de um ponto que me parecia demonstrar de modo cabal a arbitrariedade de alguns critérios utilizados para a elaboração de algumas das regras que deveriam a partir de então ser observadas para a escrita de nossa língua. Tratava-se da não utilização do hífen em palavras para as quais se já se havia “perdido a noção” de serem compostas. O exemplo mais usado era o de “pára-quedas” que, além de perder o acento agudo (uma vez que o

novo acordo eliminou a maioria dos acentos diferenciados), passaria a ser escrito sem hífen (“paraquedas”), já que a noção de ser uma palavra composta se havia perdido. Argumentei que, ao que tudo indicava, ainda estava perfeitamente claro que o paraquedas servia para parar as quedas e que, não só para mim, mas principalmente para as muitas pessoas que saltam de aviões tendo o paraquedas como única garantia de um pouso seguro, esta noção nunca realmente se perdera. O que se seguiu foi uma verdadeira lição. Muitos poderiam ver na minha pergunta uma espécie de crítica ou provocação, já que o debate e o confronto público no campo das ideias, que deveriam ser a norma na vida científica, parecem cada vez mais cair em desuso, sendo gradualmente substituídos pela esquiva ao diálogo científico e pelos meros ataques *ad personam* que tanto dano causam ao ambiente acadêmico. O Professor João Malaca Casteleiro, porém, não temia

* Professor Adjunto do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do IPM || ✉ caio.christiano@ipm.edu.mo

controvérsias e muito menos provocações. Pacientemente, tomou a palavra e explicou que “perder a noção” não se referia ao conhecimento semântico do termo, mas sim à noção de que se tratava de uma palavra composta no campo morfossintático: a partir de paraquedas, contrariamente a outros substantivos compostos, pode-se formar substantivos como paraquedista ou paraquedismo, o que demonstra que já não funciona como um termo composto comum. Além de convencido e satisfeito pela resposta, fiquei ao mesmo tempo maravilhado pela forma elegante com que um argumento meu, que considerava irrefutável, foi rebatido e refutado perante todo o público. Somente os grandes são capazes de continuar a ser grandes sem a mínima necessidade de fazer com que os outros se sintam pequenos.

As entrevistas que se seguem foram realizadas com pessoas que conheceram o Professor João Malaca Casteleiro e que com ele tiveram contato próximo em diferentes momentos de sua vida. Elas ajudam a traçar o retrato do linguista e do homem que era um dos membros do Conselho Editorial da *Revista Orientes do Português* e que nos deixou no dia 07 de fevereiro de 2020.

1. Maria José Grosso

Maria José Grosso, professora associada da Universidade de Lisboa e convidada da Universidade de Macau, teve a gentileza de vir ao meu encontro nas instalações do *campus* do Instituto Politécnico de Macau na ilha da Taipa. Tendo sido orientanda, discípula e amiga de longa data do Professor João Malaca Casteleiro, tratava-se de uma das escolhas óbvias para prestar este depoimento. A entrevista foi concedida no dia 27 de janeiro de 2021.

Como e quando conheceu o Professor João Malaca Casteleiro?

Começo justamente por um pequeno *fait-divers*. Num primeiro contacto, conheci o Professor João Malaca Casteleiro não como professor, mas como alguém que eu pensava ser um daqueles alunos mais velhos que na altura eram alunos externos da própria faculdade. Eu era muito jovem no pós-25 de abril e, de facto, também eu tinha começado a trabalhar no ensino secundário. Portanto, era estudante trabalhadora. E, num daqueles encontros num bar, estava o professor Malaca a falar

com outros colegas, certamente alunos dele, mas eu confundi-o com um estudante também trabalhador. Então comecei a falar normalmente, sei lá, talvez das horas ou de outra coisa, e entramos numa conversa porque o professor Malaca tinha sido também professor do ensino secundário. Tínhamos também uma coisa em comum interessante, apesar da diferença de idade, eu tinha acabado de chegar da *Universtà Italiana Per Stranieri* onde tinha feito um daqueles cursos de verão de língua italiana e o professor havia lá estado havia já alguns anos.

Mas o que é que resulta desta história? De facto, eu, como dou sempre mais importância ao conteúdo do que à formalidade, não vi que estava perante uma das pessoas que se ia tornar praticamente um marco da língua portuguesa e comecei a tratar o professor por tu, porque pensei que era, de facto, um colega meu.

O professor deve ter achado piada – acho que na altura ele ainda era assistente – e também começou a tratar-me por tu e para mim era sempre o Malaca ou o João Malaca.

Um pouco mais tarde, eu começo a trabalhar naquilo que se vai tornar o departamento de língua e cultura portuguesa, mas o Professor na altura ainda não era diretor nem presidente do departamento (ele só o será em 1984) e eu só me apercebo de facto que ele é já um professor na altura em que eu entro no mestrado que, acho que foi o segundo que houve na faculdade, penso eu em 1984. Ele é o meu professor de sintaxe. Quer dizer, eu já tinha uma ideia, mas não era todo aquele peso de estar perante uma pessoa diferente. Portanto, ele é o meu professor de sintaxe durante todo o tempo do mestrado e depois mais tarde é também meu superior hierárquico, porque é presidente do departamento de língua e cultura portuguesa e eu concorro com outros colegas que já lá trabalhávamos. Concorreu imensa gente. Na altura, nós já tínhamos um trabalho mais ou menos fixo. Fazíamos aquilo por gosto. Eu já tinha passado, muito cedo, a professora efetiva do secundário, então desaconselhavam-nos a concorrer porque, inclusive, íamos ganhar menos do que se ganhava no secundário. Mas tudo bem, eu concorri e fiquei. Fomos poucos os que ficamos, nove ou dez. Quando me apercebi destas coisas todas, comecei a tratá-lo por Professor Malaca. Ele disse, “Não, Maria José, que disparate é esse! Já nos conhecemos há 10 ou

15 anos, vamos continuar a tratar-nos por tu”. Então era sempre aquela situação muito engraçada. Quando estávamos até com a mulher dele, a Dr.^a Conceição, tratávamo-nos por tu numa relação muito amistosa e amigável. Quando estava dentro de uma aula ou numa situação muito formal, obviamente, tratava-o por Professor Malaca.

Ele já era conhecido nacionalmente nessa época?

De facto, ele tinha, digamos, um certo poder e, ao mesmo tempo, isto mais ou menos até 1988, todos nós, por sermos alunos dele, desenvolvíamos uma área de investigação que era chamada o “léxico-gramática” que era representado pelo professor Maurice Gross. Os seus *Méthodes en Syntaxe*¹, portanto, eram a bíblia. Depois, tínhamos também o linguista Gaston Gross. Isso é quase anedótico: por brincadeira, às vezes, os alunos tiravam o “o” do meu nome e punham Maria José “Gross”.

A base dele eram os autores franceses e, neste sentido, julgo que ele inclusive ganhou um prémio em França da área da investigação e do desenvolvimento², além de estar, isso já nos anos 1980, muito ligado à produção de materiais de língua portuguesa. Lembro-me de duas colegas que trabalhavam no antigo departamento que terão vindo a Macau divulgar o livro *Falar Português*, um livro que certamente conhece e que é muito conhecido, com capa verde e azul³. Que eu me lembre, foi a grande divulgação do português aqui em Macau. Eu não estava propriamente nesta ligação direta científica com o Professor, se bem que, também nesta altura, ainda no final dos anos 1990, havia um dicionário lexicográfico no centro de linguística ao qual eu também estive ligada e no qual todos os colegas que estavam no centro de linguística trabalhámos.

Mas, tenho que dizer algo que acho interessante: nestes anos do centro de linguística que ficava na 5 de outubro, quase todas as pessoas que estávamos ali trabalhávamos quase como uma família, dávamo-nos todos muito bem, estávamos todos muito ligados não só às pessoas da área da linguística, mas também às pessoas da área da literatura, que iam lá constantemente. Uma delas era a Fiama Hasse Paes Brandão.

Outra colega que estava lá a trabalhar era a Dr.^a Teresa Porto. Estas pessoas que estavam lá fazem parte de uma época de grande afetividade, porque a idade é outra, onde não há grandes rivalidades e, de facto, o nome do Professor Malaca aparecia constantemente porque ele era orientador da maior parte das pessoas que estavam ali a trabalhar. Até para as pessoas que trabalhavam na área chomskyana, portanto a generativa, ele era o orientador delas no mestrado, doutoramento e também nesta área que disse da léxico-gramática. Na altura trabalhava-se muito na sintaxe do verbo

Portanto, digamos, se calhar, não tenho aquela sensação da figura que se impõe na época, até porque nestas coisas, tudo é relativo, mas o nome dele era muito falado: “Estou fazendo uma tese com o Malaca”.

Fale um pouco da ligação dele com a área de PLE

Acho que na altura, o que eu sabia do Prof. Malaca era que ele se começou a interessar muito pelo PLE. Lembro-me destas conversas em que comparava a Universidade Italiana para Estrangeiros de Pérúgia com aquele departamento, que ainda não era departamento, mas um centro. Estavam lá outras pessoas, não era propriamente o Professor Malaca, apesar de ele dar também apoio. O grande sonho dele, e ele falou disto várias vezes, era um dia ter a capacidade de criar um grande instituto só para Português Língua Estrangeira ou então, idealmente, tal como em Pérúgia, criar uma Universidade só para o PLE. Esta era uma época dourada, em que ele vivia muito destes sonhos, portanto, era um visionário nesta perspectiva. Tinha muitos contactos, era muito convidado para o exterior e o departamento tinha uma coisa de que ele se orgulhava muito, pois era o único departamento na faculdade de letras que tinha sido criado por despacho, em 1987, e isso era uma coisa única. Acho que, posteriormente, quando foi diluído, ninguém olhou esse despacho, mas de facto, dentro da própria faculdade de letras era o único que tinha sido criado por despacho do Ministro da Educação e daí ele ter criado um departamento com pessoas próprias que se doutoraram mais ou menos naquela área, mas que, por várias razões, que não

¹ NB: GROSS, Maurice (1975) *Méthodes en syntaxe: régime des constructions complétives*. Paris : Université de Paris-Vincennes.

² NB: O Professor João Malaca Casteleiro recebeu o grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas no dia 4 de julho de 1986.

³ NB: LEIRIA, Isabel & Manuela VASCONCELOS (1985) *Falar Português*. Macau: Serviço de Educação e Cultura.

interessam aqui, não conseguiram – aliás, como a maior parte das pessoas – progredir na carreira.

Quais eram as visões do Professor Malaca sobre didática das línguas estrangeiras

Uma das participações que ele teve ligada ao ensino da língua tinha a ver com a descrição da própria língua. Aliás, ele escreveu durante muito tempo de forma regular para uma revista do ministério da educação que era para formação dos professores – a Escola Democrática –, mas que não tinha muita divulgação. Nessa revista, ele apresentava a gramática de uma forma pedagógica, de uma forma simples. Por exemplo, lembro de uma das coisas que li na altura: a história dos nomes massivos. Numa época em que praticamente ninguém falava de nomes massivos, as suas explicações nos davam muita segurança. Porque é que eu digo “eu como peixe” e não posso aceitar, “eu como o peixe”?

Ele trabalha no uso da língua e nessa perspectiva é um homem de comunicação. Sempre defendeu o uso da língua como as pessoas falam. Não sei se ouviu dizer, mas foi muito criticado porque tinha inserido no dicionário a palavra “bué”. Então, por um lado, queria ir ao encontro daquilo que as pessoas diziam, daquilo que falavam, e, nessa perspectiva, era um homem da comunicação. Agora, se ele seguia mais a abordagem comunicativa ou seguia mais o audiolingual ou os chamados métodos estruturais, é difícil dizer, ele não era um professor de línguas.

Ele é um linguista essencialmente, e como linguista, trabalhava a frase, porque uma das áreas que ele gostava imenso de trabalhar era a sintaxe verbal, mas também nos dava visões diversas, por exemplo, com a Claire Benveniste, nós estudámos, até ao pormenor, a teoria da pronominalização. Tinha várias visões e era muito aberto àquilo que os professores lhe diziam. Era um homem de cátedra, um homem que seguia os seus apontamentos. Agora, nas aulas dele, também havia discussão, apesar de ser um professor universitário que fazia as suas descrições gramaticais. A pessoa podia lhe por uma pergunta que não estava ali e ele não ia buscar qualquer coisa, ele pensava antes de responder. Aliás, era um homem que sabia latim, ou pelo menos sabia o suficiente para lhe dar essa perspectiva, essa

ideia de pensar. Na prática, ele é um homem que praticava uma abordagem comunicativa intercultural quando ensinava aos mais novos – eu e todos os outros colegas. Mas ele próprio, não sei se se pode dizer que era um homem da abordagem comunicativa... Era um linguista.

Em 1986 já havia a primeira versão do Acordo Ortográfico. Na época, o Antônio Houaiss e o João Malaca Casteleiro já estavam a trabalhar nisso. Com vocês, ele falava sobre o Acordo já nessa época?

O Professor Malaca, nas aulas que nos dava, era muito objetivo e tínhamos de seguir rigorosamente o que ele estava a descrever, se bem que desse sempre muita liberdade às pessoas, fosse tese de mestrado, de doutoramento. Depois, acontece que ele tinha estado ligado ao projeto do português fundamental para o vocabulário e da gramática. Aquilo que ele lamentava é que, como nós vemos, a gramática nunca saiu. Ele dizia: “não tenho tempo, se houvesse alguém...”.

Ele tinha sempre esta preocupação porque uma das grandes paixões dele é a gramática, a sintaxe. Depois, tínhamos o livro dele a *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*⁴, uma autêntica bíblia. Não sei se alguém sozinho consegue hoje produzir um documento como aquele. Nós, durante todo o tempo em que éramos estudantes, se queríamos saber a diferença entre aceitabilidade, gramaticalidade, ver as diferenças entre ser e estar, vamos consultar a sintaxe transformacional. Ele tinha isso atrás de si. Depois, penso que ele começa com muitas ligações, digamos até políticas, à África e começa a pensar numa ideia diferente de que se nós simplificássemos a escrita, se calhar, era mais fácil para os alunos falantes de outras línguas seguirem o português. Lembro-me de nós discutirmos porque é que conosco deveria ser com dois “nn”, porque é que não se facilitava?

Ele tinha excelentes relações com o Brasil, teve sempre. Porque é que não havemos de fazer como os amigos brasileiros que facilitam tudo? E, nessa altura, começa aquela divisão do PE do PB que não era nada bem-vista, até porque, se reparar, há um grupo muito forte em Portugal que, sobre as coisas da língua, da literatura e da sociedade, tem uma visão tradicional. Para

⁴ NB: CASTELEIRO, João Malaca (1981). *Sintaxe Transformacional do Adjetivo: Regência das Construções Completivas*. Lisboa: Instituto Nacional De Investigação Científica.

eles, mesmo quando falamos, a língua tem de ser conservada quase como a sua forma escrita. Nós sabemos que o oral e o escrito são coisas completamente diferentes, nunca poderão ser iguais, mas infelizmente havia grupos e há, agora menos, dentro da sociedade que achavam que esta ideia do AO era um desvirtuar da pureza da própria língua. Eram críticas tremendas, era pôr o português pelas ruas da amargura. Estávamos sob o domínio de A, B e C. Não esqueçamos que, após o 25 de abril, as pessoas estavam muito próximas, mas, nos anos posteriores, há falantes que consideram que a palavra “você” é uma realização de má educação.

Sua ligação e a do Professor Malaca com a China. Como aconteceu? Onde vocês dois se juntam nessa ligação?

Em 1987, eu estava a fazer o mestrado e havia um senhor em Macau, especialista em fonética, diretor do centro de difusão da língua portuguesa, o professor Manuel Nóia. Tinha vindo de lá, era professor assistente e também havia um outro aluno do professor Malaca (ambos já morreram). Havia a necessidade de vir aqui alguém a Macau para mostrar o que estava a ser feito na Europa para a divulgação das línguas e o professor já tinha vindo aqui por causa do manual. E o que sabíamos que estava a ser feito na Europa, e já com alguns anos, era o chamado nível limiar. Estavam-se a cumprir as coisas do nível limiar com dois colegas, o Américo Meira e o José Pascoal, ambos assistentes. É pedido que, para esse centro de difusão de língua portuguesa, venha alguém explicar o que se passa na Europa e como é que Macau pode modernizar os programas, tornar-se um centro de língua mais atual, mais moderno. Estava cá também um colega, o José Betencourt, que também tinha trabalhado no centro de linguística. Todas estas pessoas tinham trabalhado com o professor Malaca.

Na altura, vim eu, outro colega não podia vir e veio o colega Américo Meira, co-autor do nível limiar. Qual é a nossa função? Uma função muito engraçada, viemos os dois, fazer grandes formações para muita gente: todos os professores que davam aulas de português como língua estrangeira. Eram vários dias, eu e o meu colega tínhamos grupos diferentes e, ao mesmo tempo, deslocávamo-nos ao Centro de Difusão de Línguas e víamos o que estava a ser feito.

Foi um trabalho extremamente produtivo, porque as pessoas receberam-nos muito bem. Nós éramos pessoas na casa dos 30. As pessoas que cá estavam, já há muito tempo, com 40 ou 50 anos, muitas vezes não aceitam muito bem isso. Havia cá uma colega, muito sabedora, a Rosário Vidal, de quem fiquei amiga, e que não fazia formação, pois achava que era melhor haver pessoas do exterior, porque trazem a boa nova.

Foi uma experiência muito interessante, muito rica. A ideia era transformar os programas de acordo com o nível limiar. Não estou a negar o bom trabalho que as pessoas tinham feito, o que estou a dizer é que comecem a ser introduzidas novas propostas, de se dar muita importância ao ato de fala e daí o nível limiar tinha um papel importante. No nível limiar está tudo preparado: “tal ato de fala é ligado a informar”. Bastava transferir aquilo para os manuais e materiais. Infelizmente, mesmo passados quase 20 anos do nível limiar ter sido feito, praticamente nenhum professor conhece ou consulta. Nas centenas de formações que tenho dado, quando falo do nível limiar, dizem que conhecem, mas é muito difícil de consultar. As pessoas têm alguma rejeição a tudo o que é volumoso a consultar.

Eu não conhecia Macau, só conhecia pelos alunos que tinha em Portugal nos anos 80. Em 1989, um professor de história (Teodoro de Matos), convidou-me. Precisam de alguém que estivesse ligado ao mundo chinês, e eu, durante alguns anos só dava aulas a alunos chineses e não-europeus. Tive o privilégio de ter alunos chineses, japoneses, iranianos e africanos. Como assistente, não podia assumir a responsabilidade pelas cadeiras e quem fica a cargo delas é o professor Malaca Casteleiro, além do professor Mário Vilela. Como o professor Malaca não estava cá, era eu que dava as cadeiras dele. Durante aqueles anos todos eu substituí-a na sintaxe, linguística aplicada etc.

Ele ficava com os mestrandos e doutorandos e eu, estando cá, apoiava-os. Em 1996 saí da Universidade de Macau e fui para o Instituto Português do Oriente, como diretora do centro, para formar professores, criar materiais e lançar cursos de português para fins específicos. Mais uma vez o professor Malaca, que era, digamos, o meu pai científico, continuava ao meu lado.

Outra pessoa que estava muito ligada ao professor Malaca em Macau era o professor Lei Iong Hok, do Instituto Politécnico de Macau. Tinham uma amizade

incrível, o professor Lei era o professor de língua chinesa mais português que havia e a outra pessoa, que também continua em Macau, era o Wang Zeng Yang, com quem eu trabalhava muito em português.

O Professor Malaca vinha muito a Macau, não é? Parecia gostar muito daqui...

Da última vez que veio eu, infelizmente, não o consegui ver, já estava doente. Teve uma doença que se veio a revelar, senti que se fechava um ciclo e que já não voltaria a Macau. Veio com a esposa, para fechar esse ciclo.

Mas ele gostava muito da China, dos alunos chineses. Tínhamos sempre imensas histórias engraçadas. Ele gostava muito da comida chinesa. Numa das últimas vezes, quando foi a Pequim, no aniversário de não sei quantos anos da língua portuguesa na China, foi engraçadíssimo. A muralha da China tem uns degraus extremamente altos. A partir de uma certa idade é difícil subir e descer e o professor Malaca parecia que tinha voltado aos seus 20 anos e lá subiu a muralha de China. Toda a gente preocupada, mas ele tinha um grande fascínio pelo Oriente.

Outra coisa diferente que as pessoas talvez não conheçam, era o seu aspecto lúdico, de gostar de brincar. Por exemplo, quando íamos a algumas reuniões da ALTE, em Espanha, as pessoas tinham o hábito de sair à noite e ele acompanhava sempre. Saía e brincava muito.

Outra coisa é que, para todos nós, alunos diretos que conviveram com ele, falava-nos sempre de uma forma quase metafórica, mostrando-nos aquele lado que ele tinha muito ligado à vida da terra. O professor tinha uma quinta no Norte e gostava muito da vida da terra. Tinha expressões muito interessantes, por exemplo, “os cães ladram e a caravana passa”. Lembramo-nos sempre de ele usar muitos provérbios. Conforme a situação, ele tinha sempre um provérbio.

Onde faz mais falta na linguística, no nosso mundo universitário.

Alguns dirão que não faz falta. Já outros, hoje em dia, ainda pensam que tem de haver pessoas com uma cientificidade ligada à reflexão, ao pensamento sobre a língua, um certo bom senso, estar longe da petulância.

Para dizer sinceramente, o Professor Malaca, para muitos, era visto como uma pessoa muito formal etc. Para outros, todos aqueles que o conhecíamos melhor e que convivíamos com ele, era uma pessoa com humor incrível, uma certa bondade natural, que se emocionava facilmente quando via alguém que precisava ou que ia lá falar qualquer coisa. Ele tinha essa visão do mundo muito interessante

O professor Malaca assemelhava-se a um jardineiro, um homem simples que faz os passeios com os seus alunos, explicando coisas sobre a língua. Quando perguntávamos alguma coisa, dizia “deixa-me lá pensar”, e depois explicava. Neste sentido faz falta uma pessoa que não tivesse tantos preconceitos, como diz o QECR⁵, que não estivesse ligado a uma ciência da linguagem, uma ciência da língua, que fosse suficientemente científico, que fosse alguém que pensa sobre a língua, que fosse alguém com várias teorias sobre a língua e o professor conhecia muitas teorias sobre a língua, pelo facto de ser um grande linguista. Faz falta este tipo de pessoa, alguém de referência. Quer queiram, quer não, foi um homem que se impôs na sociedade. Quando se fala em língua portuguesa, fala-se nele. Fala-se também, por causa da gramática, na professora Maria Helena Mira Mateus. Mas o professor Malaca era uma referência não só da língua portuguesa, enquanto divulgação política da língua, mas também desta certa humanidade e de reunir as pessoas de falar com as pessoas, de discutir, de ter uma certa flexibilidade e de ter um sonho, unir a língua portuguesa e divulgar a língua portuguesa.

2. Chrys Chrystello

Idealizador dos Colóquios da Lusofonia, o jornalista e tradutor luso-australiano Chrys Chrystello manteve estreito contato com o Professor João Malaca Casteleiro durante a última década e meia. Nesta entrevista, realizada no dia 03 de fevereiro de 2021 – por videoconferência, já que mora atualmente em Ponta Delgada – Chrystello nos conta algumas das histórias que viveu ao lado do acadêmico que acabou por se tornar amigo.

⁵ NB: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Como e quando conheceu o professor Malaca Casteleiro?

Ora bem, o professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio, nos Colóquios da Lusofonia, em outubro de 2007 com o Evanildo Bechara, quando ambos aceitaram o meu ousado convite para estarem presentes.

Essa primeira vez que o convidou em 2007, já o conhecia antes disso?

Não, os nossos convites são sempre assim. Com o Malaca e com o Bechara foi só ter o contato deles e fazer o desafio, pois o tema era aliciante.

Havia no ar, mais ou menos como o perigo do século XXI, a ideia de que o Brasil se vai tornar autónomo e o brasileiro vai passar a ser língua e o português vai cair no esquecimento. O tema era controverso, porque partia do princípio de que se não fizessemos alguma coisa, se não debatêssemos o acordo ortográfico, ninguém sabia o que se passava e tinham-se passado 17 anos. Ninguém falava disso, nós tínhamos medo de pessoas que eram frontalmente contra o acordo. Eu mesmo comecei por dizer que era contra todos os acordos, porque vinham de cima, e eu sou contra todas as atitudes prepotentes.

Lembro-me como se fosse hoje que, depois dos jantares no restaurante Poças em Bragança, regressávamos a pé à velhinha residencial Classis, onde estávamos todos alojados. Já era perto da meia-noite e eles perguntaram-me se eu os queria aceitar como os nossos patronos, dado que o primeiro patrono José Augusto Seabra já tinha falecido em 2004. Eu nem quis acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal quando eu meramente me estava a queixar a eles da falta de visibilidade que os Colóquios tinham e já íamos no 8.º. Foi ótimo. Logo a seguir fruto desse mesmo colóquio a comunicação social deu muito relevo à presença deles e à discussão do acordo ortográfico. Lembro-me que era em 2007 e que tinha sido o tema principal de debate nesse ano e o Estado português viu-se confrontado com perguntas do Brasil sobre a aprovação do acordo ortográfico e foi assim que ele foi ratificado, por incrível que pareça, foi nos colóquios de Bragança que surgiu a ratificação, fruto da pressão da comunicação social do Brasil – e de Portugal também –, mas sobretudo do Brasil porque foram às centenas aqueles que ligaram para o Ministério da Cultura, na

altura era o Pedro Santana Lopes que estava na Cultura, e ele acabou por aprovar o acordo.

Tem piada, porque eu tinha começado esses colóquios dizendo que não acredito em acordos ortográficos, nem acredito em coisas por imposição. No entanto, há aqui um grande problema. Lembro-me como se fosse hoje de debater com eles. Eu dizia: quero que o meu filho fale uma língua chamada português e não um dialeto minoritário chamado português europeu, porque eu sabia na altura, e já lá vão 14 anos, que existem forças no Brasil para tornar o brasileiro independente do português e, portanto, a mera pressão dos números era de tal forma grande e a ineficácia dos portugueses é tão conhecida que era uma questão de tempo para que isso começasse. Portanto, era importante que conjugássemos forças e nos aliássemos ao Malaca e ao Bechara para defendermos a todo o custo a unicidade da língua através dessa unificação ortográfica. Foi assim que tudo começou e, durante anos a fio, nas escolas, nas universidades, nos colóquios, o Malaca e o Bechara foram sempre as faces mais visíveis quer dos colóquios, quer do Acordo Ortográfico de 1990. Fomos à Galiza, a Portugal, ao Brasil, a Macau e conseguimos também outra coisa: conseguimos nesses primeiros anos estabelecer as metas necessárias para criar a Academia Galega de Língua Portuguesa que se conseguiu pôr de pé e frutificou e criaram estratégias para ajudar a conseguir aquilo que poucos acreditavam ser possível que era uma Galiza espanholizada e castelhanizada a aproximar-se, através dos Lusistas, dos reintegracionistas, portanto, de uma unificação ortográfica. Ainda falta muito que fazer e tem-se andado muito para trás, mas pelo menos já se lançou uma lança em África, como se costuma dizer, porque eles começaram a ver que existe uma vantagem enorme em pertencerem a uma comunidade lusófona de 200 e não sei quantos milhões. Portanto, vai catapultar a língua galega de uma forma ou de outra. São cerca de 3 milhões de galegos, fora aqueles que estão na diáspora, que serão outros tantos, e o Malaca foi absolutamente imprescindível.

Lembro-me que em outubro de 2010, três anos depois, fomos vítimas de uma ameaça da Câmara de Bragança que tinha sido a nossa sede durante 9 anos para tomar conta dos nossos colóquios, através da academia de Trás-os-Montes. Eu fui um bocado contra a

academia de Trás-os-Montes, porque faz-me lembrar um bocado, sem desprimor, as academias como no Brasil: uma academia em cada estado, uma academia em cada cidade, às quais não reconheço grande mérito intelectual, mas isto é a minha análise. Eu prefiro uma academia nacional a essas academias regionais. E foi o Malaca, com o escritor Vasco Pereira da Costa e com o Bechara, que nos ajudaram a resolver o problema. Foi assim que nós formalizamos a criação da Associação internacional dos colóquios da lusofonia, para nos defendermos desses ataques, tínhamos o logotipo, tínhamos o nome registado, patenteado e pronto. Depois acabamos por obter uma nova sede, a nossa sede agora é Belmonte, de 2016 a 2026, e foi graças ao Malaca também que fomos para Macau. Nós começamos as diligências lá em Bragança em 2010. Em poucos meses tivemos um apoio absolutamente incondicional do Politécnico de Macau. Graças aos contactos do Malaca que ia aí a Macau 2 ou 3 vezes por ano ao IPM, acabou por se conseguir um apoio ilimitado. Fomos recebidos como se fôssemos da dinastia Qing. Foi notável e no meu livro⁶ tenho quase 50 páginas dedicadas a Macau, à minha vida aí durante 6 anos, de 76 a 82 e ao colóquio.

Falando do Malaca aqui em Macau, você poderia contar um pouco mais sobre a como foi a recepção aos debates sobre o acordo por aqui? Não sei se sabe, mas Macau oficialmente não adota o acordo. Na comunicação social, uns adotam outros não, mas oficialmente, para os documentos oficiais não se adota. Isso faz com que muitos professores universitários, por exemplo, sejam contra, e nem o ensinam aos alunos chineses. Mas na época, qual foi a reação?

Foi curiosa. Eu sabia dessas oposições todas, tivemos alguns participantes aí do IPM, que eram completamente contra o acordo, mas conseguimos uma coisa fantástica: em todos os cartazes, utilizou-se a nova grafia, porque estávamos aí e isso foi uma vitória. Eu sei que o Malaca era extremamente estimado. Ia aí 2 ou 3 vezes por ano para dar os seus cursos. Vimos a forma

como o tratavam e nós por inerência de funções estávamos sempre na mesa de honra. Tratavam-no como se fosse um imperador, eu nunca tinha visto, nem nos anos que aí estive. Nunca tinha visto uma deferência tão grande e um respeito tão grande como o que o IPM tinha por ele. Quer o professor James Li, quer o diretor Lei ...

Fomos muito bem recebidos, acabaram por oferecer a estadia e refeições a 43 pessoas, o que foi um ato que seria impossível se não fosse o Malaca. Eu não tinha capacidade negocial para isso e fomos extremamente bem recebidos. Conheci o Jorge Rangel, do Instituto Internacional de Macau, fizemos lá uma sessão com o ex-governador Garcia Leandro que eu conhecia desde o tempo do 25 de abril quando ele tentou ser governador de Timor. Tínhamo-nos conhecido lá e foi governador de Macau no meu tempo e, em todos os sítios, fomos alvo de um tratamento, com uma deferência, com honrarias, como nunca haveria se não fosse a presença do Malaca Casteleiro.

Além de Portugal e China, o professor João Malaca Casteleiro também rodou o mundo com estes colóquios, não?

Graças também ao Malaca estivemos presentes em Brasília, na conferência da CPLP, em março de 2010. Ainda fomos ao museu da Língua em São Paulo e vai nascer agora um polo no museu de Belmonte que é o nosso minimuseu da lusofonia, baseado nessa visita que fizemos a São Paulo. Estivemos no Rio num dos momentos mais altos da minha vida, graças ao Bechara e ao Malaca, que foi eu dar uma palestra. Eu que não sou académico, por via normal (venho da tradutologia), dei uma palestra na Academia Brasileira de Letras, a ABL. Foi dos momentos mais altos da minha vida, porque eu nunca sonhava estar no meio daqueles “imorríveis” todos a ouvirem-me com atenção, aos meus sonhos e utopias, quer do colóquios quer do acordo ortográfico durante as duas horas que aquilo decorreu e onde se falou também da academia galega e de outras coisas.

⁶ NB: CHRYSTELLO, Chrys (2011). *S. Crónica Açores - uma circum-navegação (de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores)*. V. N. Gaia: Calendário de Letras.

Depois tivemos o magnífico colóquio em Florianópolis, foram 2 semanas e meia, portanto, a aproximar a décima ilha (Santa Catarina) e os Açores. Começamos os nossos colóquios a partir de 2006, em 50% dedicados à açorianidade, à literatura e cultura açoriana, e foi ótimo fazermos isso.

Tivemos sempre o Malaca, eu lembro-me ainda em 2012, tivemos de mudar a data do colóquio, porque tivemos um convite da universidade de Toronto para os 65 anos do curso de Estudos Portugueses em Toronto e lá fomos nós: o Malaca e a Conceição, o Bechara e a Marlit (esposa do Bechara). Lembro-me perfeitamente que, no dia a seguir à chegada, a Manuela Marujo da Universidade de Toronto tinha-nos dito: são só 10 minutos em linha reta do hotel onde vocês estão na *Yonge Street* até à Universidade. O Malaca disse-me: “não se preocupe eu já estive a ver aqui no mapa, vamos fazer a caminhada e isto é num instante”. Ora bem, nós andámos e ao fim de 45 minutos ainda não se via universidade nenhuma. O que é que o Malaca tinha visto no mapa? A entrada oposta na universidade de Toronto. Portanto, andamos quase 1h a pé para chegar, quando estávamos literalmente a 10 minutos e o que me recordo melhor dessa visita é que íamos todos a reboque dele. A Conceição Casteleiro dizia: “lá vai ele a acelerar”. Eram umas passadas largas, cada passada dele nós tínhamos que dar 2 ou 3. Aqui nos Açores, em 2009, nós estávamos a fazer um colóquio na Lagoa num teatro e as pessoas estavam alojadas na Atalhada, que ficava a uns 4 ou 5 quilómetros e ele recusava ir na carrinha e ia com a sua passada rápida a pé e conseguia chegar antes da carrinha.

Era um homem de passadas rápidas em tudo o que fazia.

Lembro-me depois, tivemos muitos momentos pessoais de conversa e ele foi um mentor extraordinário, ensinou-me imenso. Em Montalegre, nós perdemo-nos do nosso guia, o célebre Padre Fontes. Perdemo-nos e fomos a pé cavalcando as ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto todos faziam a rota e nós a discutirmos o futuro da língua portuguesa, totalmente alheados de que nos tínhamos perdido de toda a gente.

Como foram os últimos contatos?

Em 2018 a saúde dele começou a traí-lo, começou a ter os primeiros problemas, não esteve presente no 29.º

Colóquio, em Belmonte, nem nesse ano na Madalena do Pico, a Conceição tinha medo...

Em novembro de 2019, ligou a confirmar a presença no colóquio seguinte e infelizmente, em 7 de fevereiro do ano passado, deixou-nos. A saúde dele traiu-nos a todos, foi um murro no estômago muito forte

Eu não gostava, mas devo mencionar, há coisas que se devem mencionar. Não posso falar da sua notável carreira, porque não tenho formação académica para o fazer, mas não se pode esquecer a sacanice da perseguição que alguns na ACL lhe moveram nos últimos anos, incluindo acusando-o de desvio de fundos, para se verem livres dele. Felizmente temos hoje gente como o Rolf Kemler e o professor Verdelho a defenderem as mesmas ideias do professor Malaca.

O João Malaca Casteleiro era uma pessoa extremamente humilde e simpática. Lembro-me que, uma vez, num dos colóquios em Seia, perto da terra dele, ele fez-me uma confissão que vinha de uma família muito humilde que subira a pulso, fruto de trabalho e de estudo. Que os pais eram iletrados, nem sabiam escrever e que tinha um orgulho imenso de os pais terem-lhe dado oportunidade de ele fazer os estudos e chegar aonde chegou, mas foi tudo a pulso. E nós muitas vezes discutíamos isso: a minha geração, um bocadinho mais novo que ele, a minha geração e a dele, nós crescemos a lutar por tudo e subir a pulso, num meio como o português em que vigora o sistema do nepotismo, da cunha, do favorecimento etc.

Eu que venho da Austrália noto isso. Em Portugal é muito difícil uma pessoa subir por mérito, e ele subiu por mérito contra tudo e contra todos. Criou sérias inimizades por causa do seu trabalho e da sua dedicação. Guardo comigo momentos maravilhosos destes 13 anos que convivemos. Ficar-lhe-ei sempre eternamente grato. Ele continuará sempre como nosso patrono e presidente honorário junto com o Evanildo Bechara. Ele foi o nosso presidente na assembleia geral desde a fundação da AICL até 2019, quando passou o testemunho para o Luciano Pereira, que anda connosco desde o 1º colóquio.

Era uma pessoa generosa, faz parte da nossa família.

Fora do ambiente das palestras e dos colóquios, o acordo ortográfico era como uma obsessão para o Malaca ou não, ele nem falava nisso?

Eu não lhe chamava obsessão, chamava-lhe a menina dos olhos dele. Ele sentia-se responsável, porque foi de facto o grande responsável em Portugal, junto com outros, mas ele foi sobretudo o que deu a cara e que nunca se esquivou a ir à televisão falar com os contristas e debater. Não seria uma obsessão, eu comparo um bocado a ligação do Malaca ao acordo ortográfico à minha ligação vital com os colóquios da lusofonia. Eu não existia neste momento se não fossem os colóquios da lusofonia. São a menina dos meus olhos, e para o Malaca o acordo ortográfico era isso e para o Bechara também.

Só que eles tinham uma capacidade, um nível de conhecimentos... O Bechara quando entrava na parte histórica, ia para 1911 e eu perdia-me totalmente. Citava em detalhes, discussões rigorosas que houve entre académicos portugueses e brasileiros e os desacordos que houve ao longo do tempo, por futilidades, fruto da mania portuguesa, porque acham que os portugueses é que são os donos da língua e que vocês brasileiros não sabem falar português. Foi sempre essa a posição portuguesa e continua a ser. Uma posição um bocado como a dos ingleses. São saudosistas do império que já perderam há muito tempo. Portugal nunca o teve, convenceu-se que teve e o Malaca, durante os primeiros 5 ou 6 anos, era só acordo ortográfico. Depois passou-se a dedicar a mais outras coisas, às gramáticas e apoiou-nos imenso nalguns dos nossos projetos e ajudou-nos a consubstanciar muita coisa. Mas eu não lhe chamava obsessão. Ele achava que como responsável pela assinatura e pela discussão das bases do segundo acordo, achava-se na responsabilidade de dar a cara e defender o acordo possível.

Onde é que o Malaca vai fazer mais falta? Em que situações faz ele mais falta para o universo da língua portuguesa?

Creio que, na Academia das Ciências, ele vai fazer muita falta. Porque não temos os números suficientes na Academia das Ciências para defender o acordo, apesar de já lá termos o Rolf e o Ângelo da Academia galega, que estão como correspondentes.

É inconcebível que a Sociedade Portuguesa de autores seja contra o acordo ortográfico, é absolutamente inconcebível. É inconcebível que a Academia das Ciências de Lisboa, nestes últimos anos, tenha feito e publicado um prontuário pré-acordo ortográfico para utilizar online. Mas quem é que quer escrever à moda de 1945?

Eu nasci em 1949, eu já não sei escrever à moda antiga, para quê criar essas memórias do passado. Ele aí vai fazer muita falta. E, ao mesmo tempo que ele morreu, uns meses antes, morreu-nos a Maria Francisca Xavier, que estava connosco há muitos anos e que nos ajudou a criar o primeiro módulo para o museu de Belmonte sobre a lusofonia. E o primeiro módulo é a língua portuguesa desde os primórdios até à carta de Pêro Vaz de Caminha. Eram três módulos, e três criadores deles, o Malaca, a Maria Francisca e a Lurdes Crispim. Entretanto só temos a Lurdes Crispim. Entretanto já morreram mais 5 professores da Universidade Nova de Lisboa.

Vai fazer falta, porque não existe gente daquele valor, daquele gabarito. Neste momento e não estou a ver entre os novos ninguém com aquela capacidade, com aqueles conhecimentos, com aquela vastidão de recursos para poderem discutir ou debater seja o que for. Aliás, em todos os campos da ciência e da linguística, hoje, cada vez menos, e isto não é uma crítica à gente nova. No entanto, cada vez vejo menos gente nova capaz de abarcar os temas com a gama de conhecimentos que os nossos patronos e que os nossos mentores tinham.

Tenho um certo temor de que, quando esta geração deles e a minha acabar, não haja gente suficiente para continuar essa missão.

Mais alguma coisa que acharia interessante constar, mais alguma história?

Há duas cenas curiosas. A Conceição só se juntou a nós em 2010 em Bragança. Em 2010, no Brasil, depois de umas caipirinhas, já toda a gente estava animada. Havia, no hotel Maria do Mar, em Floripa, um casamento no andar de baixo. A certa altura, o Malaca, já depois de 4 ou 5 caipirinhas, desapareceu. O que é que ele tinha feito? Tinha entrado no casamento. E era uma pessoa totalmente diferente. Com a Conceição portava-

se bem e era muito certinho. Mas quando estava à vontade, as anedotas malandras dele e o seu bom humor não tinham nada a ver com aquela fachada.

Tivemos muita gente que vinha do Brasil para estar perto do Bechara e com o Malaca era a mesma coisa. Muita gente vinha aos nossos colóquios, porque nos sentávamos à mesa com o Malaca e com o Bechara, o que era inimaginável em circunstâncias fora dos nossos colóquios, onde eles eram muito mais mestres lá em cima, no púlpito. Nos nossos colóquios, as “mininas” da Guarda, professoras do Instituto Politécnico da Guarda que foram aos nossos colóquios ao Brasil, estavam em pulgas porque queriam conhecer o Malaca e o Bechara e o almoço demorou para aí quatro horas. Elas estavam loucas porque conseguiram falar com aqueles dois mestres como falavam com os colegas do politécnico. A acessibilidade que eles davam a toda a gente que participou nos colóquios e a amizade era notória. A Conceição depois de 2 ou 3 anos já se desinibiu muito mais, já começava a contar anedotas dela e da família e entrou no espírito da família. Ele e o Bechara tinham imensa piada. Velhos porreiros e simpáticos. Eles eram os únicos a quem nós tratávamos por professor. Mas eram de uma humilde terrível, era impressionante!

Uma pessoa inculta como o pai tinha tido a visão de lhe dar estudos e ele teve de crescer a pulso. E só uma pessoa grande era capaz de fazer isso.

3. João Malaca Casteleiro em Macau

Cada vez que o Professor João Malaca Casteleiro se deslocava a Macau, suscitava grande interesse, principalmente por parte da imprensa local em língua portuguesa. Em virtude disso, espalhadas pelas páginas dos jornais e revistas locais e nos registos visuais e sonoros da rádio e da televisão, encontram-se diversas entrevistas em que ele discorre sobre temas da língua portuguesa. Para este número especial da Revista Orientes do Português, recuperamos alguns trechos destas entrevistas para, de alguma forma, darmos a palavra ao próprio mestre.

Em uma de suas últimas passagens por Macau, João Malaca Casteleiro concedeu uma entrevista ao

jornalista Francisco Frederico, da rede TDM de televisão. Em junho de 2017, fazia um balanço dos resultados da aplicação do Acordo Ortográfico

Quais as razões por trás do acordo

Era no sentido de unificar a ortografia da língua portuguesa que é uma língua tão importante no mundo. Tinha duas ortografias oficiais, a portuguesa e a brasileira. Era preciso unificar e foi isso o que se fez.

Havia de facto o risco de o português se fragmentar?

Era claro que havia. Se Portugal tinha uma ortografia e o Brasil tinha outra, qual é a garantia que os países lusófonos, africanos, nomeadamente Timor Leste, resultantes da descolonização portuguesa, podiam adotar cada um deles também uma nova ortografia em conformidade com as suas especificidades próprias? Vimos que era para fazer um acordo que fosse possível e conseguimos uniformizar cerca de 98% do léxico da língua, o que é substancial.

Outro tema, sobre o qual se costumava consultar o Professor João Malaca Casteleiro, era a difusão da língua portuguesa na China. Neste trecho de uma entrevista para a Revista Macau de março de 2006, ele mostrava-se bastante satisfeito com o crescimento do número de estudantes de língua portuguesa.

Como é que avalia o trabalho que está a ser feito em Macau para a preservação e funcionalidade da língua portuguesa?

Eu acho que Macau superou as melhores expectativas que havia aquando da transição para a administração chinesa. Nós imaginávamos que o português ficaria muito mais reduzido, que haveria menos interesse na sua aprendizagem. Mas verificou-se exatamente o contrário: eu estive em Macau em novembro passado e verifiquei, com muita satisfação, a grande procura de aprendizagem, quer na Universidade de Macau, quer no Instituto Politécnico de Macau, quer no Instituto Português do Oriente (IPOR), quer na Escola Portuguesa de Macau.

Há grande procura?

Há e estende-se à restante China: temos cinco universidades chinesas, com preponderância para as de Pequim, Xangai e Cantão, em que há departamentos de português com muito mais procura de alunos para

aprender português do que o número de inscrições disponíveis.

Porque é que há tanto interesse pelo português?

Por razões de natureza política e de natureza económica. A China está numa fase de expansão imensa, com interesses nos países de expressão portuguesa como Brasil, Moçambique, Angola... Portanto, todas as pessoas que acabam a licenciatura em português têm imediatamente saídas profissionais no domínio diplomático, económico ou mediático. Em Macau, então, essa procura é claríssima.

O que é falta para aproximar a oferta a essa procura?

Um maior número de professores, recrutados a partir de Portugal ou de Macau, que tem recursos financeiros de sobra para promover o português, tal como tem feito. Até hoje, boa parte da promoção tem sido feita por autoridades chinesas. Por exemplo, o presidente do Instituto Politécnico de Macau foi nosso aluno, por volta de 1982, na Faculdade de Letras de Lisboa. É de Pequim e é um dos principais prosélitos da promoção do português em Macau, com ligações magníficas ao resto do país. Tem programas de acolhimento de estudantes que estão a tirar a licenciatura em universidades chinesas e que passam um ano de estudos em Macau, com processos de equivalência perfeitamente assumidos. A Universidade de Macau também faz isso. E o IPOR também tem muita procura.

Como é que se pode tornar esse movimento ainda mais dinâmico?

Com a abertura de mais cursos, com mais professores. Mas neste momento o Instituto Politécnico está, por exemplo, muito empenhado em preservar a qualidade do ensino. E, por vezes, a qualidade é incompatível com a quantidade.

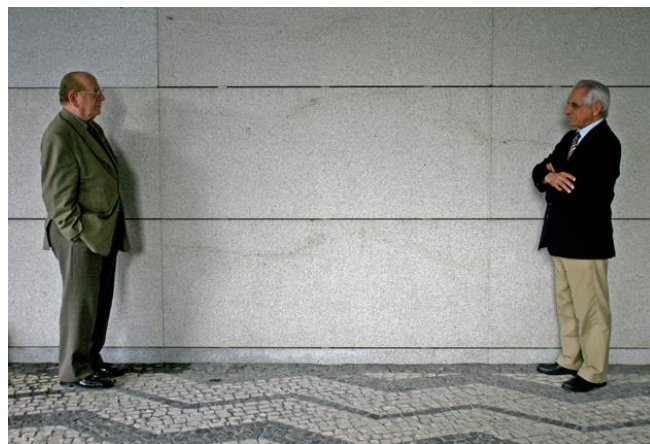
Em 2011, por ocasião do 15.º Colóquio da Lusofonia, no Instituto Politécnico de Macau, o jornalista Hélder Beja fez perguntas de ordem mais pessoal ao eminente professor que seriam publicadas na edição de junho do mesmo ano da Revista Macau. Ele termina falando sobre a saudade. E com a saudade que sua presença deixa em todos os que tiveram a sorte de o conhecer, encerramos este artigo.

Diga uma palavra com a qual tenha tido dificuldade nos seus tempos de aluno, uma palavra em que se enganasse com frequência.

Não era bem uma palavra, era uma letra. É uma coisa curiosa, porque isso se repetiu em algumas gerações dos meus parentes. A grande dificuldade que eu tinha para aprender o abecedário era a letra ‘d’. Quando chegava à letra ‘d’... ‘Que letra é essa, menino?’ Aí já sabe... (risos). Curiosamente isso aconteceu com o filho do meu tio-avô, com o irmão da minha mãe e aconteceu comigo. E ainda não fiz um inquérito no resto da família (risos).

E uma palavra de que goste muito?

Gosto muito da palavra ‘saudade’. Acho que ‘saudade’, pela sua sonoridade, alivia a dor que ela provoca. A forma sonora é como se fosse um contrapeso da dor da saudade pela ausência de uma pessoa amada.



Professores Evanildo Bechara e João Malaca Casteleiro no IPM. Macau, 2011. Foto: Gonçalo Lobo Pinheiro

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a1>

Os estudantes chineses e os hábitos de uso da internet ao encontro da língua portuguesa e do mundo lusófono

João Pires MANUEL DUARTE^a & LIN Manlin^b

Resumo

Trata-se de um estudo descritivo do uso da internet por parte dos jovens estudantes chineses. Tal abordagem é particularmente importante para professores e alunos de PLE, para quem a internet pode representar o único meio de contacto com a língua fora da sala de aula. O artigo analisa a utilização da internet pelos universitários chineses como ferramenta para adquirirem ou aprofundarem os seus conhecimentos sobre o mundo lusófono. A análise baseia-se num questionário realizado a uma turma de 32 estudantes do segundo ano de Português da Universidade de Sun Yat-sen, na província de Guangdong. As conclusões revelam o conjunto de interesses dos estudantes no contacto com o português fora da sala de aula e os fatores que os influenciam. A investigação relaciona-se ao uso da internet como meio de aprendizagem da língua e como fonte de conhecimento do perfil dos estudantes chineses em termos das suas escolhas recreativas, culturais ou comerciais relativas ao mundo lusófono.

Palavras-chave: *Português Língua Estrangeira, internet em português na China, estudantes universitários, interação mediática, mundo lusófono*

1. Introdução

Num tempo em que as tecnologias assumiram uma preponderância sem precedentes nas nossas vidas, particularmente no que respeita à Educação e ao processo de ensino, este estudo analisa os hábitos de uso da internet por parte dos estudantes chineses a fim de explorarem os seus conhecimentos sobre a língua portuguesa e os aspectos culturais relacionados com o mundo lusófono. Uma vez que o ensino de Português na China representa uma área académica que tem crescido em número de instituições, professores e estudantes (Yan & Albuquerque 2019), a abordagem desta problemática reveste-se de particular

importância para os agentes de ensino, porquanto os estudantes não estão num país onde a língua é falada e a internet representa, por vezes, o único meio de contacto com a mesma fora da sala de aula.

O principal objetivo desta investigação é verificar a presença da língua portuguesa nos meios de comunicação social chineses e mapear a interação que estes jovens têm com estes conteúdos de acordo com a oferta à sua disposição. Também é propósito deste trabalho compreender o uso da tecnologia sob a perspectiva dos alunos a fim de facilitar o processo de integração da tecnologia na sala de aula e entender

^a Universidade Sun Yat-sen, China || ✉ duarte@mail.sysu.edu.cn

^b Instituto Politécnico de Macau, China || ✉ manlinlin@ipm.edu.mo

quais as motivações ou necessidades de aprendizagem dos estudantes chineses com base nos gostos e nos hábitos de uso da internet em termos de contacto com a língua portuguesa.

Para efectuar essa análise, o presente estudo baseia-se na realização de inquéritos a uma turma de estudantes de *Minor* em Português da Universidade de Sun Yat-sen, localizada em Cantão (no campus de Zhuhai), de forma a perceber o uso que fazem da internet de modo a explorar os conteúdos em língua portuguesa nas suas diversas vertentes. Ciente da necessidade de a língua portuguesa abrir caminho e difundir-se por outros sectores de actividade para além do meio académico, este trabalho tem como ponto de partida o ensino de Português na China, mas os seus resultados poderão ser lidos à luz de diferentes perspectivas. Uma vez que incide nos jovens estudantes e nos meios a que recorrem para aceder à língua portuguesa, esta investigação analisa dados que poderão beneficiar também pessoas ou entidades interessadas em adquirir conhecimentos sobre os interesses dos jovens a nível académico, cultural e recreativo ou sobre as ferramentas digitais disponíveis para aceder a conteúdos em português por entre as particularidades da internet na China.

Nos últimos anos tem vindo a efectuar-se uma mudança de paradigma nas metodologias de ensino de línguas na China impulsionada pela prevalência das novas tecnologias, nomeadamente através da influência e da contribuição da internet, dos computadores ou telemóveis para o processo de ensino aprendizagem (Li, Hu & Zou 2012: 625). Esta abordagem tem sido fomentada pelas autoridades, uma vez que o governo chinês estabeleceu, em 2010, objectivos de longo prazo para a “informação educacional chinesa” (Li 2014: 5) com a finalidade de conectar as instituições de ensino superior à internet e em 2019, com a introdução do programa *Internet Plus* no contexto do Sistema de Educação Chinês afim de fomentar a integração da tecnologia no currículo escolar e dotar as instituições de ensino dos recursos necessários para esse fim (MEC, 2019). Contudo, a sala de aula convencional ainda é uma realidade bastante presente na China, dado que “a internet ainda é um complemento para a sala de aula

formal” (Zhang 2013: 53). Algumas investigações recentes sobre estudantes chineses e a aprendizagem de português destacam a importância do uso de recursos tecnológicos nesta área. O estudo de Tong (2018) estabelece uma comparação entre as culturas chinesa e portuguesa e analisa a sua importância para a aprendizagem da cultura no ensino de português. Esta dissertação centra-se na comparação entre aspectos religiosos (Budismo e Catolicismo), feriados e rituais (Ano Novo Chinês e Natal) ou formas de expressão artística (Ópera de Pequim e Fado) e no modo como professores e alunos poderão fazer uso dos recursos tecnológicos para analisar e interligar estas temáticas. Para Wang (2017) os recursos tecnológicos, sobretudo as redes sociais, contribuem para moldar as crenças e atitudes dos aprendentes em relação à língua e à cultura portuguesa, e constituem um complemento de estudo para a aprendizagem de questões linguísticas e culturais que muitas vezes não são abordadas em aula, permitindo aos alunos desenvolver maior independência e autonomia no processo de aprendizagem. Uma perspectiva semelhante é defendida por Ye (2017: 19) acerca do ensino-aprendizagem e avaliação do Português na China, em que refere o desenvolvimento e popularidade da educação online através da “aceleração do processo de educação e formação na internet”, sublinhando o papel das tecnologias e plataformas de informação como complemento da aprendizagem através de aplicações e sítios da internet específicos para esses fins. A dimensão do mercado de educação online tem vindo a registar um rápido aumento no ensino de línguas estrangeiras na China, embora no caso do Português ainda exista bastante a explorar para otimizar essa relação entre a tecnologia e o ensino. A necessidade de predispor os meios tecnológicos ao serviço do ensino-aprendizagem de línguas, vulgarmente conhecida pelo acrónimo inglês CALL (*Computer-assisted language learning*), está presente no estudo de Castelo (2020: 60) que alerta para as dificuldades que os estudantes chineses de Português enfrentam nas tarefas de pronúncia e compreensão oral, bem como para a necessidade de produzir materiais CALL com vista a melhorar as competências orais e contribuir para a seleção dos materiais mais

adequados aos diferentes momentos do processo de aprendizagem dos alunos.

O ensino de português na China carece de uma relação mais estreita com a tecnologia de forma a desenvolver ferramentas que dotem os professores de mais recursos e permitam aos alunos adquirir maior autonomia no desenvolvimento das suas diferentes competências e necessidades de aprendizagem. A este nível, o contexto de pandemia que atravessamos e que de forma inusitada impeliu as instituições educativas para um ensino remoto através das plataformas online poderá catapultar os agentes educativos ligados ao português na China a desenvolver novas abordagens e atribuir um papel mais participativo aos meios tecnológicos e ao seu impacto no processo de ensino-aprendizagem.

2. Metodologia

A fim de realizarmos a nossa investigação, elaborámos um questionário com onze perguntas, o qual constitui o cerne deste estudo, dirigido aos 32 alunos do segundo ano de Minor em Português da Universidade de Sun Yat-sen, em Zhuhai (Guangdong), e realizado em 2018. Foi através deste procedimento de coleta de dados que buscámos compreender melhor o papel das novas tecnologias na interacção entre os estudantes chineses e a língua portuguesa. Os questionários foram respondidos por escrito em formato de papel, durante o decorrer de uma aula e tratados em forma de gráficos.

Os questionários iniciam-se com a identificação dos participantes e são compostos por onze perguntas divididas em duas partes: quatro questões na primeira parte, denominada Conhecimentos Prévios, com perguntas para auferir o que os estudantes conheciam do universo da língua portuguesa antes de iniciarem a sua aprendizagem de Português; e sete questões na segunda parte sobre Internet e Cultura centradas nos hábitos de uso da internet para aceder a temas relacionados com a língua portuguesa.

O questionário oferece algumas vantagens para um estudo desta natureza, uma vez que, segundo Sousa & Baptista (2000), permite interrogar uma determinada quantidade de indivíduos com vista a uma generalização, ou seja, encerra especial utilidade quando se deseja conhecer o mesmo tipo de variável em muitos indivíduos e obter informações quantitativas a respeito

de uma grande variedade de comportamentos, atitudes, opiniões ou preferências acerca de fenómenos que ocorrem na sociedade. A selecção da amostragem foi facilitada pelo facto de se basear num “agrupamento natural da população previamente formado em que todos os elementos são escolhidos” (Sousa & Baptista, 2000: 76), no caso, a totalidade dos estudantes de uma turma de Português

Na elaboração do questionário optámos por questões que permitem uma resposta fechada, isto é, de escolha simples ou múltipla dentre as respostas alternativas escritas pelo autor, e questões que viabilizam respostas abertas, em que os participantes respondem com as suas próprias palavras. Optou-se também por incluir questões semi-fechadas e “questões de filtro” (Sousa & Baptista 2000: 96) que filtram as pessoas para as quais a resposta não se adequa.

Por ser constituído por questões que requerem respostas abertas e fechadas, estamos perante um questionário de tipo misto, pois o processo de pesquisa é como um “mosaico que descreve um fenómeno complexo” (Günther 2006: 202) que precisa de estar aberto a novas ideias, perguntas e dados, servindo-se de procedimentos qualitativos e quantitativos. Na composição do questionário adequámos o nível linguístico à amostra e realizámos um pré-teste, o qual permitiu rever certos vocábulos menos familiares para os estudantes de modo a “evitar a não-resposta por incompreensão ou erros graves na recolha de dados” (Sousa & Baptista 2000: 100).

Esta verificação foi proveitosa pois permitiu afinar algumas perguntas e assegurar as condições necessárias para a sua aplicação. A elaboração do questionário considerou a objetividade, clareza e simplicidade para garantir que este seria de fácil preenchimento e bem compreendido pelos estudantes, características fundamentais para a sua aplicação ser bem-sucedida e os resultados recolhidos serem de clara sistematização e análise.

3. Questionários

No Como referimos, o questionário começa com a identificação dos participantes e é depois constituído por onze questões abertas e fechadas, divididas em duas partes: conhecimentos prévios e internet e cultura.

Para efeitos de identificação sugere-se o preenchimento dos dados biográficos que se destinam à delimitação do perfil dos participantes em termos de idade e sexo.

As quatro questões relacionadas com os *Conhecimentos Prévios* destinam-se a identificar a relação do participante com a língua portuguesa e são as seguintes:

1 - *Antes de escolher português pensou em estudar alguma outra língua estrangeira?*

Com esta questão aberta em que os alunos podem referir várias línguas pretendemos apurar se os alunos já tinham o objetivo definido de estudar português como *Minor* ou se, por outro lado, equacionaram estudar outras línguas estrangeiras. O objetivo é descortinar as motivações dos alunos, a respeito de um prévio interesse em estudar uma língua estrangeira ou se o seu encontro com o português terá sido mais ou menos casual;

2 - *Por que motivos decidiu estudar português?*

Esta é uma questão aberta em que os participantes são convidados a enunciar os motivos que os levaram a estudar português. Trata-se de perceber pelas suas próprias palavras o que os motivou a pertencer ao universo de falantes da língua portuguesa;

3 - *Que país(es) de língua oficial portuguesa conhecia antes deste ano letivo?*

Com esta pergunta pretendemos saber quais os países de língua oficial portuguesa que os alunos conheciam antes de estudar português. Estando tão longe desses países é interessante averiguar quais os territórios a que os alunos associam (ou não) à língua portuguesa;

4 - *O que conhecia do mundo lusófono antes de começar a estudar português?*

Além dos países em particular, colocamos outra questão aberta para que os alunos expressem o que conheciam do mundo lusófono. Isto é, quais os conhecimentos gerais e informações que já detinham. Considerámos pertinente descobrir o que os jovens chineses, sem ligação aparente aos países de língua portuguesa, conheciam sobre os mesmos.

A terceira parte do questionário destina-se às informações relacionadas com a *Internet e Cultura* e é composta pelas seguintes questões:

5 - *Tem facilidade em obter informações sobre o mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses?*

Sim () / Não ()

Esta parte do questionário começa com uma pergunta fechada sobre a facilidade ou não de se obter informação sobre o mundo lusófono através dos meios de comunicação social chineses. Entendemos que este tipo de pergunta e a informação obtida pela sua resposta pode fornecer uma ideia de como a cultura lusófona chega à China e, de como é o percurso para os estudantes chineses acederem à mesma;

6- *Quais são os seus meios preferidos para aceder ao mundo lusófono?*

Televisão () / Rádio () / Imprensa escrita () / Livros () / Internet () / Outros () _____

Com esta pergunta, procuramos entender quais os meios preferidos para acederem ao mundo lusófono. Sendo inequívoco o peso que a internet tem actualmente, pretendemos observar se são utilizados outros meios para o efeito e em que medida. Trata-se de uma questão semi-fechada com alguns de meios de comunicação que os alunos podem escolher indiscriminadamente, e com um item denominado “Outros” em que podem referir que outros meios utilizam para contactar com o mundo lusófono;

7- *O que costuma consultar sobre o mundo lusófono? Especifique.*

Músicas e cantores () / Filmes () / Desporto () / Notícias () / Literatura () / História () / Outros () _____

Esta é outra questão semi-fechada, e requer que os participantes selecionem o que mais costumam consultar em português e que especifiquem essas escolhas. Através desta pergunta tentamos compreender, em pormenor, quais os gostos e as pesquisas dos alunos e de que forma fazem a sua própria incursão pelo mundo lusófono. Consideramos que a informação obtida a partir desta pergunta poderá auxiliar os agentes de ensino a discernir os interesses dos alunos e usarem esse factor para proveito das aulas de Português Língua Não Materna (em termos de visualização e produção recursos audiovisuais, assuntos abordados em aula, trabalhos ou apresentações a realizar, etc.), mas também a quem usa os meios de comunicação para divulgação do trabalho ou como fonte de rendimento (empresas, marcas, artistas, etc.);

8- *As novas tecnologias são para si fundamentais para aceder ao mundo lusófono?*

Sim () / Não ()

Trata-se de uma questão fechada em que indagamos os alunos acerca da importância que concedem às novas tecnologias na sua interacção com a língua portuguesa;

9- *Como define a presença das culturas do mundo lusófono nos meios de comunicação sociais chineses?*

Boa () / Razoável () / Pouca () / Inexistente ()

No seguimento da alínea anterior, propomos outra questão fechada em que solicitamos aos estudantes que se expressem acerca da presença do mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses e como avaliam essa mesma situação;

10- *Usa o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português?*

Sim () / Não ()

No que se refere ao uso do telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português, esta pergunta procura identificar se a utilidade deste equipamento também se revela ao nível da aprendizagem de português.

11- *Utiliza algum website ou aplicação da internet para estudar e praticar português?*

Sim () Qual ou quais? _____ / Não ()

Esta pergunta de filtro procura centrar-se nas ferramentas que os estudantes usam para estudar e praticar português, isto é, se usam a internet para estudar português e, se sim, quais os sítios ou aplicações usadas regularmente.

Estas questões foram preparadas com vista a identificar e classificar as preferências em termos de conteúdos digitais utilizados pelos participantes para aprender português. As respostas poderão revelar informações proffcuas em termos metodológicos para quem trabalha com amostras semelhantes e pretenda explorar ou produzir este tipo de recursos didácticos.

4. Os hábitos de uso da internet em português

A amostra é constituída por 32 estudantes de língua portuguesa com idades entre os 19 e os 21 anos, faixa

etária que se poderá considerar comum no final de um primeiro ano de estudo universitário. Quanto ao sexo, apenas um estudante é do sexo masculino. Se tivermos em conta o facto de os inquiridos permitirem reunir informações sobre uma amostra em particular cujos resultados poderão ser generalizados para outras populações com idênticas características (Hill & Hill 1998), podemos interpretar a predominância do sexo feminino como uma característica reveladora do perfil do público que atualmente estuda português nas universidades da China.

4.1. Conhecimentos Prévios

A maior parte dos estudantes (23 dos 32 inquiridos – 71%) equacionou estudar outra língua estrangeira antes de iniciar o estudo de português¹. No que respeita às línguas que estes alunos pensaram seguir antes de enveredar pelo português, destaca-se o espanhol (10 alunos) seguido do japonês (6) e do alemão (2), tal como o francês, o italiano ou o russo, sendo que à excepção do italiano, todas estas línguas podem ser estudadas nesta universidade. Um estudante referiu também a língua coreana que apresenta algumas semelhanças com a língua japonesa em termos de motivações para estudar a língua que se poderão explicar pela proximidade geográfica com a China e até pelos interesses dos estudantes chineses nas culturas japonesas e coreanas, uma vez que entre outras coisas consomem vários conteúdos culturais e de entretenimento como séries, músicas e cartoons provenientes destes países do Extremo-Oriente. De referir ainda o facto de muitas línguas latinas estarem presentes nestes resultados, destacando-se o espanhol, o que se poderá dever ao seu valor geoestratégico e económico.

Em relação aos motivos que levaram os estudantes a optar pelo português notamos uma visão clara da língua portuguesa como uma oportunidade de emprego. O facto de “poucas pessoas” dominarem o português na China foi o argumento mais usado (12 estudantes – 38%), assim como outros na mesma linha como “acesso a um bom a emprego” (4) ou o

¹ Os estudantes de Português desta universidade frequentam o *Major* ou licenciatura em Inglês, razão pela qual têm de escolher obrigatoriamente outra língua de estudo como *Minor* de entre as várias possibilidades ao dispor na universidade, nomeadamente, espanhol, francês, alemão, árabe, russo, coreano e japonês (além de português).

desenvolvimento de “negócios com países da CPLP” (3). O facto de o português ser visto como uma “língua bonita e interessante” (5) e a possibilidade de “visitar ou estudar” em Portugal ou no Brasil (5) também foram fatores tidos em conta. Alguns alunos (3) destacaram a importância do futebol através do campeonato mundial desta modalidade desportiva que teve lugar no Brasil. Com menos participação surgem outras respostas como a “proximidade com Macau” (2 inquiridos) e a “recomendação de amigos ou familiares” que aconselharam o estudo do português (2).

Em termos dos países com língua oficial portuguesa que os alunos conheciam antes de contactar diretamente com o português, a resposta mais dada foi “Portugal e Brasil” com nove (28%) dos 32 alunos a referir estes dois países. Em segundo lugar aparecem duas respostas com o mesmo número de ocorrências: cinco alunos (12%) referiram “Portugal, Brasil, Angola e Moçambique” enquanto outros cinco (12%) referiram “Portugal, Brasil e Macau”. Na terceira posição também temos duas diferentes respostas referidas por três alunos (5%), “Portugal” e “Portugal, Brasil e Angola”. Seguidamente, “Portugal, Brasil, Macau e Angola”, “Brasil e Macau” e “Macau e áreas do Sul de África” foram mencionadas por dois estudantes.

Constata-se que Portugal (90% dos estudantes) e Brasil (81%) são os países mais conhecidos. Depois, com bastante diferença, surgem Angola e a Região Administrativa Especial de Macau, ambos referidos por 34% dos inquiridos. Há ainda a registar Moçambique que é conhecido por 19% dos alunos, ao passo que um aluno, com um peso de cerca de 3% da amostra, respondeu também “Áreas do Sul de África”. Esta denominação pode justificar-se não só pela proficiência elementar em português, mas também pelo facto de alguns países de língua portuguesa em África se situarem no sul deste continente. Verifica-se que são apenas referidos quatro países da CPLP, havendo uma ausência de resposta acerca dos outros países africanos bem como de Timor-Leste.

Na questão aberta para descrever o que conheciam do universo da língua portuguesa antes de começarem a estudar português, a resposta mais comum foi um franco “pouco ou nada” com 41% (13

dos 32 inquiridos), seguido das referências ao “Futebol” e a “Ronaldo” a reunirem 28% dos estudantes. O Carnaval (13%) e alguns produtos portugueses como o “fado, o pastel de nata e o vinho do Porto” foram mencionados por quatro estudantes (13%). Com o mesmo número de respostas (4) surge a afirmação de que em “Portugal e no Brasil falam português” (13%) e que “Macau foi uma antiga colónia portuguesa onde o português é língua oficial” (13%). Três alunos (9%) disseram conhecer “um pouco da história de Portugal e do Brasil”; enquanto quatro diferentes respostas tiveram apenas uma ocorrência: “A CPLP tem oito países e sede em Lisboa”, “em Portugal as pessoas são simpáticas”, “o Brasil é um país bonito e com bom clima” e “Portugal e Brasil têm um ritmo de vida mais lento do que a China”.

Quase metade dos alunos declarou “pouco ou nada” conhecer previamente, o que nos diz que mesmo com a dimensão e crescente destaque dos países lusófonos persiste um desconhecimento generalizado, dada a distância a que os países se encontram, excepção feita a alguns aspectos emblemáticos como o futebol, Cristiano Ronaldo, o Carnaval, o pastel de nata, o fado ou o Vinho do Porto.

De modo geral, destaca-se o desconhecimento que os estudantes possuíam em relação ao mundo lusófono antes de começarem a estudar português, excepção feita a alguns produtos mais simbólicos, certas generalizações sobre os países em causa e algumas respostas que revelam conhecimentos de história e das relações económicas e diplomáticas.

5. Internet e Cultura

Em relação à facilidade de obter informação sobre o mundo lusófono nos meios de comunicação social chineses, vinte alunos (62%) respondem afirmativamente enquanto doze (38%) respondem negativamente. Começamos por verificar que quase dois terços dos estudantes demonstram dificuldades em alcançar informação nos média chineses o que poderá ser demonstrativo dos obstáculos que se apresentam aos estudantes quando procuram conteúdos em português.

Na questão semi-fechada na qual os inquiridos poderiam escolher livremente um ou mais itens entre

televisão, rádio, imprensa escrita, livros, internet ou outros – neste último poderiam acrescentar outros meios normalmente usados para aceder ao mundo lusófono – todos os 32 alunos reconheceram utilizar a internet para contactar com a língua portuguesa, o que é elucidativo da força deste meio como o mais importante elo de ligação entre os estudantes e a língua portuguesa fora do espaço da sala de aula.

Registaram-se 25 alunos (78%) que assinalaram também os livros como meio de contacto com o mundo lusófono, 15 (47%) referiram a televisão, 7 (22%) a rádio e 5 (16%) as aplicações para telemóvel; também 18 estudantes (6%) referiram contactar com a língua portuguesa através da música, 18 (6%) pela imprensa escrita e outros 18 (6%) através do professor. Por último, um estudante referiu os alunos portugueses de intercâmbio presentes nesta universidade como meio para a contactar com a língua portuguesa.

Além da internet, também é de salientar o uso de outros meios mais tradicionais como os livros, a televisão (*online*, eventualmente, já que os estudantes não possuem este aparelho nos seus dormitórios do campus) ou a rádio (talvez pela proximidade com emissoras de rádios portuguesas de Macau ou através da rádio estatal chinesa que tem emissões em diversas línguas) que comprovam que apesar da hegemonia da internet as outras fontes não deixam de ter importância para aumentar os conhecimentos linguísticos e culturais.

A maioria dos 32 estudantes inquiridos, afirmou serem fundamentais as novas tecnologias da comunicação para aceder ao mundo lusófono e um número considerável de estudantes (22 – 69%) disse também usar o telemóvel para consultar assuntos relacionados com o português.

Quanto à obtenção de informações sobre os países de língua portuguesa nos média chineses, quase dois terços (20) consideram ter facilidade em fazê-lo, ainda que o mesmo número de alunos (20) admita depois que seja pouca a presença da língua portuguesa. Apenas sete participantes entendem que é “razoável” e ainda menos (quatro) consideram “boa” a presença nesses mesmos média. Um participante optou ainda pela opção “inexistente” para caracterizar essa presença. Talvez seja pertinente referir que no interior da China

existem algumas restrições no acesso a alguns meios de comunicação ocidentais, pois algumas redes sociais e sítios da internet frequentemente usados nos países de língua portuguesa têm o acesso bloqueado neste país.

Na questão relativa ao que costumam consultar sobre os países de língua portuguesa, os alunos expuseram abertamente os seus interesses. Em primeiro lugar surge a “Música”, referida por 24 estudantes. Destes, a maior parte tem preferência por Fado e pela jovem cantora brasileira Paula Fernandes. Alguns mencionaram também a artista brasileira Ivete Sangalo, enquanto outros a fadista portuguesa Mariza. Houve ainda um participante que referiu ouvir as “músicas da *Disney* em português” e outro que refere o interesse pelas “Músicas do Brasil”.

Depois segue-se o “Desporto”, referido por 16 estudantes, em que se menciona maioritariamente o futebol e Cristiano Ronaldo. Em terceiro lugar, surgem os “Filmes” com 11 estudantes que mostram o interesse por filmes brasileiros como “Tropa de Elite” ou “Eu não quero voltar sozinho” e “desenhos animados”. Uma dezena de estudantes disseram consultar “Notícias” sobre a China, sobre a visão da China nos meios de comunicação de língua portuguesa, mas também sobre economia e negócios. Segue-se em quinto lugar a “História” com 9 inquiridos, onde são referidos Vasco da Gama e Macau. A “Literatura” obteve 8 respostas, mas somente o nome de José Saramago foi especificado como pesquisa. Por último, surge o item “Outros” onde são visíveis os interesses pela “comida”, “universidades de Portugal” e os “vídeos em português do *Youku*”, plataforma chinesa equivalente ao *Youtube*. Surgem, igualmente, o dicionário português *online* “Priberam”, o portal português “Sapo” e o “Jornal Público”.

É notório o predomínio de fontes provenientes do Brasil nos assuntos mais procurados. O português é umas das mais fortes línguas nas principais redes sociais ditas ocidentais (Laborinho 2013) e isso dever-se-á, em grande parte, ao número de usuários brasileiros. No *Youku* ou no *QQ*² os vídeos disponíveis, as notícias e a informação veiculada sobre os países de língua portuguesa provêm principalmente do Brasil.

² Plataforma semelhante ao Google que inclui vários serviços como um motor de busca, um endereço de correio eletrónico, uma rede social semelhante ao Facebook, entre outros.

Outro aspeto a referir é que logo desde os primeiros tempos de aprendizagem, quando os alunos têm de fazer trabalhos que envolvam pesquisa e produção de texto, normalmente redigem-nos com alguns vocábulos ou construções gramaticais do português do Brasil, mesmo antes de conhecerem as diferenças entre as variantes do português, o que também pode ser demonstrativo do domínio da internet do português do Brasil.

No que concerne ao estudo e à prática do português, a maioria dos participantes (28) afirmaram usar sítios da internet ou aplicações para esse fim. O portal português “Sapo” surge em grande maioria (16), seguido das aplicações para telemóvel “Duolingo” (6) e “Diz Lá” (5). Estas aplicações permitem praticar diversas línguas, apresentando-se em formato de jogo em que os usuários avançam de nível à medida que respondem acertadamente às perguntas. Para o estudo da língua é referida também a plataforma “Google” (5), o conhecido motor de busca, seguido do dicionário “Priberam” (4). Fazemos ainda especial referência ao uso do *Youtube* como meio para estudar português, referido por sete alunos (22%). De assinalar que na China continental só é possível aceder ao *Youtube* através de VPN (*Virtual Private Network*), *software* que se instala no computador ou telemóvel para aceder à internet através de localizações externas, sem o qual não se pode “saltar a muralha” e aceder às principais redes sociais ocidentais.

De referir que, embora o uso destes programas seja relativamente comum entre a comunidade estrangeira, o seu uso não é permitido na China, de modo que para aceder a mais conteúdos de língua portuguesa, muitas vezes, os alunos parecem não ter outra opção se não recorrer a estes programas. É de realçar a perseverança dos estudantes em contactar e explorar a língua portuguesa fora da sala de aula através da consulta de vários sítios da internet que poderão ser um pouco difíceis dado o nível de proficiência que possuem em português, assim como o facto de estarem dispostos a usar dispositivos para contornar as restrições do acesso à internet.

5.1. A internet como recurso de aprendizagem

Com base na identificação dos hábitos de pesquisa e dos conhecimentos culturais relacionados com o português, poder-se-á abrir caminho para conceber materiais didácticos com recurso a ferramentas da internet e propor formas de introduzir estes recursos nas aulas de língua portuguesa. Para este fim, pressupõe-se que os professores estejam a par das ferramentas tecnológicas e dominem os recursos disponíveis com vista a aperfeiçoar o ensino. De seguida, referiremos três propostas didácticas para a utilização dos recursos tecnológicos com base nos hábitos e nos interesses revelados pelos estudantes nos questionários.

Uma das iniciativas didácticas que pode ser utilizada como complemento das aulas de língua é a criação de um livro digital. O livro digital poderá reunir matérias e exercícios praticados, mas pode conter também áreas temáticas pelos quais os estudantes nutrem interesse como a história, literatura ou música, permitindo aos estudantes terem um portefólio para registar a evolução da sua aprendizagem e acrescentar os seus próprios contributos em diversos tipos de formato além do texto, como vídeos, áudios ou animações. Desta forma, os estudantes poderão interagir entre si na partilha e pesquisa de conteúdos, enquanto os professores poderão utilizar esta ferramenta para acompanhar a aprendizagem, identificar vantagens e dificuldade encontradas, e assim poder orientar colectiva e individualmente os seus estudantes.

Outro material didáctico que poderá assumir maior destaque, uma vez que os alunos utilizam aplicações como *Duolingo* ou *Diz Lá!*, é a utilização de aplicações e jogos de língua electrónicos em que os estudantes aprendem de forma divertida e desafiante, porque precisam de avançar nas diferentes fases dos jogos. A introdução deste tipo de material com uma dimensão mais lúdica poderá contribuir para uma maior motivação e interacção dos alunos, assim como constituir um estímulo para a criatividade e participação dos alunos em sala. Não apenas os jogos digitais, mas a realização de role-plays ou dramatizações sobre temas culturais e sociais (resolução de problemas, recriação de situações ligadas ao contexto profissional etc.) podem explorar os recursos digitais para preparar

e dinamizar a elaboração e apresentação destas actividades. Estas tarefas com um registo mais informal requerem bastante orientação do professor e permitem desenvolver diversas competências porque envolvem o plano linguístico, mas também características interpessoais de cooperação, organização e trabalho em equipa (Rashid & Qaisar 2017). Os jogos electrónicos e as dramatizações com recursos tecnológicos têm a vantagem de colocar os conhecimentos teóricos em acção e tornar as aulas ainda mais dinâmicas e interactivas.

A terceira proposta didáctica está relacionada com o uso que os estudantes chineses fazem de aplicações de comunicação e entretenimento como os já mencionados *Wechat* ou o *QQ*. Através destas aplicações poderão ser criados projectos como sítios ou blogs em que os estudantes podem organizar e registar os temas da sua preferência. Esta iniciativa tem sido elaborada por nós com algumas turmas do segundo ano de português desta universidade, nomeadamente, através da realização de uma revista electrónica (bilingue) em que os alunos produzem todos os conteúdos. Na sala de aula são definidas as tarefas que cada um terá a desempenhar (ilustração, design, escrita de poemas, recolha de fotos, entrevistas, crónicas, relatos de viagens etc.) e posteriormente os alunos trabalham autonomamente, criando conteúdos que podem ser consultados por todos os usuários dessas plataformas. Esta é também uma forma de se adquirirem responsabilidades enquanto turma e se trabalharem diversas competências, permitindo explorar a língua portuguesa para além das matérias e conhecimentos que normalmente são tratados em aula. De acordo com a nossa experiência, estas tarefas parecem contribuir positivamente para a motivação e auto-confiança dos alunos e para interagir e comunicar em diferentes registos.

Por todos estes motivos, podemos dizer que a tecnologia representa um complemento valioso para tornar o ensino de língua mais recursivo, para a motivação ou engajamento dos alunos, e também para o professor compreender melhor o percurso de aprendizagem dos seus estudantes e, assim, melhor aproveitar as potencialidades de cada aluno.

6. Conclusões

As tecnologias da comunicação são bastante utilizadas pelos estudantes de português para explorarem os seus interesses sobre a cultura lusófona. Na sala de aula, grande parte do tempo é dedicado sobretudo ao ensino da língua de maneira que os alunos utilizam a internet para pesquisar conteúdos culturais por iniciativa própria, uma vez que os seus conhecimentos prévios sobre as culturas de língua portuguesa parecem ser parcos, excepção feita a alguns conhecimentos superficiais de Portugal ou do Brasil (como o pastel de nata, o vinho do Porto, ou o futebol e alguns jogadores mais famosos). Os temas como a música, o desporto e os filmes despertam a curiosidade dos alunos para descobrir mais sobre os países de língua portuguesa e aprofundar conhecimentos já adquiridos. Existe também um interesse considerável por questões ligadas à história e à literatura, além de que quase todos os participantes neste estudo utilizam ferramentas para estudar e exercitar a parte linguística como os dicionários *online* ou as aplicações *Duolingo* e *Diz Lá!*. Verifica-se assim que a procura de conteúdos em português é realizada tanto para objetivos recreativos como para fins mais práticos ou didáticos.

Os alunos revelam que a presença de conteúdos sobre os países de língua portuguesa é reduzida, existindo uma clara maioria de conteúdos provenientes do Brasil, e admitem dificuldades ou impossibilidade de aceder a redes sociais ou fontes de informação muito utilizadas noutros países como o *Google*, *Facebook*, *Twitter* ou *Whatsapp*, entre outras, cujo acesso na China continental se encontra bloqueado, reduzindo de forma considerável o leque de opções para obterem conhecimentos acerca dos países de língua portuguesa.

As redes sociais ocidentais mais famosas têm por norma um equivalente chinês o que nos diz que mesmo em culturas distintas os usuários possuem idênticos tipos de necessidades no mundo digital. Sendo este um mercado significativo e em ascensão é necessário ter em conta estas e outras especificidades para chegar aos novos falantes de português na China, compreender o perfil do público em causa, perceber que tipo de interesses tem e sobretudo saber de que meios dispõe para comunicar.

Relativamente a questões didácticas há imenso espaço para desenvolver metodologias que utilizem a

internet e assim contribuir para aprimorar a qualidade do ensino de português na China. Os países de língua portuguesa deverão veicular mais informação através das redes sociais chinesas para chegar aos milhares de jovens que aprendem português como porta de entrada para o mercado de trabalho. É necessário conhecer as redes sociais que os jovens chineses mais utilizam, os seus gostos e preferências, mas também as limitações que enfrentam. A este nível, recordamos o exemplo de uma empresa vinícola portuguesa que recentemente publicitou um evento a decorrer na China através da rede social *Facebook*, sendo este um meio com pouca ou nenhuma difusão e impacto na China continental (até porque o seu uso está interdito).

A internet representa hoje uma das maiores montras que os países têm à sua disposição pelo que se poderá aproveitar o período favorável que o ensino da língua portuguesa vive em território chinês para os países de língua portuguesa se darem a conhecer nas suas várias vertentes. Parecem restar poucas dúvidas de que os intervenientes neste processo – começando pelos alunos e professores até às instituições ou empresas – teriam a ganhar com uma maior presença e investimento em conteúdos de língua portuguesa no espaço da internet chinesa.

Para este fim é determinante conhecer a outra cultura, a sua realidade, as suas características e demonstrar uma predisposição intercultural de abertura, empatia e diálogo. São estes valores que nos guiam a Oriente e que pretendemos partilhar com este estudo.

6.1. Investigações futuras

De modo a aprofundar o alcance deste estudo futuramente poder-se-á recorrer a uma amostra mais extensa ou diversificada envolvendo mais alunos de outras instituições universitárias chinesas de modo a compreender melhor o papel das novas tecnologias no

contacto que os estudantes chineses estabelecem com a língua portuguesa. A relação entre o uso da internet e a aprendizagem do português na China constitui um campo de investigação vasto com várias perspectivas passíveis de ser estudadas. Desse modo, reveste-se de importância explorar outras questões, tais como analisar o uso de aplicações específicas para aprender a língua, a quantidade de alunos que recorrem a estas ferramentas, bem como verificar se as pesquisas dos alunos na internet sobre a cultura dos Países de Língua Portuguesa se aproximam da forma como a cultura destes países é tratada nos manuais didáticos para o ensino do Português Língua Estrangeira na China, o que poderá ser pertinente na perspectiva do ensino da língua e na elaboração de materiais específicos para aprendentes chineses

A fim de abordar a perspectiva dos professores de Português na China e da sua interacção com os recursos da internet para fins de ensino da língua portuguesa, poder-se-ão também desenvolver estudos para perceber como os professores estrangeiros a leccionar no interior da China se adaptam aos diferentes programas, plataformas e aplicações de internet que têm ao seu dispor e que poderão diferir dos recursos com os quais estariam mais familiarizados nos seus países de origem. Por último, efectuar pesquisas sobre o ensino a distância de Português, que tem sido realizado com maior frequência devido aos tempos que correm, também poderá ser um campo com bastantes oportunidades de investigação, nomeadamente sobre as vantagens e dificuldades que este meio de ensino coloca a professores, alunos e instituições, sobre as novas formas de avaliação que se configuram e também acerca do espaço do ensino a distância no contexto do Português na China.

Referências

- CASTELO, A. (2020) «Chinese Voices in Portuguese: CALL Needs for the Oral Skills Learning». *Diadorim* 22 (esp): 46-64.
- CLARKE, J. (2009) «Student-centred teaching methods in a Chinese setting». *Nurse Education Today* 30: 15-19.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (2001) *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- GÜNTHER, H. (2006) «Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?». *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 22 (2): 201-210.
- HILL, M.; HILL A. (2000) *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- JANDT, F. (2015) *An Introduction to Intercultural Communication: Identities in a Global Community*. Thousand Oaks: Sage.(8^o ed.).
- JIN, L.; CORTAZZI, M. (2006) «Changing Practices in Chinese Cultures of Learning.» *Language, Culture and Curriculum*. 19(1): 5-20.
- KANG, L. (2014) *Globalization and Cultural Trends in China*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- KENSKI, V. M. (2007) *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus.
- LABORINHO, A.P. (2013) *Português é a Quinta Língua da Internet* (Manuela Goucha Soares, Entrevistadora). Disponível em Jornal Expresso: <<http://expresso.sapo.pt/portugues-e-a-quinta-lingua-da-internet-acompanhe-aqui-o-debate=f838108#ixzz2x9oLn1v3>> Acesso em: 26, fev., 2018.
- LI, Li (2014) «Understanding language teachers' practice with educational technology: a case from China». *System* 46: 105-119. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10871/21660>> Acesso em: 10, out., 2018. DOI: 10.1016/j.system.2014.07.016.
- LI, Zhiyu; HU, Muhui & ZOU, Hongyin (2012) «Internet-assisted College Education Teaching in China». *IERI Procedia* 2: 623-629. Disponível em <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212667812001529>>. Acesso em: 13, out., 2018. DOI: 10.1016/j.ieri.2012.06.144.
- LIU, Y.; ZHANG, M.; YIN, Q. (2014) «Challenges in Intercultural Language Education in China». *Canadian Social Science* 10(6): 38-46.
- MENDONÇA, M. L. (2010) *Mídia e Diversidade Cultural*. Brasília: Casa das Musas.
- MERCADO, L. P. (2002) *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: Edufal.
- MEC - MINISTRY OF EDUCATION OF PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA (2019) China issues guideline to deepen reform of undergraduate education. *Laws and Policies*, Beijing, 2109. Disponível em: http://en.moe.gov.cn/news/press_releases/201910/t20191014_403236.html Acesso em: 25, fev. 2020.
- PIRES, M. J. (2020) «A cultura chinesa: das dimensões culturais de Hofstede às perspectivas asiáticas de comunicação» *Anuario Latinoamericano – Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales* 10: 147-166.
- PORTO, M.; HOUGHTON, S.; BYRAM, M. (2017) «Intercultural citizenship in the (foreign) language classroom». *Language Teaching Research* 22(5): 484-498.
- RAO, Z. (2002) «Chinese students' perceptions of communicative and non-communicative activities in EFL classroom». *System* 30: 85-105.
- RASHID, S.; QAISAR, R. (2017) «Role Play: A Productive Teaching Strategy to Promote Critical Thinking». *Bulletin of Education and Research* 39(2): 197-213.
- SOUSA, M.; BAPTISTA, C. (2012) *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Lisboa: Edições Lidel.
- TONG, Y. (2018) *Comparação entre a Cultura Chinesa e Portuguesa: importância da aprendizagem da Cultura no Ensino do Português como L2/LE* (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- WANG, R. (2017) *Crenças e Atitudes dos Aprendizes Universitários Chineses de PLE* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- WU, D.(2008) *Discourses of Cultural China in the Globalizing Age*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- XIAO, X.; CHEN, G. (2009) «Communication competence and moral competence: a Confucian perspective». *Journal of Multicultural Discourses* 4(1): 61-74.
- YAN, Q., & Albuquerque, F. D. (2019). *O Ensino do Português na China – Parâmetros e Perspectivas*. Natal, RN: Edufrn.
- YAO, X. (2000) *An introduction to Confucianism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- YE, X. (2017) O português na China: alguns aspetos do seu ensino-aprendizagem e avaliação. (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- UNESCO (2013) *Policy guidelines for mobile learning*. Disponível em Unesco Digital Library: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219641>> Acesso em: 11, mar., 2018
- ZHANG, C. (2013) «A Study of Internet Use in EFL Teaching and Learning in Northwest China». *Asian Social Science* 9(2): 48-52.

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a2>

Vergonha, Corpo e Narrativa: Uma Leitura de “Obsessão” de Clarice Lispector à Luz da Teoria de Afeto

HUANG Lingchen^a & JIN Xinyi^b

Resumo

São intrínsecas as relações entre o sentimento de vergonha, o corpo e a narrativa, como demonstrado no conto “Obsessão” de Clarice Lispector. O presente trabalho tem por objetivo mostrar como a vergonha é apresentada pela escrita do corpo feminino e demonstrar o modo como se reflete este afeto na narrativa em primeira pessoa, tomando a teoria do afeto de Silvan Tomkins como instrumento de análise. O estudo permitirá uma melhor compreensão sobre a vergonha derivada do sentimento de inferioridade e do deslocamento na hierarquia sociocultural, além dos impactos que ela exerce no corpo, na narrativa e na escrita feminina. O trabalho analisa as reações somáticas e psicopatológicas como o resultado da vergonha e do amor obsessivo da narradora. Apoiando-se em Sheils e Walsh, também se debruça sobre a vergonha no nível da narração e da sintaxe através do uso de uma narrativa introspectiva, explorando a trama implícita na história.

Palavras-chave: *afeto, vergonha, corpo feminino, narrativa introspectiva, poder da narradora.*

1. Introdução

Clarice Lispector, a célebre escritora brasileira que era contemporânea à segunda onda do movimento feminista mundial, mereceu, por parte da crítica, atenção constante e significativa. Os seus contos já foram objeto de diversos estudos acadêmicos, no entanto, a contribuição especial do presente trabalho é investigar as expressões sutis da vergonha.

Para proceder a uma análise detalhada, torna-se importante clarificar os conceitos de afeto e de vergonha. Gregory Seigworth e Melissa Gregg definem o afeto como “*the intensities that pass body to body*” (2010: 1),

lançando luz sobre os aspetos incorporados e impessoais do afeto. Por isso, para enfatizar o afeto, especialmente a vergonha, objeto de estudo no presente trabalho, é preciso estabelecer uma relação entre a escrita do corpo feminino e as circunstâncias socioculturais. Silvan Tomkins relaciona a vergonha com o interesse: “*the innate activator of shame is the incomplete reduction of interest or joy*” (1995: 84). Quando o desejo corporal é obstruído, regista-se um sentimento de inferioridade, trata-se da vergonha. Ademais, Tomkins nota que a função da vergonha como resposta de “*affect auxiliary*” aos impactos leva a que

^a Universidade de Oxford, Inglaterra || ✉ ofeliahuanglc@163.com

^b Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, China || ✉ patricia_xy@163.com

o ego possa afastar-se da exposição excessiva e, desta forma, a intimidade com objetos positivos possa ser consumada. Sheils e Walsh afirmam ainda que a relação entre a vergonha e a escrita é intrínseca (1995: 85).

Lispector é mestre em representar as reações de vergonha resultantes da inferioridade na hierarquia sociocultural. O objetivo geral deste trabalho é tentar investigar a vergonha e as reações corpóreas como uma manifestação da inferioridade feminina e analisar as estratégias de Clarice Lispector numa narrativa fortemente introspectiva para apresentar a vergonha. O presente estudo focaliza-se no conto “Obsessão” (1941), em que a protagonista, Cristina, se sente envergonhada e responde corporalmente ao laço familiar e ao poder de intelectualidade. São as respostas corporais e até patológicas que lhe concedem uma autoridade ambivalente. Neste caso, o primeiro capítulo estudará os gestos corporais como uma demonstração da crise da identidade feminina na norma patriarcal e sociocultural e indagará os efeitos transformativos que a vergonha exerce na protagonista. O segundo capítulo dedicar-se-á à análise da vergonha na escrita, isto é, uma vergonha por não conseguir dizer a verdade e que se reflete numa divergência entre o “eu” que está a sentir e experimentar e o “eu” que está a narrar, debruçando-se sobre uma linguagem repleta de autonegação. O terceiro capítulo investigará a trama implícita deste conto, analisando a vergonha masculina e a consequente ascendência do poder de Cristina.

Com um método interdisciplinar baseado em *Close Reading*, o presente trabalho apresenta a vergonha na escrita feminina tanto através da análise sobre as reações corporais e psicopatológicas, como através da narrativa feminina em primeira pessoa repleta de negação e adiamento do significado. A ambivalência do conto que a escritora nos deixa, composta pela formação da autoridade da protagonista e pela redução do seu desejo, reflete a função transformativa da vergonha, assim como o impacto obstrutivo que a ela exerce na autoexpressão da mulher, a figura inferior sob a ordem patriarcal.

2. Vergonha de deslocamento: corpo, sociedade e afeto

O conto “Obsessão” de Clarice Lispector¹ destaca-se pela descrição das reações corporais da figura feminina, a qual se caracteriza pela sua ambiguidade e intangibilidade. No presente trabalho, a vergonha é relacionada com o corpo e as suas circunstâncias sociais. Neste sentido, a análise das reações corporais pode ser relevante para as condições sociopolíticas a que os indivíduos femininos estão presos.

2.1. Vergonha e performatividade do corpo

A escrita do corpo tem como objetivo maximizar “*the body’s capacity to affect and to be affected*” (Gregg & Seigworth 2010: 2) e, portanto, faz as sensações exibirem-se, apresentando aos leitores as ações antagónicas para transmitir a vergonha. A escrita da vergonha em Lispector pode decididamente constituir um paradigma. A sua descrição sobre o deslocamento feminino na sociedade patriarcal, isto é, a não integração no laço matrimonial e familiar e a inferioridade perante a autoridade intelectual, corresponde ao termo “*habitus*”² cunhado por Pierre Bourdieu para descrever a inter-relação entre o corpo humano e as suas circunstâncias sociais. O corpo humano não é apenas um modelo pelo qual as experiências sociais são incorporadas, mas também um local em que as classes, os géneros e as etnias deixam os seus traços (cf. Probyn 2005: 39). Elspeth Probyn, ao referir a ideia de “*habitus*” de Bourdieu, define a vergonha como “*shame of being-out-of-place*”, pelo qual se estabelece uma conexão entre a vergonha, o corpo e lugar — a vergonha é um sentimento que o corpo regista nos contextos sociais e culturais aos quais não pertence (2005: 39). Nesta parte, será analisada a vergonha de Cristina diante de Jaime, o seu marido, e de Daniel, o seu amante, ambos representativos do laço familiar e da autoridade intelectual.

No conto, a protagonista Cristina cresceu numa família tradicional com a dominância patriarcal. Quando

¹ Clarice Lispector (1920-1977) foi uma das escritoras mais representativas na literatura brasileira do século XX. O seu conto “Obsessão” está incluído em *A Bela e a Fera*, coletânea de contos escritos entre 1940 e 1977 e que só foram publicados postumamente.

² O termo “*habitus*”, proposto pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, refere-se à “*embodied history*”, que é a presença ativa das experiências dos indivíduos justaposta com a sua autonomia relativa e com as determinações externas (1990: 56). É uma espontaneidade inconsciente, que constitui um conceito para explicar as histórias coletiva e individual.

os seus pais “descobriram [nela] uma mocinha, abaixaram [seu] vestido, fizeram-[na] usar novas peças de roupa e consideraram-[na] quase pronta” {32}³. Após o casamento com Jaime, Cristina desempenhou sempre o seu papel dócil na relação matrimonial com o seu marido – “um prolongamento de meus pais, de minha casa anterior” {33}. Esta situação designa explicitamente a ordem familiar e patriarcal vigente na época. No período da convalescença de Cristina, quando vivia fora da sua família, encontrou Daniel, por quem se apaixonou. O amante ofereceu-lhe uma “educação” através do discurso: “Ele falava, eu ouvia.” {43} As palavras depreciativas faziam com que Daniel se tornasse o mestre e dominador da autoridade intelectual perante Cristina⁴. No entanto, a descoberta da fraqueza de Daniel leva à epifania de Cristina, que se tornou inteligente após a “educação” e, no final, abandonou o amante e retornou ao marido, com a ascendência do poder feminino, mas também o silêncio e a perda de intimidade.

No texto de Clarice Lispector, a protagonista lembra a sua conversa com o marido antes de ela ter contraído tifoide:

– Se nós tivéssemos um filho...
Respondi, desatenta
– Pra quê? {34}

Esta resposta inocente e pouco atenciosa ao desejo de Jaime de ter um filho indica a relutância e a recusa da maternidade de Cristina, a qual leva ao seu isolamento vergonhoso de Jaime: “Denso véu isolava-[a] do mundo e, sem o saber, um abismo distanciava-[a] d[e] [si] mesma” {34}. Probyn argumenta que a vergonha coloca o corpo na fronteira entre a aproximação do interesse mais profundo e a recessão à humilhação (2005: xii). O ego, com a noção completa de família, não fica jamais sustentável como um conjunto, mas torna-se num centro no qual Cristina se retira e do qual foge.

Mais tarde, com a febre tifoide, parece que lhe foi restaurado o sentido da família: “Minhas duas casas se mobilizaram e num trabalho de noites e dias salvaram-

me” {34}. No entanto, em vez de reafirmar a pertença à casa, a postura de “convalescente” leva Cristina a uma motivação peculiar – “imagino antes que forçava minha fraqueza para conservar as pessoas ao redor de mim, como na fase da doença. Quando Jaime chegava do trabalho, meu ar de fragilidade acentuava-se propositalmente” {34}.

Esta performatividade consciente de Cristina sugere o seu desejo de receber atenção e carinho constantes. A sua exposição de fragilidade é definitivamente uma postura vergonhosa para descrevê-la como incapaz e inválida. Embora o corpo feminino sem reprodutibilidade não se isente de ser diagnosticado como vergonhoso, a capacidade de performance e a postura do corpo podem ser uma afirmação da sua identidade feminina. Neste sentido, a recusa de Cristina à maternidade e a sua postura de “doente” revelam uma forma latente de manipular o seu corpo, isto é, concedê-lo à performance e à narrativa. Todavia, esta aspiração da automanipulação corporal chegou a ser frustrada por Daniel, e a ambivalência de Cristina, em vez de ser diminuída, intensificou-se ainda mais.

O orgulho da performatividade de Cristina perdeu-se imediatamente ao encontrar Daniel pela segunda vez: “formalizei-me numa atitude fria e inútil, uma vez que ele mal me percebia, colocando-me assim ao lado da pensão inteira, a salvo” {36}. A vergonha fixa o corpo e, ao mesmo tempo, inquieta-o. Por um lado, o seu orgulho de fazer postura é quebrado pela vergonha de estar em cumplicidade com a sociedade burguesa, que Daniel despreza. A sua “atitude fria e inútil” está sujeita à manipulação do discurso de Daniel, o qual reduz a capacidade expressiva do corpo da protagonista para uma mera “intensidade de animal” {45}. Por outro lado, a sua sobrevivência corporal está ligada à pensão como um abrigo e, conseqüentemente, o seu sentimento de “vergonha em fazer parte daquele grupo amorfo de homens e mulheres que numa combinação tácita se apoiavam e se esquentavam” {36} revela que a substância de ambas as formas de casa – a casa *per se* e o corpo como casa para o espírito – é vulnerável.

³ Os números entre chaves {} indicam a página do conto

⁴ A personagem Daniel faz lembrar a ficção de Gustave Flaubert, *i.e.* *Bouvard et Pécuchet*, em que o impulso de Pécuchet para esgotar todo o conhecimento quase se assemelha à mesma obsessão de Daniel: o conhecimento é visto como uma forma de ganhar o domínio.

Efetivamente, a presença de Daniel conduz as experiências somáticas de Cristina a uma confusão: “O sangue latejava-me surdamente nos pulsos, no peito, na testa. As mãos geladas e húmidas, quase insensíveis” {45}. A repetição da preposição “em” constitui uma cadência que circula o som abafado do bater de sangue, manifestando o desejo de Cristina pela intimidade com Daniel e pelo autocontrolo. No entanto, o contato interrompido indica que a sua vergonha obstrui esse desejo de conexão e substitui a vivacidade da vida – a circulação do sangue – pela rigidez da ordem – “o olhar penalizado de Daniel” {46}, criando assim “*a kind of social solitude of people who are set, in some deep measure, apart from each other*” (Stockton 2006: 27).

Esta solidão profunda é intensificada pelo poder verbal de Daniel, o qual constitui “*murder of a thing...above all in the sense of its radical dissection...it tears it out of the embedment in its concrete context*” (Žižek 1992: 51). As palavras de Daniel, demarcadas do corpo, afastam-se da intimidade: “Mesmo no seu único beijo, eu imaginara recebê-lo sem lábios” {51}. A “educação” de Daniel, que implica a humilhação, destina-se a levar Cristina à dualidade cartesiana entre a mente e o corpo. O beijo sem lábio, em vez de trazer a intimidade, constitui uma negação da capacidade corporal.

Contudo, a tensão entre a postura do corpo e a linguagem dominante está longe de ser resolvida, já que os leitores estão cientes de que o rubor de Cristina se encontra em justaposição com a sua consciência de que “para Daniel se apiedar de mim, eu deveria estar ridícula” {45}. O grotesco vergonhoso em seu rosto não só desfamiliariza Cristina da sua “fisionomia”, mas também faz dela uma ameaça disfarçada à sociedade patriarcal, o que será discutido mais adiante. O que Lispector concede aos leitores não é uma ilusão de intimidade restaurada, mas sim uma dúvida em relação à possibilidade de existir alguma solução para este deslocamento, por dramatizar a obsessão de amor no dia-a-dia.

2.2. Vergonha e obsessão

A discussão anterior argumenta que a vergonha põe Cristina numa negociação entre auto retrocesso e auto-anulação. O conflito crescente entre a postura inútil de

Cristina e o desejo de intimidade produz uma intensidade amarga à sua vergonha, que magnifica o afeto e se dirige a uma situação mais danosa que é a obsessão.

Lennard Davis oferece-nos uma possibilidade de leitura entre o contexto cultural e a performance somática no conto. Ele define a vergonha como uma combinação da consciência das pessoas de “*intrusiveness, internal attribution and unwantedness*” dos seus comportamentos compulsivos e da dificuldade de os controlar (2008: 15).

A obsessão é, neste caso, não só uma questão de intensidade e frequência das reações psicopatológicas da vergonha, mas também um tipo de interação com a normalidade, que se liga mais firmemente com a vergonha. Esta parte focalizar-se-á principalmente no amor obsessivo de Cristina por Daniel e as consequências melancólicas.

A obsessão de Cristina por Daniel é o resultado da vergonha intensificada e torna-se conspícua por uma série de reações repetitivas — posturas corporais históricas como “ajoelhar-[se]” e “abaixar-[se]” que revelam uma inferioridade sentida pela protagonista: “Numa daquelas exaltações súbitas que haviam se tornado frequentes em mim, desejei ajoelhar-me perto dele, rebaixar-me, adorá-lo” {45}. A indiferença de Daniel paradoxalmente desencoraja e estimula a performance somática de Cristina, fazendo com que a narrativa coerente do corpo se entrelace com frequentes “exaltações súbitas”. Desde que a “educação” não esteja completa, o desejo e a empolgação de Cristina não são inteiramente diminuídos, o que infunde nos comportamentos dela a vergonha demonstrada pelo desejo de “ajoelhar” e “adorá-lo”.

No entanto, o autorrebaixamento de Cristina é justaposto à autoadvertência repetitiva na narrativa: “Nunca mais, nunca mais” {45}. O comportamento obsessivo é notável exatamente neste exame contraditório e vergonhoso da natureza dum pessoa. O seu desejo de intimidade com Daniel é simultaneamente negado e afirmado. Neste caso, pode-se notar que a obsessão é, efetivamente, uma gravitação da tentativa vergonhosa de “*not-being-able-to-stop*” (Davis 2008: 18) de se aproximar de um idealizado outro.

O amor obsessivo não se limita na interação entre indivíduos. A opinião de Sara Ahmed — “*in shame*,

more than my action is at stake: the badness of an action is transferred to me” (2014: 105) – esclarece bem a cena de Cristina olhar para o espelho:

Surpreendia-me a olhar para o espelho buscando no rosto algum novo traço, nascido da dor, de minha vileza, e que pudesse conduzir minha razão aos instintos em tumulto que eu ainda não queria aceitar. Procurava aliviar minha alma, mortificando-me, sussurrando entre os dentes apertados: ‘vil...desprezível...’ {49}

Os gestos auto humilhantes de Cristina são transferidos ao repúdio dela mesma. Quando ela olha para si mesma no espelho, é com o olhar de Daniel que ela efetivamente se identifica. O uso dos adjetivos como “vil” e “desprezível” são traços da presença de Daniel como um outro idealizado. Especialmente os “instintos em tumulto” de Cristina, alvo contra o qual Daniel lança o ataque com o bombardeamento de palavras. No entanto, o ato de identificação não é sólido suficientemente e manifesta-se uma rutura interior em Cristina – “aliviar minha alma, mortificando-me” (*ibid.* 49) – por descartar a capacidade corporal, o que revela uma repugnância de si própria devido à sua percepção das vãs tentativas de reconhecer a identidade.

Neste sentido, o fracasso de Cristina de penetrar no conhecimento profundo de Daniel reside no fracasso de si mesma. Ela mergulha na obsessão, revisitando compulsivamente o trauma de ser a inferior e até uma “escrava” do seu amante.

No entanto, esta sensação de fracasso infligida pelo outro idealizado é quase temporária. No caso de Cristina, o potencial transformativo enraizado na vergonha parece um triunfo quando “pela primeira vez descobria que Daniel precisava de mim! Eu me tornara necessária ao tirano” {54}. O mito do poder de Daniel é substituído pela consciência da sua dependência. Este reconhecimento, aliás, é acompanhado por uma redução quase completa de interesse e pela perda do desejo de intimidade: “vou embora! ... A minha frase abriu tal distância entre nós que eu não suportava sequer seu contato” {58}.

De acordo com Arnaldo Franco Junior, a indiferença final de Cristina não é uma mera vingança, nem a reversão de “posições dissimétricas de poder-saber”. A sensação de melancolia da protagonista é inseparável

deste desencanto, devido à “perda da alienação de si no outro”, isto é, a “perda das ilusões investidas na paixão” pelo outro (2011: 130).

Apesar da promessa transformativa da vergonha como “*a return of interest, joy, and connection*” (Probyn 2005: xiii), o amor é o pré-requisito para esta transformação. Mesmo assim, a sociedade patriarcal e a imposição constante de vergonha sobre a figura feminina via patologização do corpo feminino e “educação” disciplinar, levam Cristina a uma solidão sem amor e a um silêncio melancólico, em vez de curar o trauma. Quando os efeitos transformativos não encontram o ego integrado, Cristina, a envergonhada, vai ascender à posição de narradora para enumerar a sua perda de si mesma e do amor.

3. Vergonha da escrita

Enquanto a discussão acima lança luz à representação textual do corpo no estado de vergonha de “*being-out-of-place*”, um afeto intensamente sentido pela protagonista, o segundo capítulo localizar-se-á dentro da narrativa em primeira pessoa no conto “Obsessão”, tendo em conta a questão como é a vergonha apresentada a nível sintático e de narrativa. Dedicar-se-á à análise da vergonha em escrita, isto é, uma vergonha de “*not being able to tell the truth*” e de “*inauthenticity under certain linguistic circumstances*” (Riley 1997: 76). Esta vergonha é refletida numa divergência entre “eu” que está a sentir e experimentar e “eu” que está a narrar, como também numa linguagem repleta de negação, autocorreção e adiamento de significado.

3.1. Entrelaçamento de “eu” em escrita e “eu” em experiência

Denise Riley propõe que a vergonha na narrativa em primeira pessoa se refere à incapacidade de dizer a verdade em certas circunstâncias linguísticas. O efeito que a vergonha exerce na escrita faz com que a narradora se mantenha numa posição entre esconder e revelar, entre o passado e a realidade. Na narrativa em primeira pessoa, o experimentando “eu” livra-se do controlo do narrando “eu”, construindo uma confusão da capacidade narrativa e a vergonha pelo fracasso de narrar.

A noção de Riley pode esclarecer a falta de nitidez na narração de Cristina. As suas conversas com Daniel

estimulam-lhe um interesse extremo e obsessivo de se aproximar dele, trazendo-lhe “uma curiosidade forte e vergonhosa como ... um vício” e, ao mesmo tempo, contribuindo para a dificuldade de contar a sua experiência: “Por isso tudo, a minha história é difícil de ser elucidada, separada em seus elementos” {38}.

Sheils e Walsh observam que a vergonha constitui uma dicotomia entre a contradição do ego e a aproximação dos outros. Esta estrutura determina que o “eu” já não mantém a “*confidence to be proprietorial*” (2018: 6), e a linguagem narrativa também fica perturbada. A escrita de vergonha revela-se no ato de escrever per si, isto é, uma ação de vacilar entre o impulso de escrever e cobrir o que já foi escrito. O “eu” é exposto a outros e, com uma narrativa introspectiva, lembra-se o presente narrando “eu” da sua vergonha. Tendo a distância entre o presente e o passado, o “eu” cria uma narração incoerente, o que produz uma descontinuidade.

Probyn salienta que a vergonha provoca “*a nearly involuntary reevaluation of one’s self and one’s actions* (2005: 55)”. O deslocamento de Cristina acima mencionado e a vergonha como seu resultado, causam não só um auto escrutínio, como também uma alienação na auto depreciação. Cristina narra em primeira pessoa a sua experiência em dois planos de tempo, isto é, o presente e o passado. A auto reavaliação e autocrítica da narrando “eu” no presente sobre a experimentando “eu” no passado encontra-se frequentemente na narração de Cristina, levando a que se destaque uma rutura de linearidade de narrativa.

O conto inicia-se com “Agora que já vivi o meu caso, posso rememorar-lo com mais serenidade” {32}, indicando a posição da narradora no momento presente ao lançar um olhar retrospectivo para o seu “caso” vergonhoso. É com este distanciamento de si mesma que “Not[a] agora que certa apatia, mais do que paz, acinzentava [s]eus atos e [s]eus desejos” {34}, assinalando assim uma redução do interesse e do entusiasmo de “eu” na posição de escrutínio, devido à sensação de vergonha pela sua experiência. Quando Cristina reconta o início da experiência naquela pensão, menciona as “cartas que naquela época” escreveu, nas quais observa um desejo de voltar para casa. Regressar para a

casa de convalescença constitui um tratamento para curar a insanidade feminina no século XX, apesar de infligir a Cristina “um sentimento de mal-estar” que se apodera dela. É nesta condição que Cristina se aproxima de Daniel. As cartas são “lidas muito depois” {35}, o que indica que a vergonha assombrosa deste caso faz com que ela procure constantemente a raiz desta experiência.

Ao introduzir a personagem Daniel, em vez de narrar o “caso” com ele pela ordem cronológica em que o episódio ocorre, Cristina faz um desvio ao recontar as suas tentativas em vão de lembrar ou reconstituir o “rosto” e a “imagem” de Daniel, enfatizando a sua incapacidade e a impossibilidade de recompor a figura desse homem. Neste sentido, a Cristina que está a experimentar a dominância e o desprezo do amante e que está a sentir-se “exausta”, “magoada” e “partida” no passado foge do constrangimento da narradora no presente. É com isto que se cria uma expectativa falsa pelo enredo e assim se adia o clímax da história. E depois, surge a voz da narradora: “Mas é necessário começar pelo princípio, pôr um pouco de ordem nesta minha narrativa...” {35}. Deste modo, regressa de novo ao tempo cronológico da narrativa.

Esta forma anacrónica rompe a coerência da narração, registando um entrelaçamento do “eu” que experiencia e do “eu” que narra. Com o primeiro, mostra-se uma performatividade, que se refere às reações corporais acima mencionadas, e com o segundo manifesta-se uma tendência ou uma atitude de refletir e criticar a primeira devido à vergonha. Ao reavaliar a sua ânsia pela intimidade com Daniel, em que ela “procurava-o, imitava-o, numa súbita sede de paz” {40}, Cristina realiza a sua epifania: “Hoje, tenho pena de Daniel...agora percebo quanto Daniel era livre e quanto era infeliz”; “Vejo com nitidez”, “sem ódio, sem amor, com indiferença apenas”; “Temia-o?”, “Amor?”...{41-49}. A reiteração da sua autor-reavaliação à distância sobre o seu relacionamento com Daniel e os seus comportamentos em frente dele atalham constantemente a história: “sei que me repito, que erro, confundo factos e pensamentos nesta curta narrativa” {49}. Assim, o conto demonstra uma narrativa em diferentes camadas e uma relação paradoxal entre a voz que narra e a experiência no passado.

3.2. Negação na narrativa

O uso do vocabulário negativo é onipresente em “Obsessão”. Tal uso, além de funcionar como um elemento sintático, pode ser entendido em termos de circunstâncias espirituais e emocionais da protagonista, especialmente neste conto destacado pela ocorrência extremamente frequente da negação. A linguagem de Cristina caracterizada pela sintaxe negativa revela a sua mentalidade repleta de autonegação devido à falta de certeza e de autoconfiança, suscitando nos leitores reflexões sobre a autenticidade na sua narração. “Não me recordo com nitidez de seu início”; “Não me recordo dos detalhes que nos aproximaram” {32-38}. Com este “não”, a narrativa de Cristina demonstra uma ambiguidade, pondo em questão a confiabilidade da narradora.

O uso de negação em “Obsessão” também designa a dualidade emocional da narradora. As expressões como “melancolia *sem* causa”, “uma saudade morna e incompreensível de épocas *nunca* vividas”, “*nada* romântica” e “sentimento *inútil*”⁵, sublinham a falta de profundidade de emoção e da autoconsciência da figura feminina na adolescência de Cristina, o que revela que ela é “simples e primitiva”, “inconsciente”, sem desejo pela coisa “com intensidade” {33-43} perante o seu destino socialmente pré-codificado, nomeadamente, “casar, ter filhos e, finalmente, ser feliz” {33}. Ao encontrar Daniel, as reações negativas como “defendendo-me não sei de quê” e “sem refletir” {36} mostram uma ausência de respostas definidas e ações firmes, assim como a sua atitude abjeta e a dormência emocional, causadas pela repressão emocional e auto-negociação, sendo as últimas duas sintomas do afeto e da vergonha.

A negação na narrativa de Cristina é sinalizada mais evidentemente pela palavra “não”, que aparece múltiplas vezes, enfatizando o seu monólogo. As frases com o “não” demonstram a característica de “*subtle syntactical deformations*” do português padrão (Fitz 1985: 44), deixando-nos interpretá-las de forma diferente. A protagonista confessa no início do conto: “Não tentarei fazer-me perdoar. Tentarei não acusar” {32}, indicando que não se isenta do sentimento obsessivo de vergonha, mas também mostra um tom de sinceridade

e a autodefesa psicológica quando tenta contar o seu caso. A palavra “não” faz diferir e até diferenciar o significado nas frases prolongadas de forma desequilibrada. O fenómeno também se encontra nos parágrafos seguintes: “eu nunca me lembrara de que se pudesse não aceitar” {36}. O uso conjunto destas expressões negativas, como “nunca” e “não”, prolonga deliberadamente os discursos, denotando uma voz gaguejante da narradora na vacilação de decidir qual maneira de narrativa a ser usada. Em vez de dizer diretamente “eu achava que se tinha de aceitar”, a frase no conto tende o adiamento deste significado, insinuando um estado psicológico de hesitação e oscilação na zona fronteira entre dizer e não dizer. Tal negação é ubíqua no conto, como por exemplo nas frases “Tentava não me distrair para não perder da conversa mágica” e “não sabia enxergar mais profundamente? não sei” {33-37}. Em consequência, a narrativa de Cristina encaixa-se na fórmula de vergonha linguística da escrita em primeira pessoa, tal como Denise Riley propõe: “*writing is one prolonged piece of self-informing repudiation*” (1997: 80).

De acordo com John Paul Riquelme, “*modernist negativity*” dirige-se ao processo de “*self-correcting*” e “*self-transforming*”, daí “*fallible dimension of human experience becomes a basis for making defensible choices about values and actions*” (2007: 536). A repetição do “não”, como em “Não sei o que, desde o início, impediu minha revolta. Não sei.”, “Não posso, não posso!” e “Não, não era amor. Horrorizava-me: era o aviltamento, aviltamento...” {49-50}, manifesta uma tensão entre negação e asserção de Cristina, refletindo não só a sua auto recusa e auto ponderação, como também uma atitude auto corrigindo, que vai levar a narradora ao seu silêncio e à sua ascendência do poder.

Vale notar que a dicção negativa também diferencia Cristina de Daniel em termos de discurso e voz. A redundância da negação na dicção de Cristina é combatida pela autoridade das palavras de Daniel. Enquanto Cristina utiliza frases redundantes com sintaxe negativa, transferindo a sua “atitude de humildade”, Daniel fala de forma sintética e afirmativa, resumindo as suas respostas a Cristina em poucas palavras: “Muito

⁵ os itálicos foram adicionado pela autora do presente trabalho

bem, bastante feliz...”; “Interessante, muito normal”, “Mais langor no olhar... As narinas mais leves...” {38-43}. As palavras sucintas de Daniel constroem uma ordem ou um discurso didático. A observação desta diferença é significativa para a investigação da trama implícita do conto, que será discutida no próximo capítulo.

Em suma, os fenómenos textuais como a negação e a autoavaliação apontam para a crise de identidade de Cristina, uma vez que se perde a identidade unificada com a rutura constante na narrativa, devido a autorrepúdio e o entrelaçamento do “eu” narrador e o “eu” experienciador. A incapacidade de apresentar a realidade resulta finalmente em afirmação de silêncio e solidão da protagonista. No entanto, esta vergonha da escrita, que constitui um constrangimento na escrita feminina, contribui radicalmente para uma estética contra a ordem patriarcal e a desigualdade no poder do discurso verbal.

4. Da vergonha à trama implícita

As discussões acima sobre a relação entre o corpo e a vergonha e sobre a vergonha de escrita lançam luz à inferioridade feminina em termos da ordem social, ordem de família e autoridade de discurso intelectual. A fim de investigar a opressão que a protagonista sofre e a sua epifania, este capítulo dedicar-se-á à trama implícita do conto, isto é, o surgimento da vergonha da figura masculina, que será útil para a análise final sobre o processo de ascendência da autoridade da narradora.

4.1. Vergonha masculina

A trama implícita, ou seja, a “progressão encoberta” (*covert progression*), segundo Dan Shen, é “*an undercurrent running throughout the prose text*”, que constitui “*a significant counterpoint that supplements or contradicts the surface meaning, thus complicating the audience’s response in various ways*” (2014: 1). Desta maneira, explorar a trama implícita do conto “Obsessão” pode ajudar a compreender a alusão sutil do conto e complementar o entendimento da sua trama explícita. No caso de “Obsessão”, a progressão textual encoberta encaixa-se na função proposta por Shen, isto é, suplementa o desenvolvimento da trama explícita e

enriquece a percepção dos leitores, transmitindo assim uma ironia e um significado multifacetado ao conto.

O enredo explícito do conto segue o “deslize” da heroína, que narra em voz envergonhada o caso com o seu amante Daniel, no qual ele desempenha o papel de mestre e Cristina de discípula. Em seguida, ela toma a consciência da fraqueza de Daniel e, após um processo de desmistificação, ela completa a “educação” do amante e abandona-o. Na verdade, sob o desenvolvimento da trama, existe ainda uma progressão implícita do enredo, isto é, um processo de perda de autoridade do homem e uma acumulação da vergonha masculina.

Enquanto Clarice Lispector descreve a vergonha da protagonista face à norma masculina opressiva, ela também destaca o efeito da vergonha masculina de “*disempowering*” (McKinley 2013: 91). Lispector apresenta o protagonista masculino, Jaime, nos momentos embaraçosos e até vergonhosos, tal como Susan Mooney descreve: “*Although the men largely act in selfish ways for self-preservation, they also end up reconfirming the [...] patriarchal authority that rules them*” (2017: 221), apesar de isto ser contrário aos interesses deles. A vergonha de Jaime é no sentido de se tornar o envergonhado, na medida em que o “deslize” de Cristina o envergonha e conseqüentemente o torna silencioso. Quando Jaime visitou Cristina na pensão, perante o pretexto dúbio dela de “experimentar um hotel”, ele “não desconfiou do motivo real, como era de esperar” {44}. Em vez de revelar a intensão verdadeira de Cristina, Jaime optou por manter o *status quo* para que não enfrentasse o facto de estar envergonhado. Esta atitude passiva e a sua reação embotada indicam a falta de dominância masculina e a incapacidade de responder ao caso de Cristina fora da ordem matrimonial e familiar. Na última etapa do relacionamento deste casal, o silêncio de Jaime pode ser entendido como a “*subjective destitution*” de Colette Soler denomina (cf. Mooney 2017: 223), isto é, uma perda de masculinidade:

Nunca me fez muitas perguntas. Ele desejava sobretudo a paz. Regressamos à antiga vida, embora ele nunca mais se aproximasse inteiramente de mim. Adivinhava-me diferente dele e o meu ‘deslize’ atemorizava-o, fazia-o respeitar-me. {58}

Finalmente, Jaime aceita Cristina de volta, sem outra solução senão tentar apaziguar a situação, numa tentativa de preservar pelo menos em superfície a ordem de família e de esconder o caso vergonhoso ao julgamento dos outros, visto que ele é “sempre elogiado pelo ‘desempenho de suas funções’” {36}; enquanto Cristina, através do seu “deslize”, se torna numa ameaça obscura de perturbação à norma patriarcal que Jaime procura manter. Neste sentido, a progressão encoberta no texto constrói uma ironia, dada a incongruência entre o efeito esperado pela voz masculina em relação à opressão da ordem patriarcal e o efeito inesperado de desvendar a impotência e a vergonha da figura masculina. Aliás, o silêncio de Cristina vindo da sua indiferença torna-a intocável perante o seu marido, que ainda procura manter o casamento. O contraste entre a intenção do marido e a inacessibilidade de Cristina sublinha essa vergonha de Jaime.

No caso de Daniel, o processo da perda de autoridade masculina constitui também uma progressão encoberta que se regista na própria narração de Cristina. Mooney afirma que “*traditional conceptions of heroic masculinity usually stress steely perseverance, laudatory stoicism, and lofty detachment*” (2017: 220). Tal como na discussão acima, Daniel toma como doutrina o deslocamento do corpo e da mente, negando e recusando a capacidade do corpo: “tudo imaterializava (...) o corpo era um acessório (...) sofrer ... constituía o único meio de viver intensamente” {40-51}; enquanto Cristina, pelo contrário, enfatiza a sua capacidade corporal. Esta diferença destaca a crença e o orgulho da masculinidade de Daniel. No entanto, a brecha entre a realidade de Daniel e a imagem ideal de que ele se rotula, revela a figura patética dele. No momento em que Cristina descobriu que Daniel precisava dela, ele “fraquejara, desencantara-se” {55}. Exibe-se a vulnerabilidade de Daniel: “o verdadeiro Daniel, o doente” {39}. O orgulho e a autoridade dele passam a ser desconstruídos por esta covardia desvendada, que salienta no “desejo de fugir, de não se unir às coisas para não lutar por elas” {40}.

A descrição sutil da vergonha dos protagonistas masculinos através da focalização da narradora sublinha a ascensão do poder da figura feminina, duplicando a ironia sobre a autoridade patriarcal.

4.2. Ascendência do poder da narradora

O feminismo de Lispector não se apresenta de maneira explícita, uma vez que falta à sua obra a figura masculina como vilão. De acordo com Ingrid R. Muller, as personagens masculinas em Lispector normalmente desempenham apenas o papel de “*puzzled bystanders*”, que estão sempre a testemunhar os comportamentos excêntricos das suas mulheres (1991: 35). Em “Obsessão”, ao invés de acusar diretamente a opressão dos homens, Lispector entrelaça a implícita vergonha masculina com a vergonha feminina omnipresente, através da progressão textual encoberta acima investigada, a fim de desconstruir a autoridade dos homens. Por conseguinte, podemos ver claramente a epifania e a ascendência da autoridade da narradora, que acompanham o surgimento da vergonha masculina.

Ao longo do conto, observa-se um processo de inversão entre as posições de Daniel e de Cristina: a narradora que no início se submete ao lugar de discípula, admirando Daniel como o seu mestre “soberano e distante” {42}, procurando e imitando-o cega e humildemente, descobre de modo gradual a fraqueza dele e desmistifica a sua autoridade ficcional. Ela rejeita a obedecer à tirania do amante e “não aceitava seu domínio” {55}: “Tomei silenciosamente meu lugar junto a Daniel. Gradualmente apoderei-me de sua vida diária” {53}. Com esta transformação na relação, ela livra-se conscientemente do constrangimento da dissimetria do poder e, no final, deixa o sentimento amoroso e abandona Daniel: “Repeti, a voz singularmente oca: – Vou embora, Daniel.” {58}

Por outro lado, através da sua aprendizagem com Daniel, ela vai-se tornando “vibrátil” e “estranhamente sensível”, deixando de tolerar mais o seu papel tranquilo e doméstico: “Não suportava mais aquelas amenas tardes em família que outrora tanto haviam me distraído” {47}; ela até se inspira na crueldade de Daniel e a aplica em Jaime: “resolvi deixar um bilhete a Jaime, um bilhete que o ferisse como Daniel o feriria!” {53} No entanto, tal como a característica dominante nos contos de Lispector, que é o regresso da protagonista feminina à tranquilidade doméstica depois de um período de autoconsciência aumentada (cf., Seniff 1977: 163), Cristina finalmente volta para casa, com a

acumulação de poder e autoridade e, ao mesmo tempo, a perda de desejo e interesse pela intimidade: “ele nunca mais se aproximasse inteiramente de mim... Já agora sozinha. Para sempre sozinha” {58}. À medida que Cristina concretiza a sua ascendência da autoridade, a par do seu silêncio e solidão, salienta-se a não-integração na sociedade patriarcal.

Apesar disso, como já evocamos, a narração deste processo de ascensão não se deve dissociar da vergonha, que proporciona a Cristina uma “*desired and feared originality [that] comes only from writing out her inability to write*” (Lanser 1992: 52). Por um lado, ela exprime a incapacidade de narrar a sua experiência com lucidez, ao destacar o facto de que “a minha história é difícil de ser elucidada” {38}; por outro lado, continua a lembrar-se de que precisa de “pôr um pouco de ordem nesta minha narrativa”, para que a audiência possa entendê-la. Após essa vacilação persistente entre a submissão e a revolta, entre a auto convicção de “Concordo, concordo” e a rejeição repetida de “Não posso, não posso!” {50}, ela finalmente opta pelo silêncio e pelo autoexílio, reconhecendo a impossibilidade de fugir do sistema género-classe.

Por fim, a ambivalência perseverante no final do conto, que é uma combinação da vergonha e do orgulho, apresenta o poder de Cristina e também um resíduo de sentimento positivo, dada a sua ascendência da autoridade. Porém, a atenuação do desejo e o silêncio eliminam-nos o conforto no sentido de potencial transformativo da vergonha. O desfecho do conto constitui uma transmigração do seu início, faz os leitores lembrar que a protagonista, com o seu orgulho, não tentará fazer-se perdoar – “Não tentarei fazer-me perdoar. Tentarei não acusar.” {32}

5. Conclusão

A teoria de afeto oferece-nos um espectro particular para analisar os elementos implícitos na obra de Clarice Lispector. O presente estudo examinou a vergonha

como um afeto no conto “Obsessão” de Lispector, através da observação minuciosa sobre as reações corporais da protagonista e da sua narrativa feminina. A vergonha de Cristina causada pelo deslocamento no sistema familiar e na manipulação intelectual, representa-se na sua performance somática e na obsessão dia-a-dia, determinando que a sua identidade seja constantemente ameaçada. Somente através de uma resistência psicopatológica é que ela pode realizar a narrativa do seu corpo. Desta maneira, a *écriture féminine*⁶ de Lispector repara a realidade ao restaurar a experiência corporal e apresentar a vergonha reprimida na linguagem e texto masculinos.

Através das tramas implícitas do conto, ainda observamos que a inversão das posições dos dois géneros é consistente com a mudança entre os poderes do homem e da mulher. A fraqueza de Daniel como doente e a vergonha de Jaime como marido traído restringem-lhes o poder masculino, oferecendo a Cristina condições para subverter a relação pré-codificada de opressão e submissão. São o silêncio e a indiferença de Jaime e a limitação física de Daniel que contribuem para a tensão entre os três personagens e para a interação entre os leitores e a narradora com as posições constantemente variáveis da narradora.

Por fim, mas não menos importante, embora encontremos uma ascendência da autoridade da narradora no conto, esta não deixa de ser constringida pela vergonha de escrita vinculada à norma patriarcal e à inferioridade género-classe, a qual consiste em vacilação constante na narrativa, caracterizada pela negação e auto reavaliação. Neste sentido, Lispector apresenta aos leitores o lado melancólico da escrita feminina, assim como uma ambiguidade enraizada no conto, isto é, a epifania da figura feminina acompanha sempre a redução do amor e desejo, o silêncio e a solidão, o que implica esforços incansáveis para aniquilar a opressão e disciplina da sociedade patriarcal e estabelecer um discurso igualitário entre os dois géneros.

⁶ *Écriture féminine*, traduzida em português como “a escrita feminina”, é um conceito cunhado por Hélène Cixous pela primeira vez no seu ensaio “O Sorriso da Medusa” (1975). Esta teoria, que desembala a relação entre a inscrição cultural e psicológica do corpo feminino e a diferença de mulheres em linguagem e texto, constitui uma parte importante na teoria literária feminista originada de França no início dos anos setenta.

Referências

- AHMED, Sara (2014) *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- BOURDIEU, Pierre (1990) *Logic of Practice*. Cambridge: Polity Press.
- DAVIS, Lennard (2008) *Obsession: A History*. Chicago: University of Chicago Press.
- FITZ, Earl E. (1985) *Clarice Lispector*. Boston: Twayne Publishers.
- GREGG, Melissa & Gregory SEIGWORTH (2010) «Introduction». *The Affect Theory Reader*: 1-29. Durham: Duke University Press.
- JUNIOR, Arnaldo Franco (2011) «Diferença, Paixão e Poder em “Obsessão”». *Cerrados* 20(31): 123-142.
- LANSER, Susan Sniader (1992) *Fictions of Authority*. Ithaca: Cornell University Press.
- LISPECTOR, Clarice (2016) «Obsessão». *Todos os Contos*: 32-58. Rio de Janeiro: Rocco.
- MCKINLEY, Maggie (2013) «“I wanted to be humanish: manly, a man”: Morality, Shame, and Masculinity in Philip Roth’s My Life as a Man». *Philip Roth Studies* 9(1): 89-101.
- MOONEY, Susan (2017) «Interrupted Masculinity in *Dubliners*: Anxiety, Shame, and Shontological Ethics». *Joyce Studies Annual* 2017: 220-255.
- MULLER, Ingrid R (1991) «The Problematics of the Body in Clarice Lispector’s “Family Ties”». *Chasqui - Revista De Literatura Latinoamericana* 20(1): 34-42.
- PROBYN, Elspeth (2005) *Blush: Faces of Shame*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- RILEY, Denise (1997) «Is there linguistic guilt?». *Critical Quarterly* 39(1): 75-110.
- RIQUELME, John Paul (2007) «The Negativity of Modernist Authenticity / The Authenticity of Modernist Negativity: “No Direction Home” in Yeats, Dylan, and Wilde». *Modernism / modernity* 14(3): 535-541.
- SENIFF, Dennis (1977) «Self Doubt in Clarice Lispector’s “Laços de família”». *Luso-Brazilian Review* 14(2): 161-173.
- SHEN, Dan (2014) *Style and Rhetoric of Short Narrative Fiction*. New York & London: Routledge.
- SHEILS, Barry e Julie WALSH (2018) *Shame and Modern Writing*. London: Routledge.
- STOCKTON, Kathryn Bond (2006) *Beautiful Bottom, Beautiful Shame: Where “Black” Meets “Queer”*. Durham: Duke University Press.
- TOMKINS, Silvan (1995) *Exploring Affect: The Selected Writings of Silvan Tomkins*, Cambridge: Cambridge University Press.
- ŽIŽEK, Slavoj (1992) *Enjoy Your Symptom!: Jacques Lacan in Hollywood and out*. New York & London: Routledge.

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a3>

Breve análise dos fatores culturais nas diferenças entre os provérbios e idiotismos chineses e portugueses relacionados à alimentação

WANG Peixuan*

Resumo

No decorrer da história, tanto Portugal quanto a China integraram a vida quotidiana às línguas, concebendo uma grande quantidade e variedade de provérbios e expressões idiomáticas que se perfilam como o tesouro do idioma. Não obstante algumas convergências, reinam as disparidades quanto à forma de composição, à escolha de temas e à conotação dos simbolismos nestas expressões devido aos fatores culturais tais como as tradições, convenções sociais e religiosas, o que torna essencial a abordagem da dimensão cultural aquando da análise deste tema. O presente trabalho apresenta diferenças e similaridades representativas em alguns provérbios e expressões chineses e portuguesas, tomando como base o tema emblemático da gastronomia e buscando analisar algumas razões culturais subjacentes. Através de uma abordagem contrastiva, o artigo visa dirimir alguns mal-entendidos na comunicação intercultural sino-portuguesa, aumentar a exatidão e a adequação desta comunicação e também oferecer algumas inspirações e sugestões aos profissionais de línguas.

Palavras-chave: provérbios, idiotismos, tradução chinês-português, culturas chinesa e portuguesa.

1. Introdução

Nos últimos anos, à medida que as relações entre a China e os países de língua oficial portuguesa se têm intensificado, acentua-se também a popularidade do estudo da língua portuguesa na China, assim como a grande necessidade de talentos que dominem bem os dois idiomas, pelo que diversas universidades e instituições de ensino superior têm vindo a iniciar cursos de língua portuguesa. Dominar uma língua vai muito além

da simples aprendizagem de regras gramaticais ou da utilização de um vocabulário alargado e pressupõe um sólido conhecimento da cultura dos povos que a conceberam e enriqueceram ao longo do seu desenvolvimento histórico. A partir desse ponto de vista, os provérbios e idiotismos figuram como uma ponte linguístico-cultural. Por um lado, sendo um tipo de enunciado lexicalizado, os provérbios e idiotismos integram-se de forma indissociável a uma variedade

* Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, China || ✉ emilywang@bfsu.edu.cn

linguística, distinguindo-a das demais. Por outro lado, formados e desenvolvidos no decorrer da vida quotidiana dos povos e no seio da comunidade, servem como espelho da cultura e da essência da sabedoria dum nação, como já afirmou o filósofo inglês Francis Bacon, “A índole, a sagacidade e o espírito de uma nação são descobertos nos seus provérbios.”¹ (Alberto, 2002: 189)

Os provérbios e idiotismos permitem também que se encontrem algumas curiosas convergências entre as línguas chinesa e portuguesa. Veja-se o caso de “水滴石穿 (shuǐ dī shí chuān -, literalmente, “a água pinga e infiltra na Rocha”)² e “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, que quase parecem traduções diretas um do outro. Contudo, na sua maioria, existem grandes disparidades quanto à forma de composição, à conotação dos simbolismos e à escolha de temas. Por exemplo, a expressão “vender gato por lebre”, que significa tentar enganar outrem em relação à qualidade de algo, poder-se-ia traduzir para chinês como “挂羊头卖狗肉” (guà yáng tóu mài gǒu ròu: vender cão por carneiro).

Os alimentos mais comuns nas mesas portuguesas – o pão, o azeite e o vinho – são também, sem surpresa, os mais utilizados nos provérbios e idiotismos portugueses. Já a sua escassez dieta chinesa faz prever a ausência destas iguarias nas expressões idiomáticas do império do meio. Para o ensino de Português como Língua Estrangeira, é de destacar como alguns provérbios ou expressões vernaculares como “Res-vés campo de Ourique” e “Ser um velho do Restelo”, que se vinculam estreitamente com os personagens ou acontecimentos históricos podem servir de atalho para interessantes aulas sobre a cultura portuguesa. Todos esses fenómenos linguísticos parecem comprovar a importância de procurar as influências culturais subjacentes.

O presente estudo desenrolar-se-á em quatro partes, em que abordaremos as diferenças dos provérbios

e idiotismos chineses e portugueses, focando-se mormente no contexto cultural em vez da ciência da linguística. No capítulo 1, serão explicados os pressupostos teóricos, e nos capítulos 2, 3 e 4, faremos um estudo comparativo expondo as diferenças e, ao mesmo tempo, prestaremos mais atenção às informações culturais contidas nos provérbios. Visto que os provérbios e expressões possuem enorme quantidade e variedade e que não é possível abordar tudo num texto só, escolhemos três temas mais comuns e representativos que são a gastronomia, os animais e os acontecimentos e figuras históricas.

Este trabalho pretende dar um contributo para melhorar a compreensão, a exatidão e a adequação nas comunicações interculturais sino-portuguesas e espera-se que possa ser ferramenta prestável para os interessados quanto à sua aprendizagem de chinês ou de português, bem como oferecer algumas inspirações e sugestões aos profissionais de línguas.

2. Enquadramento teórico

2.1. Definições e características dos provérbios e idiotismos

Utilizados frequentemente na língua coloquial quotidiana, os provérbios e idiotismos (também designados por expressões idiomáticas), são as frases e construções sucintas em que se costumam refletir os conceitos morais ou normas sociais dominantes de uma determinada população. Contudo, no âmbito académico e científico, encontrar uma definição precisa e unanimemente aceite acaba por ser um trabalho árduo. Centenas de definições foram avançadas, muitas delas contraditórias, como aponta Arnaldo Saraiva (1999: 12), “Será caso para dizer ‘cada cabeça cada sentença’, mas não para desistirmos de clarificar o que sobretudo em Portugal anda muito confuso”.

Devido a essas divergências e à complexidade inerente a este campo e tendo em conta que o presente

¹ Todas as traduções são de responsabilidade da autora. No original, em inglês, lê-se: “The genius, wit, and the spirit of a nation are discovered by their proverbs.”

² No presente trabalho, apresentamos os provérbios e idiotismos chineses em caracteres simplificados seguidos pelo *pinyin*, que é o método de transliteração mais utilizado atualmente para o mandarim padrão.

trabalho se baseia nos contextos chinês e português, interessar-nos-á principalmente o estatuto destas construções no mundo sino-lusófono.

O Dicionário da Língua Portuguesa (2018: 598) define o provérbio como “frase curta, de proveniência popular, geralmente rimada, que encerra um pensamento moral” enquanto segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001: 2994), o provérbio significa “máxima ou sentença de carácter prático e popular, expressa em poucas palavras e geralmente rica em imagens e sentidos figurados”. No Dicionário Verbo da Língua Portuguesa (2006: 969), o provérbio é um “enunciado curto, frequentemente com ritmo, rima e imagens sugestivas e cujo conteúdo, denso e de teor moral, é fundado na sabedoria popular”.

A par dos dicionários, vários estudiosos anunciaram as suas teorias, dentre os quais Lopes (1992: 1) que propõe uma definição muito detalhada, salientando a coloquialidade, a anonimia, a atemporalidade e a sabedoria popular:

o provérbio é um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam-se normas de conduta socialmente consideradas exemplares. (Lopes 1992: 1).

Em síntese, os provérbios revestem-se das seguintes características:

- enunciado completo que se pode utilizar independentemente;
- forma concisa, muitas vezes rimada e relativamente fixa
- em geral de criação anónima ou desconhecida;
- expressão de uma sabedoria popular baseada no senso comum ou experiência;
- intemporalidade e tradicionalidade.

Cabe salientar que, mesmo que seja um dos fraseologismos mais conhecidos e consagrados, o provérbio por vezes acaba por se confundir com uma série de outros conceitos no contexto português, tais como adágio, aforismo, anexim, máxima, rifão, brocardo, entre outros, que muitas vezes partilham características comuns com o provérbio, fazendo com que seja difícil delimitar a diferença.

Se for possível traçar um paralelo entre o inglês *idiom* e o português “idiotismo” ou “expressão idiomática”, encontramos em Benson, a seguinte distinção: “os provérbios normalmente são frases completas; os idiotismos geralmente representam partes de frases”³ (1985: 66). O Dicionário da Língua Portuguesa (2018: 323) delimita a expressão idiomática como “expressões com sentido próprio que não pode ser inferido a partido do sentido das partes que a constituem”. E segundo o Dicionário da Língua Portuguesa contemporânea (2001: 1654), o idiotismo “é peculiar a uma língua, geralmente devido ao fato de o seu significado não ser literal”.

Assim, resumem-se as delimitações para o idiotismo:

- unidade lexical complexa (enunciado incompleto);
- forma relativamente fixa mas que permite uma variedade sobretudo gramatical;
- expressão de vivências e valores socioculturais;
- sentido contextualizado e figurativo afastados de sentido literal.

Devido à multiplicidade dos conceitos e à grande diferença entre os dois idiomas, não é fácil encontrar, em chinês, palavras equivalentes aos termos “provérbios e idiotismos”. No entanto, com base nas teorias acima e após a consulta de muitas investigações, adotamos a categorização de Liu (2012), correspondendo 熟语 (shúyǔ) a idiotismo enquanto 谚语 (yànyǔ) a provérbio.

³ No original, em inglês, lê-se: “proverbs are usually complete sentences; idioms often represent parts of sentences”.

Observando a língua inglesa, o termo *idiom* é relativamente próximo ao conceito de Expressão idiomática, tal como ao conceito chinês de Shúyǔ. Sejam Shúyǔ sejam Expressões idiomáticas, revelam características culturais que se refletem na sua linguagem respetiva. Mesmo que os conceitos não sejam completamente iguais, a correspondência entre *idiom*, Expressões idiomáticas e Shúyǔ é a mais próxima que se pode achar. (2012: 50).

(...) as definições de 谚语 *Yànyǔ* e Provérbio focam-se em duas características fundamentais, uma é a simplicidade, outra é o seu conhecimento amplo entre o povo; além disso, ambos revelam as mesmas funções educativas, que os distinguem de quaisquer outras frases. (*op. cit.*: 63)

No fim, vale mencionar que, tanto em provérbios quanto em idiotismos, a metáfora conceitual e a metonímia desempenham um papel comum e significativo. Sendo métodos retóricos enraizados em sistemas culturais específicos, servem de uma maneira importante para as pessoas expressarem os seus pensamentos e entenderem melhor o mundo, refletindo significativas características culturais e diferentes cognições dos diferentes povos para com o mundo.

2.2. As relações entre a cultura, a língua e os provérbios e idiotismos

A cultura possui várias definições, dentre as quais destacamos uma amplamente aceite formulada por Edward B. Tylor para quem a cultura é "um todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade"⁴ (1871: 1). A definição de Tylor destaca três características da cultura. Primeiro, diferente dum instinto inato, a cultura é adquirida por meio da aprendizagem social. Segundo, a cultura é de natureza social. Terceiro, a cultura não é o empilhamento de elementos isolados, mas uma construção complexa de grande alcance.

No sentido geral, a cultura representa tudo aquilo que resulta da criação humana, incluindo os elementos

materiais e visíveis como construções humanas, utensílios e ferramentas, obras de arte etc. e também os imateriais como os valores e maneiras de pensamento, rituais sociais e tradições, hábitos de gastronomia, entre outros. A cultura é um fenómeno histórico e não há sociedade que não possua a sua cultura. Contendo também uma importante componente ideológica, a cultura reflete, de certa maneira, o status quo económico e político duma sociedade e, ao mesmo tempo, influencia o desenvolvimento deste último.

Sendo uma parte indispensável da cultura e uma ferramenta importantíssima da comunicação dos seres humanos, a língua desempenha, ao mesmo tempo, o papel de transportar e divulgar a cultura no decorrer da evolução da civilização humana. Com o passar do tempo, cada idioma evoluiu para um sistema extremamente complexo e esmerado. Contudo, a complexidade e a profundidade da língua não residem no seu mecanismo externo, mas sim se arraigam no mecanismo interno que sustenta a sua existência e promove o seu desenvolvimento – a cultura. A língua não é somente um meio de comunicação, mas nela está a correr, desde sempre, o sangue da civilização humana.

Todas as línguas parecem exibir uma vertente proverbial e idiomática, que, ao que tudo indica, tem por função comunicar e educar os povos, integrando conhecimentos, filosofias e as vivências em expressões concisas e vívidas. Para resumir com uma metáfora: se os provérbios e idiotismos fossem uma folha, a língua seria o ramo enquanto a cultura seria a árvore inteira.

3. Os provérbios e idiotismos sobre a gastronomia

3.1. De pão, vinho e azeite à cultura portuguesa

Sendo a essência do alimento mediterrânico, vê-se a trindade do pão, vinho e do azeite em todo o território português, tanto na mesa, quanto nos provérbios e idiotismos portugueses. Em contrapartida, quase não se encontra vestígio destes alimentos na linguagem coloquial chinesa, o que serve para demonstrar os estreitos laços entre os hábitos de um povo e a sua e linguagem coloquial.

⁴ No original, em inglês, lê-se: "Culture or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society."

Em Portugal, o pão é considerado um alimento sagrado que é sempre colocado em lugar de destaque na mesa. Tal prática tem origem no Cristianismo, a religião mais praticada em Portugal, para a qual o pão representa o corpo de Jesus enquanto o vinho é o seu sangue. O pão também pode metaforicamente receber significados diversos, por exemplo, atualmente é comum comparar um homem bonito a um pão, utilizando a expressão "este fulano é um pão"

Além da ligação religiosa, a importância do pão também se deve ao facto de ser o principal alimento dos pobres no passado. Outrora, no Dia de Pão por Deus, os pobres pediam "Pão por Deus" às portas para matar a fome, enquanto atualmente este costume é mais praticado pelas crianças no Dia de Todos os Santos, que saem às ruas em pequenos grupos pedindo "Pão por Deus" de porta em porta, recitando pequenos versos aos moradores das casas. O pão também aparece na expressão "ganha-pão" como substituto ao salário, por ser um alimento essencial em qualquer lado.

Comparado ao pão, o azeite raramente implica a imagem da fome nos provérbios e idiotismos, mas é mais relacionado com a sacralidade e abundância. No Ocidente, o azeite é reconhecido como "ouro líquido" e "néctar do Mediterrâneo" e costuma aparecer em ocasiões religiosas. Na Bíblia, a oliveira é uma das árvores mais citadas, aparecendo em várias passagens, não apenas a árvore, mas também os seus frutos. Na igreja, o azeite é considerado um unguento sagrado, que pode ter efeito curativo, purificador e até mesmo ser utilizado no exorcismo. Além disso, há o ditado popular "A verdade é como o azeite, vem sempre ao de cima", em que também se verifica a ocorrência do azeite e que teria como equivalente chinês a expressão "真相总会浮出水面的" (Zhēn xiàng zǒng huì fú chū shuǐ miàn de: A verdade sempre vem à superfície), que obviamente deixa de lado o óleo extraído das azeitonas.

Quanto ao vinho, trata-se de uma bebida da qual os portugueses são grandes apreciadores e cujo fabrico possui uma longa história no país. A longa tradição e experiência de beber vinho propiciou aos portugueses a ocasião de chegarem a uma série uma série de "regras", expressas da maneira proverbial: "A chuva de S. João, bebe o Vinho e come o Pão", "No dia de S. Martinho, vai à adega e prova o vinho", "Em Agosto, nem vinho nem mosto." e "Em Novembro, prova o vinho e

planta o cebolinho." Estes provérbios testemunham a sabedoria do povo português, assim como representam a cultura do vinho português.

O provérbio português "Bom vinho dispensa o ramo" significa que não há necessidade de se gabar de algo de boa qualidade, pois as pessoas sempre descobrirão os seus méritos. Segundo Larwood & Hotten (1875:233), o provérbio ter-se-ia originado no Império Romano, onde as vinícolas colocavam à porta um ramo de arbusto ou de hera, amarrado na ponta de um poste, como a garantia da qualidade do vinho. Em contrapartida, a versão chinesa seria 酒香不怕巷子深 (Jiǔ xiāng bù pà xiàng zi shēn: o bom álcool cheira-se bem mesmo numa ruela longa), indicando que a boa qualidade dos produtos é sempre reconhecível. Ainda por este exemplo, podemos ver que nos provérbios e idiotismos chineses, em vez de especificar o género do álcool, costuma-se usar o nome genérico "酒" (jiǔ: álcool), podendo-se referir a todos os tipos de bebidas alcoólicas. Seguem mais alguns exemplos, com as devidas equivalências em português, sempre que nos foi possível encontrá-las:

1. 酒逢知己千杯少

Jiǔ féng zhī jǐ qiān bēi shǎo

Tradução Literal: Ao beber com um verdadeiro amigo, mil copos de álcool não se consideram muitos.

Explicação: Quando os amigos verdadeiros se encontram, têm muito a falar.

2. 今朝有酒今朝醉

Jīn zhāo yǒu jiǔ jīn zhāo zuì

Tradução literal: Como hoje ainda tenho álcool, vou aproveitá-lo e ficar bêbedo.

Explicação: Não se preocupe com o amanhã e aproveite hoje para se divertir ao máximo.

Equivalência: Morra Marta, morra farta.

3. 酒后吐真言

Jiǔ hòu tǔ zhēn yán

Tradução literal: Proferir verdades após beber álcool.

Explicação: O álcool faz as pessoas dizer verdades.

4. 灯红酒绿

dēng hóng jiǔ lǜ

Tradução literal: luz vermelha, álcool verde.

Explicação: Refere-se à vida promíscua e ociosa. Também pode descrever a maravilha noturna e movimentada das ruas da cidade ou sítios de entretenimento..

3.2. De arroz, chá e tofu à cultura chinesa

Amplamente conhecida e utilizada entre os chineses, a expressão idiomática “柴米油盐酱醋茶”(chái mǐ yóu yán jiàng cù chá: lenha, arroz, óleo, sal, molho, vinagre, chá), que também tem uma versão alternativa “开门七件事”(kāi mén qī jiàn shì: as sete coisas por fazer ao abrir a porta), referindo-se às sete coisas necessárias e indispensáveis para o dia a dia dos chineses. Após Wu Zimu, letrado da dinastia Song, descrever “as sete coisas” pela primeira vez na sua obra *Menglianglu Xianpu*, várias obras literárias de diferentes dinastias abordaram “as sete coisas”, e mil anos depois, estes elementos ainda desempenham um papel insubstituível na vida quotidiana do povo chinês, sobretudo o arroz e o chá.

A história do cultivo de arroz na China remonta a mais de 10 mil anos. No início, o milho e o trigo também eram importantes, mas desde os meados da dinastia Ming, o arroz tornou-se o principal alimento da dieta chinesa, especialmente no Sul. Atualmente, a China é o maior produtor mundial de arroz.

O provérbio chinês “巧妇难为无米之炊” Qiǎo fù nán wéi wú mǐ zhī chuī: Mesmo uma mulher talentosa não consegue fazer uma refeição sem arroz), cujo significado figurado é não se poder concluir um trabalho sem o mínimo necessário, mostra quão indispensável é o arroz na gastronomia chinesa.

O Arroz aparece mais uma vez em “一样米养百样人”(Yī yàng mǐ yǎng bǎi yàng rén: Há pessoas de diferentes feitios, ainda que todos comam o mesmo arroz) reitera a importância do arroz na China, denotando que todas as coisas podem existir uma pluralidade de pensamento e ação, mesmo quando as pessoas se encontram no mesmo ambiente.

Além do arroz, o chá também desempenha um papel significativo na cultura chinesa, e é comum os habitantes do noroeste da China dizerem “宁可三日无食，不可一日无茶”(Níng kě sān rì wú shí, bù kě yī rì wú chá: Antes passar três dias sem comer do que não beber chá por um dia). A cultura do chá chinês não se

restringe à materialidade da plantação e confeição de chá, mas abrange também uma rica cultura espiritual. O Clássico do Chá é a primeira monografia conhecida sobre o chá no mundo, escrito por Lu Yu durante a dinastia Tang. Desde então, o espírito da cultura de chá influenciou tanto a corte, quanto a sociedade, penetrando em áreas como a poesia, a pintura, a caligrafia, a religião e a medicina tradicional chinesa.

A cultura do chá envolve muitos rituais e costumes curiosos. Estes são muitas vezes ilustrados pelos provérbios e idiotismos “客来敬茶 (Kè lái jìng chá: Convém dar o chá à chegada dos convidados)”, “待客茶为先 (Dài kè chá wéi xiān: O chá é a bebida de predileção ao acolher os convidados)” e “客来无烟茶，算个啥人家 (Kè lái wú yān chá suàn gè shá rén jiā: Quem não dá chá e tabaco aos convidados não é um bom anfitrião)”. Fica clara a necessidade de o anfitrião acolher os seus convivas com uma chávena com chá quente. Por respeito aos convidados, além de oferecer a chávena ao convidado segurando-a com as duas mãos o anfitrião deve também reparar na quantidade de água usada para fazer o chá, que segundo a expressão “茶七、饭八、酒满盅”(Chá qī fàn bā jiǔ mǎn zhōng: 70% de chá, 80% de arroz e 100% de álcool), deve ocupar 70% da chávena ou da tigela.

Um falante do português pode estranhar caso ouça dizer “一女不吃两家茶”(Yī nǚ bú chī liǎng jiā chá: Uma menina não pode beber chá de duas famílias). Contudo, este provérbio revela um importante ritual matrimonial na China antiga. Outrora, quando um homem encomendava um casamenteiro para pedir casamento à família da menina, devia colocar chá no presente, ou melhor, no “dote” da noiva. Portanto, este processo chamava-se “recebimento de chá” ou “etiqueta de chá” nos costumes populares tradicionais. Este costume até se registou num dos Quatro Grandes Romances Clássicos da China O Sonho do Pavilhão Vermelho, quando a personagem Wang Xifeng pergunta a Lin Daiyu sorrindo: “Já que bebeste o chá da nossa família, porque ainda não te casaste com o nosso rapaz?”

Outra etiqueta é “以茶代酒”(yǐ chá dài jiǔ: substituir álcool por chá). Quando uma pessoa não aguenta mais brinde e álcool, pode usar esta expressão

para “salvar-se”, porque a substituição é vista como outra maneira de dar homenagem. Para os chineses, beber chá em vez de álcool representa um modo de vida desprezioso visto que o chá representa calma e modéstia. Por exemplo, no idiotismo “粗茶淡饭” (cū chá dàn fàn: chá ordinário e refeições simples) que se usa para descrever modo de vida simples e sóbrio, surgiu o simbolismo do chá.

O chá é considerado ainda como uma bebida saudável, como sugerem os provérbios “常喝茶, 少烂牙” (Cháng hē chá shǎo làn yá: Beber o chá frequentemente faz bem aos dentes) ou “茶水喝足, 百病可除” (Chá shuǐ hē zú bǎi bìng kě chú: Beber muito chá pode curar dezenas de doenças). As ciências naturais têm vindo a comprovar os inúmeros benefícios que traz o chá ao bom funcionamento do corpo humano.

O tofu é outro alimento que aparece muitas vezes nos provérbios e idiotismos chineses, mas que não se costuma encontrar no contexto português. *No Compêndio da Matéria Medica* de Li Shizhen regista-se: “O método do tofu começa com Liu An, rei de Huainan,”⁵ (Li 1979: 1532). Segundo a lenda, há mais de 2.000 anos, Liu An recrutou oito famosos alquimistas para preparar o elixir da imortalidade. Acenderam o fogo, ferveram a pasta de soja e acrescentaram salmoura na mistela. Porém, em vez de inventarem o elixir, acabaram, de forma involuntária, por criar o tofu.

O tofu é tão amado e utilizado na gastronomia chinesa que existe em várias expressões idiomáticas. Alguns são inspirados pela sua natureza física enquanto outros desenvolveram-se devido ao seu processo de fabrico.

1. 小葱拌豆腐——一清(青)二白

xiǎo cōng bàn dòu fǔ — yī qīng (qīng) èr bái

Tradução literal: Tofu salteado com alho francês, uma coisa verde e duas coisas brancas (o verde refere-se à folha do alho francês e o branco ao tofu e ao caule de alho francês)

Explicação: Refere-se a uma situação muito clara ou uma pessoa com grande integridade.

Equivalência: Pão-pão, queijo-queijo.

2. 刀子嘴豆腐心

dāo zǐ zuǐ dòu fǔ xīn

Tradução Literal: a boca da faca e o coração de Tofu
Explicação: uma pessoa que parece má língua mas que na verdade tem um coração bondoso.

3. 卤水点豆腐——一物降一物

lǔ shuǐ diǎn dòu fǔ — yī wù jiàng yī wù

Tradução Literal: Usa-se a salmoura para fazer tofu - sempre há uma coisa que pode vencer outra\Tudo tem seu conquistador.

Explicação: Só depois de pôr algumas gotas de salmoura, o coloide de soja pode-se formar em tofu. De mesma maneira, por mais poderosa que seja uma coisa, existe sempre outra coisa que pode vencê-la.

4. 豆腐渣工程

dòu fǔ zhā gōng chéng

Tradução Literal: o projeto de resíduo de tofu
Explicação: um projeto da má qualidade.

3.3 Peixes: o simbolismo e a comida popular para ambas as culturas

Na cultura chinesa, o peixe pode simbolizar quase todas as coisas boas: boa sorte, prosperidade, amor perpétuo e feliz, futuro brilhante, entre outras. Uma razão importante é que o caráter chinês do peixe, “鱼(yú)”, tem a mesma pronúncia do “余(yú)”, que significa “de sobra / abundância”. Por isso, decorar a casa com imagens de peixes passou a ser uma tradição no Ano Novo Chinês, sendo que quem tem “peixe”, é quem tem “sobra” e “abundância”. A mesma qualidade é exaltada pelas culturas ocidentais de influência cristã para as quais o peixe simboliza também a união cristã.

Uma lenda chinesa acrescenta uma camada adicional à mitologia e simbolismo do peixe, ao afirmar que a carpa se pode transformar em dragão e subir ao céu desde que salte a uma porta do dragão. Assim, o idiotismo “鲤鱼跃龙门”(Lǐ yú yuè lóng mén: A carpa salta a porta do dragão) é o sinónimo de “ser bem-sucedido”. Além disso, como a capacidade reprodutiva

⁵ No original, em chinês, lê-se: “豆腐之法，始于汉淮南王刘安”.

do peixe é bastante grande, o peixe simboliza também a esperança de ter uma vida feliz com muitos filhos, pois na cultura tradicional chinesa, quanto mais filhos se tem, mais bênçãos têm. Até o fenômeno natural de que o peixe não pode viver sem água é utilizado para homenagear o amor perpétuo e os casais felizes e inseparáveis.

Em contrapartida, o povo português tem uma grande preferência pelos peixes, devido à sua localização geográfica propícia à pesca. Todos os anos, os portugueses consomem uma grande variedade e quantidade de peixes, dentre dos quais o bacalhau é, sem dúvida, um dos mais consumidos, e dizem que “há 1001 maneiras de fazer o bacalhau”. No processo de preparar e de comer bacalhau, nasceram expressões idiomáticas vívidas e interessantes, tais como “dá cá um bacalhau”, “ficar em águas de bacalhau”, “Para quem é, bacalhau basta”. Semelhantes casos também se verificam com outras espécies de peixes. Por exemplo, quem se acha mais esperto do que os outros, pode dizer que é um “carapau de corrida”, e quem gosta de se pronunciar sem conhecer bem o assunto é quem “arota postas de pescada”. Quando estamos num metro cheio de pessoas, podemos dizer que estamos “como sardinhas em lata”, e quando defendemos os nossos interesses, estamos a “puxar a brasa à nossa sardinha.”

Em Portugal, o peixe ainda apresenta a sua importância nas obras literárias. No Sermão de Santo António aos Peixes (Padre António Vieira, 2014), o autor descreve as virtudes dos peixes que são por contraste, metáforas dos defeitos dos homens e os seus vícios são diretamente metáfora dos defeitos dos homens. O pregador fala aos peixes, mas o alvo é o homem. Na opinião do autor as qualidades dos peixes são: Ouvem e não falam, foram os primeiros seres que deus criou, são melhores que os homens, existem em maior número, revelam obediência e respeito ao ouvirem a palavra de Deus, e por viverem em retiro e afastamento dos homens o que permite a proximidade com a paz e a pureza de espírito, e se afastam dos vícios mundanos.

4. Considerações finais

Neste trabalho, defendemos a ideia de que a aprendizagem de uma língua vai além do ensino do vocabulário e das regras gramaticais. As unidades linguísticas independentes, como os provérbios e idiotismos, por estarem sempre relacionadas a contextos culturais específicos, costumes populares, ambiente geográfico, crenças religiosas e obras literárias, servem como uma rica fonte de informações sobre a cultura.

Ao analisar a riqueza semântica e imagética dos provérbios e idiotismos portugueses e chineses, especialmente os casos específicos relacionados com a dimensão da gastronomia, passamos por diversos fatores que diferenciam e unem as duas culturas. No fim, chegamos a algumas conclusões.

Tanto os provérbios quanto os idiotismos transmitem as vivências e a sabedoria popular através de uma linguagem concisa e vívida. Embora a sua definição e categorização seja difícil devido à origem diversificada. Após análise, chegamos a uma categorização de consenso, em que 熟语 (shúyǔ) corresponde a idiotismo enquanto 谚语 (yànyǔ) a provérbio.

Os provérbios e idiotismos chineses e portugueses mostram diferenças na escolha de temas e nomes, e isto pode estar relacionado a diversos fatores como a características geográficas locais, costumes à mesa e até crença religiosa. Por exemplo, em relação à gastronomia, as comidas que aparecem mais nas expressões são aquelas mais comuns no dia a dia. Além disso, mesmo quando as duas línguas recorrem ao mesmo veículo, o seu simbolismo pode-se afastar muito, devido a diferentes maneiras de pensar e valores culturais.

Não obstante as disparidades, todas as diferentes culturas partilham algo em comum. Jakobson (1975: 69) já afirmou que “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar”. Desta forma, concluímos que as línguas, como o veículo e o reflexo de cultura, são um instrumento de excelência para ilustrar tanto a universalidade quanto a especificidade dos seus locutores.

Referências

- BENSON, Morton “Collocations and Idioms” em Robert Ilson (ed.) (1985) *Dictionary, Lexicography and Language Learning*. Oxford: Pergamon Press.
- BRAZÃO, José Ruivinho (ed.) (2004) *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*. Lisboa: Notícias Editorial.
- ACL (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo.
- GAO, Na (2017) *Um estudo comparativo de provérbios portugueses e chineses: O caso das metáforas zoomórficas*. Universidade de Aveiro, Dissertação de mestrado.
- HALL, Edward. T. (1976) *Beyond Culture*. New York: Anchor Press.
- JAKOBSON, Roman (1975) *Linguística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix. [Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes].
- LI, Shizhen 李时珍 (1979) 本草纲目 « Compêndio da Matéria Médica» 第 25 卷 Volume 25.北京 : 人民卫生出版社 , Beijing: Medical Publishing House.
- LIAO, Yiran (2019) *Estudo Comparativo dos Provérbios e Idiotismos Chineses e Portugueses com Animais: Abordagem Cognitivo-Cultural*. Universidade de Lisboa, Tese de doutoramento.
- LIU, Mengru (2012) *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*. Universidade de Minho, Dissertação de mestrado.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992) *Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*. Universidade de Coimbra, Tese de Doutoramento.
- PORTO EDITORA (2018) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- TYLOR, Edward. B. (2010) *Primitive Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VAZA, Aldina & Emília Amor (2016) *Dicionário Verbo Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- VIEIRA, António (2014) *Sermão de Santo António aos Peixes*. Lisboa: Atlântico Press.

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a4>

Solicitações no português brasileiro e no japonês: breve estudo comparativo

José Luiz OTTONI NEVES*

Resumo

Neste trabalho, analisa-se um ato de fala específico – a solicitação – em um contexto comparativo entre o português brasileiro e o japonês. Os dados analisados correspondem às respostas de brasileiros e japoneses a um questionário, elaborado nos dois idiomas, contemplando quatro situações, nas quais duas variáveis se combinam: relação de poder entre os interlocutores (igual status e solicitado dominante) e o nível de imposição da solicitação (alto e baixo). São comparadas as respostas recebidas em ambas as línguas, de modo a verificar as diferenças culturais, recursos modificadores, percepção de frequência, além da incidência dos três tipos de estratégias: direta, indireta convencional e indireta não convencional. Tanto as variações e características culturais descritas, como os dados coletados, organizados em quadros esquemáticos nos quais se relacionam as expressões utilizadas pelos respondentes com as estratégias de solicitação e seus recursos modificadores, poderão ser úteis no contexto de ensino de Português como Língua Estrangeira.

Palavras-chave: *Abordagem intercultural, atos de fala, solicitações, português brasileiro, japonês.*

1. Introdução

O ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE), como o de qualquer idioma, deve contemplar o contexto cultural da língua ensinada/aprendida, para além dos elementos exclusivamente linguísticos. Uma boa forma de se compreender uma cultura é, além de descrevê-la, compará-la com outra, permitindo-se a observação de pontos comuns e divergências. No presente trabalho, a partir de uma abordagem interculturalista, são estabelecidas comparações – entre o japonês e o português brasileiro – referentes a um ato de fala específico: a solicitação. Trata-se de recurso linguístico de grande importância, pois envolve o processo de negociação de faces, sendo fundamental, para a formação de identidade do falante de um novo idioma, conhecer os comportamentos adequados em variadas situações.

Os dados analisados correspondem às respostas de 68 participantes (brasileiros e japoneses, sendo 34 de cada nacionalidade) a um questionário online, elaborado nos dois idiomas (vide anexos A e B), contemplando quatro diferentes situações, nas quais duas variáveis se combinam: relação de poder entre os interlocutores (igual status e solicitado dominante) e o nível de imposição da solicitação (alto e baixo). São elas: igual status e baixa imposição; igual status e alta imposição; solicitado dominante e baixa imposição; e solicitado dominante e alta imposição.

Foram comparados os tipos de respostas recebidas em ambas as línguas, verificando-se a percepção de frequência das situações e os três tipos de estratégias identificados: direta, indireta convencional e indireta não convencional. Também são referidos os recursos

* PUC-Rio, Brasil / Universidade do Porto, Portugal || ✉ zlottoni@gmail.com

modificadores, que funcionam como atenuantes ou agravantes, tornando a solicitação mais ou menos impositiva, aumentando ou reduzindo possíveis ameaças à face do interlocutor.

2. Referencial teórico

Nesta seção, destacam-se as principais referências teóricas utilizadas na realização do presente trabalho. A primeira diz respeito às teorias do interculturalismo de Bennett (1998), que apresenta conceitos fundamentais como adaptação e generalização culturais, seguida por Lewis (2006), que abarca a classificação das culturas de acordo com suas características predominantes. Por fim, são mencionados alguns trabalhos específicos sobre o ato de fala “solicitação”, inclusive comparando diferentes idiomas e culturas, como se propõe neste trabalho.

2.1. Interculturalismo

Ao optar pelo estudo de um novo idioma, para que o indivíduo obtenha sucesso em sua iniciativa, será fundamental que busque construir uma nova identidade enquanto falante da língua-alvo escolhida.

Não se trata, de forma alguma, de subtrair ou sobrecrever sua própria cultura, renegando os valores adquiridos até então. Ao contrário, trata-se de um processo construtivo, que visa a adicionar características da cultura estudada à sua personalidade. Bennett (1998: 14) denomina “adaptação cultural” o processo cujo resultado é a transformação da pessoa em um indivíduo bicultural ou multicultural. Esse processo é complexo e depende de vários fatores, como idade, condição social, dentre outros e pode ser mais ou menos difícil, a depender das diferenças verificadas entre a sua cultura e a da língua-alvo.

Especificamente, o autor destaca características próprias à cultura japonesa, como a valorização do coletivismo e interdependência de um grupo, contrastando com a realidade de outros países, como os Estados Unidos, em que a cultura prestigia o individualismo e a independência (Bennett, 1998: 13). Sobre esse ponto, especificamente, Lévi-Strauss (2012: 35) sintetiza: “A filosofia ocidental do sujeito é centrífuga: tudo parte dele. O modo como o pensamento japonês concebe o sujeito mais parece centrípeto”.

Importante ter-se em mente que, ao tratarmos das características gerais de uma determinada cultura, estamos necessariamente adotando visões mais amplas de seus aspectos mais marcantes. Bennett (1998: 6) as denomina de

“generalizações culturais”. Elas se baseiam na noção de preponderância de crenças, refletem as preferências de um grupo e podem contribuir para que a comunicação intercultural seja bem-sucedida.

Nesse sentido, dentre as classificações que identificam aspectos relevantes dos diversos tipos de culturas existentes, destacamos o modelo de Lewis (2006: 42), que classifica as culturas em três grupos: ativo-linear, multiativa e reativa. Dentre diversos traços comuns elencados pelo autor, muitos integrantes da primeira caracterizam-se por serem quietos e planejadores eficazes; os da segunda por serem extrovertidos e falantes; e os da terceira por serem respeitosos e ouvintes atentos (Lewis, 2006:33). Apesar de gerar certa dose de controvérsia, trata-se de um modelo que se pode mostrar útil e ajudar a compreender certos comportamentos culturais observados, sob uma perspectiva comparativa.

Mas, sobretudo, deve-se ter em mente que se trata de generalizações, a serem identificadas, descritas e conhecidas. Um passo seguinte, necessário, é buscar ver além desses estereótipos, formando-se uma visão própria do idioma e cultura estudados, reconhecendo suas peculiaridades, dinâmicas, variações e a existência de elementos diversos que fogem ao radar simplificador das generalizações.

2.2. A solicitação

A solicitação é um ato de fala de grande relevância, tendo em vista sua ocorrência nas mais diversas situações comunicativas. E justamente por se concretizar com a realização de um pedido, em que se depende da receptividade e reação do outro, está intrinsecamente ligado ao processo de negociação de faces entre os interactantes.

Para a realização de solicitações, foram identificados três tipos de estratégias: direta, indireta convencional e indireta não convencional (Konakahara 2011). Adicionalmente, para mitigar as ameaças às faces, são utilizados os recursos modificadores (“modification devices”), que podem ser internos e externos e se dividem em subtipos diversos. Para fins de definição do corpus analisado neste trabalho, elaborou-se um questionário baseado em três pesquisas com objetos de estudo e metodologia similares, identificadas por ocasião da revisão da literatura existente sobre o tema, quais sejam: Usó-Juan (2007), Usó-Juan & Martínez Flor (2008) e Konakahara (2011). No tocante aos recursos modificadores mencionados, foi utilizada a

taxonomia utilizada por Usó-Juan (2007), conforme a tabela 1.¹

Tabela 1 - Taxonomia dos recursos modificadores utilizada neste trabalho

<i>Tipos</i>	<i>Subtipos</i>
Recursos modificadores internos	• Iniciadores
	• Atenuantes
	• Complementos - confirmadores
	• Complementos - chamar a atenção
Recursos modificadores externos	• Preparadores
	• Informação de base
	• Desarmadores
	• Por favor
	• Minimizadores de imposição

Com vista a facilitar a compreensão e identificação dos recursos modificadores em questão, elaborou-se a tabela 2, a seguir, com exemplos obtidos a partir das respostas ao questionário.

Tabela 2 - Exemplos dos recursos modificadores referidos neste trabalho

RECURSOS MODIFICADORES INTERNOS
<i>Iniciadores:</i> Se importa de pagar a minha que te pago logo que voltarmos?
<i>Atenuantes:</i> Poderia, <i>por gentileza</i> , me emprestar uma caneta?
<i>Complementos - confirmadores:</i> Vou pegar essa caneta, <i>ok</i> ?
<i>Complementos - chamar a atenção:</i> <i>Amigo</i> , me empresta uma caneta?
RECURSOS MODIFICADORES EXTERNOS
<i>Preparadores:</i> Desculpe, eu esqueci minha carteira! <i>Posso te pedir um favor</i> ? Você poderia pagar essa conta e eu te pago assim que chegarmos ao escritório?
<i>Informação de base:</i> <i>Estou indo a uma reunião e não encontro a minha caneta</i> . Posso pegar uma emprestada?
<i>Desarmadores:</i> <i>Se não for incômodo</i> , você poderia assinar para mim o formulário?
<i>Por favor:</i>

Poderia assinar esse formulário, *por favor*?

Minimizadores de imposição:
Pode me emprestar uma caneta? *Devolvo logo depois da reunião*.

3. Análise de dados

São analisadas, a seguir, as quatro situações apresentadas no questionário *online*. Elaboraram-se quadros esquemáticos com padrões de respostas associados aos recursos modificadores, destacados em itálico. Observe-se que muitas respostas contemplam mais de um recurso, servindo as divisões do quadro para ressaltar a ocorrência de um determinado recurso específico. Em alguns casos, quando havia mais de uma resposta para determinado recurso, fez-se mais de um preenchimento, de modo a exemplificar a variedade de opções pragmáticas. Adicionalmente, informam-se as frequências relativas das várias realizações fornecidas pelos informantes, de modo a se identificar as categorias mais utilizadas.

Em seguida, comenta-se sobre os três tipos de estratégias identificados: direta, indireta convencional e indireta não convencional. Também são referidos os recursos modificadores e a percepção de frequência das situações.

Quanto à relação de poder entre os interlocutores, cabe registrar que, nos formulários, considerou-se, como pessoa de “igual status”, no português brasileiro e em japonês, os termos “colega de trabalho” e “*shokuba no douryou*”, respectivamente. Deve-se ter em mente que a hierarquia no ambiente de trabalho é uma questão complexa, tanto no Brasil como no Japão. A mera paridade estrutural não afasta fatores que podem influenciar na forma de comunicação/tratamento, como idade, posição social relativa e a relação de confiança que mantém entre si (Šoucová 2005). Em vista da complexidade desses fatores, deve-se reconhecer a possibilidade de que outros elementos tenham influenciado os respondentes.

Por fim, faz-se breve comparação com o recurso interno complemento com a função de chamar a atenção considerando os padrões de respostas em japonês.

¹ As traduções são de responsabilidade do autor. Os termos originalmente utilizados em inglês são *Internal modifications* (Recursos modificadores internos); *Openers* (Iniciadores); *Softeners* (Atenuantes); *Fillers - appealers* (Complementos - confirmadores); *Fillers - attention-getters* (Complementos - chamar a atenção); *External modifications* (Recursos modificadores externos); *Preparators* (Preparadores); *Grounders* (Informação de base); *Disarmers* (Desarmadores); *Please* (Por favor); *Imposition Minimizers* (Minimizadores de imposição).

3.1. Situação 1 - Igual status e baixa imposição

Na primeira situação analisada, indagou-se aos respondentes o seguinte:

Você chegou à sua mesa no escritório e não consegue achar a única caneta que costuma utilizar. Você terá uma reunião logo em seguida e precisa de uma caneta. Como você solicitaria uma caneta emprestada a um colega de trabalho?

Tabela 3 - Padrões de respostas - Situação 1

RECURSOS MODIFICADORES INTERNOS	
Iniciadores: 5%	Você, <i>por acaso</i> , teria alguma caneta para emprestar?
Atenuantes: 5%	Poderia, <i>por gentileza</i> , me emprestar uma caneta?
Complementos: 32%	
- confirmadores	Vou pegar essa caneta, <i>ok</i> ?
	Vou pegar uma caneta emprestada, <i>tá</i> ?
- chamar a atenção	
	<i>Amigo</i> , me empresta uma caneta?
	<i>Fulano(a)</i> , você poderia me emprestar uma caneta, por favor?
RECURSOS MODIFICADORES EXTERNOS	
Preparadores: 3%	Posso <i>te pedir um favor</i> ? Me empresta a sua caneta?
Informação de base: 24%	Estou indo a uma reunião e não encontro a minha caneta. Posso pegar uma emprestada?
	<i>Parece que perdi minha caneta</i> . Posso utilizar a sua?
Desarmadores: 0%	-
Por favor: 18%	Você tem uma caneta para me emprestar, <i>por favor</i> ?
	Posso pegar uma caneta emprestada, <i>por favor</i> ?
	Me empresta uma caneta, <i>por favor</i> ?
Minimizadores de imposição: 13%	
	Pode me emprestar uma caneta? <i>Devolvo logo depois da reunião</i> .
	Vou pegar uma caneta aqui e <i>já devolvo</i> , ok?
	Posso pegar essa caneta e <i>devolvo em seguida</i> ?

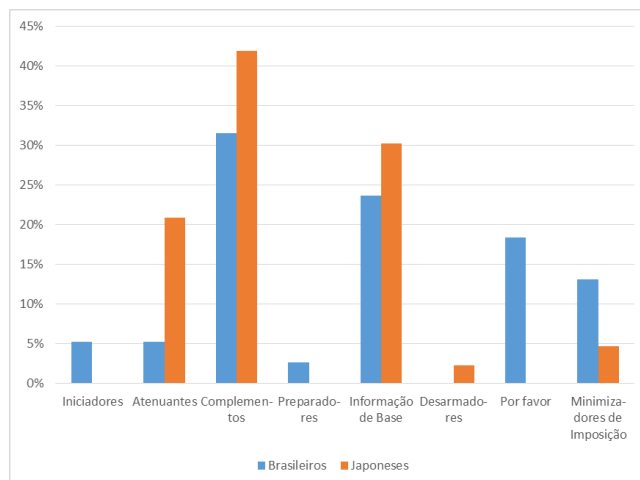
Considera-se que os interactantes são de igual status, por serem colegas de trabalho, e baixa imposição devido ao fato de o objeto solicitado – caneta – ser um material de escritório comum, de baixo valor financeiro, solicitado num contexto de colaboração profissional, no qual se presume ser extremamente provável que o solicitado atenda a esse tipo de pedido.

A tabela 4 e a figura 1 indicam, respectivamente, os tipos de estratégias verificadas e os recursos modificadores identificados nessa situação.

Tabela 4 – Situação 1 – Tipos de estratégias

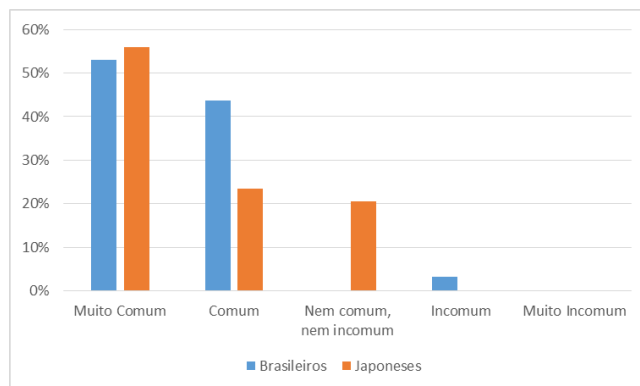
Estratégias	Brasileiros	Japoneses
Direta	28%	16%
Indireta convencional	73%	81%
Indireta não convencional	0%	2%

Figura 1 - Situação 1 - Recursos modificadores



Verificam-se estratégias similares adotadas pelas duas culturas, prevalecendo o uso da *indireta convencional*. Grande incidência, entre os brasileiros, do *complemento (chamar a atenção) “Fulano”*, geralmente significando o primeiro nome da pessoa a quem se dirige, em consonância com a informalidade característica da cultura brasileira. Muitas ocorrências também do modificador *informação de base*, indicando a reunião como o motivo da solicitação. Destaque para o uso expressivo do modificador *por favor*, muito utilizado como recurso de polidez na cultura brasileira.

Figura 2 - Situação 1 - Percepção de frequência



No tocante à percepção de frequência desse tipo de solicitação, notamos, na figura 2, que a maioria dos respondentes brasileiros (97%) a avaliaram como “muito comum” (53%) ou “comum” (44%), e pequena parcela dos entrevistados a qualificaram como “incomum” (3%), apesar de não se verificar incidências da categoria intermediária “nem comum, nem incomum”.

Os respondentes japoneses, por seu turno, totalizaram 79% nos dois níveis de maior frequência, com 56% e 23% para “muito comum” e “comum”, respectivamente, e 21% para “nem comum, nem incomum”, sem ocorrências das duas categorias de menor frequência.

Nota-se, portanto, que os respondentes brasileiros sinalizaram que esse tipo de situação é percebido com uma recorrência maior do que avaliado pelos participantes japoneses (97% versus 79%, respectivamente, nos níveis “muito comum” e “comum” somados). Essa impressão também pode ser associada à informalidade, traço marcante da cultura do país latino-americano, tida como “multiativa”, cujos membros caracterizam-se por serem pessoas extrovertidas (Lewis, 2006: 33), e que, portanto, não teriam maiores restrições a abordar um colega de trabalho para requisitar uma simples caneta em um contexto de igual status e baixa imposição entre os interactantes.

Já os japoneses, por outro lado, integram uma cultura classificada como “reativa”, conforme descrito por Lewis (2006: 32): “Japan belongs to the group of reactive, or listening, cultures, the members of which rarely initiate action or discussion, preferring to listen to and establish the other’s position first, then react to it and formulate their own”. Essas características talvez possam estar relacionadas a uma menor tendência a realizar esse tipo de solicitação, contribuindo para a percepção de menor ocorrência pelos respondentes japoneses.

3.2. Situação 2 - Igual status e alta imposição

Na segunda situação comentada, perguntou-se aos participantes o seguinte:

Você saiu para almoçar com um colega de trabalho com quem tem boa relação. Na hora de pagar, percebe que esqueceu sua carteira no escritório, de modo que não tem dinheiro para pagar a conta. Como você solicitaria a um colega de trabalho para pagar seu almoço?

Tabela 5 - Padrões de respostas - Situação 2

RECURSOS MODIFICADORES INTERNOS	
Iniciadores: 1%	<i>Se importa de pagar a minha que te pago logo que voltarmos?</i>
Atenuantes: 1%	<i>Esqueci minha carteira, você pode por favor pagar minha conta? Te pago quando chegar no escritório.</i>
Complementos: 8%	- confirmadores
	- chamar a atenção
	<i>Cara, paga a minha a parte e eu te transfiro? Pô, Fulano, esqueci minha carteira, cara. Paga aí pra mim que te dou lá no trabalho?</i>
RECURSOS MODIFICADORES EXTERNOS	
Preparadores: 1%	<i>Desculpe, eu esqueci minha carteira! Posso te pedir um favor? Você poderia pagar essa conta e eu te pago assim que chegarmos ao escritório?</i>
Informação de base: 35%	<i>Ih, esqueci a carteira. Você poderia pagar para mim e acertamos no escritório? Esqueci minha carteira no trabalho. Você pode pagar minha conta, por favor? Eu pago quando voltarmos. Esqueci minha carteira no escritório, pode pagar para mim e quando a gente voltar eu te pago?</i>
Desarmadores: 7%	<i>Putz, esqueci minha carteira. Sem querer abusar, você poderia pagar para mim o meu almoço?</i>
Por favor: 4%	<i>Me desculpe, mas esqueci minha carteira. Por favor, poderia pagar para mim? Depois te devolvo.</i>
Minimizadores de imposição: 42%	<i>Podem pagar pra mim? Te pago quando chegarmos no escritório.</i>

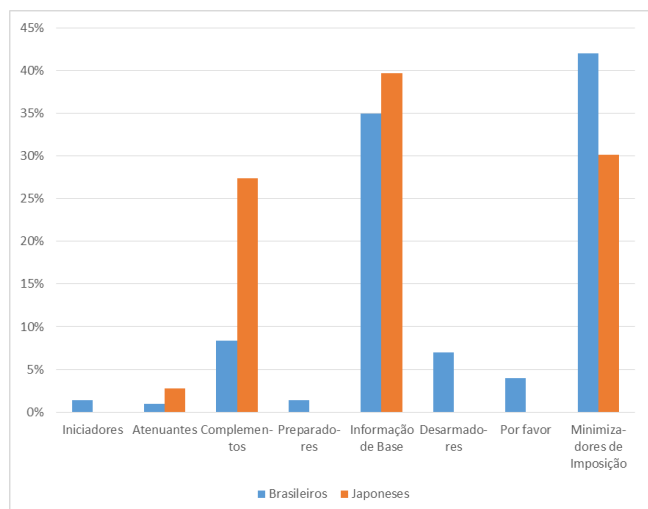
Nesse caso, novamente tem-se colegas de trabalho, e alta imposição decorre de o objeto solicitado – dinheiro – implicar em relativo constrangimento de ambos os interactantes. Apesar de se tratar de baixo valor financeiro, pedir dinheiro emprestado pode ser uma situação delicada, que representa ameaça às faces dos interlocutores e que, portanto, requer o uso de estratégias de polidez como as que se observam nos padrões de respostas.

A tabela 6 e a figura 3 indicam, respectivamente, os tipos de estratégias verificados e os recursos modificadores identificados nessa situação.

Tabela 6 - Situação 2 - Tipos de estratégias

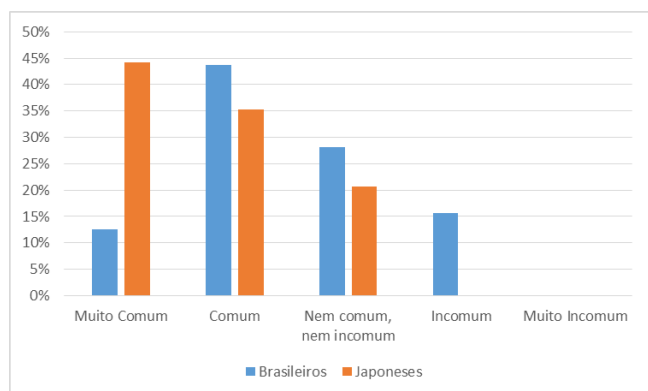
Estratégias	Brasileiros	Japoneses
Direta	14%	25%
Indireta convencional	81%	72%
Indireta não convencional	6%	3%

Figura 3 - Situação 2 - Recursos modificadores



Nota-se que, em ambos os grupos, prevaleceram as duas estratégias *indiretas*, sendo a única situação em que foram usadas, pelos brasileiros, todas as três estratégias. Além disso, verificou-se grande variedade de modificadores por brasileiros (8, contra 4 dos japoneses). O uso de diversas possibilidades comunicativas para fins de realização dessa solicitação talvez sugira que o assunto em questão, o dinheiro, seja relativamente sensível na cultura brasileira e pode estar relacionada à recomendação de evitar ostentar riqueza ou poder (“avoid flaunting wealth or power”), sugerida por Lewis (2006:545).

Figura 4 - Situação 2 - Percepção de frequência



Quanto à percepção de frequência desse tipo de solicitação, vemos, na figura 4, que a grande maioria dos respondentes japoneses (79%) a avaliaram como “muito comum” (44%) ou “comum” (35%), e uma parcela menor dos entrevistados a qualificaram na categoria intermediária “nem comum, nem incomum” (21%), não se

verificando incidências das duas categorias de menor frequência.

Os participantes brasileiros, por outro lado, totalizaram 57% nos dois níveis de maior frequência, com 13% e 44% para “muito comum” e “comum”, 28% para “nem comum, nem incomum”, além de 15% para “incomum”.

Dessa forma, verifica-se que os respondentes japoneses manifestaram que esse tipo de situação é percebido com uma recorrência maior que os participantes brasileiros (79% *versus* 57%, respectivamente, nos níveis “muito comum” e “comum” somados). Para os japoneses, comparativamente, esse assunto parece ser menos delicado, o que pode estar ligado à percepção de maior ocorrência desse tipo de solicitação.

3.3. Situação 3 – Solicitado dominante e baixa imposição

Na terceira situação pesquisada, questionou-se aos respondentes o seguinte:

Você acaba de se mudar para um imóvel mais próximo ao seu trabalho. Seu chefe e colegas de trabalho já sabem disso. Devido a uma norma interna da empresa, você deve enviar um formulário, assinado por seu chefe, informando essa mudança cadastral ao Setor de Recursos Humanos. Como você solicitaria ao seu chefe para assinar o formulário de mudança cadastral?

Tabela 7 - Padrões de respostas - Situação 3

RECURSOS MODIFICADORES INTERNOS

Iniciadores: 0%

-

Atenuantes: 20%

Você assinaria para mim *quando puder?*

Complementos: 29%

- **confirmadores**

-

- **chamar a atenção**

Chefe, você pode assinar o formulário?

Fulano(a), você poderia assinar meu formulário de mudança cadastral, por favor?

RECURSOS MODIFICADORES EXTERNOS

Preparadores: 0%

-

Informação de base: 32%

Preciso alterar meu cadastro junto ao RH. Pode dar uma assinatura no formulário?

Com a minha mudança de endereço, preciso que você assine este documento, por favor.

Chefe, eu mudei de residência. Por favor, poderia assinar o formulário de mudança cadastral?

Desarmadores: 7%

Se não for incômodo, você poderia assinar para mim o formulário?

Por favor: 13%

Poderia assinar este formulário, *por favor*?

Minimizadores de imposição: 0%

-

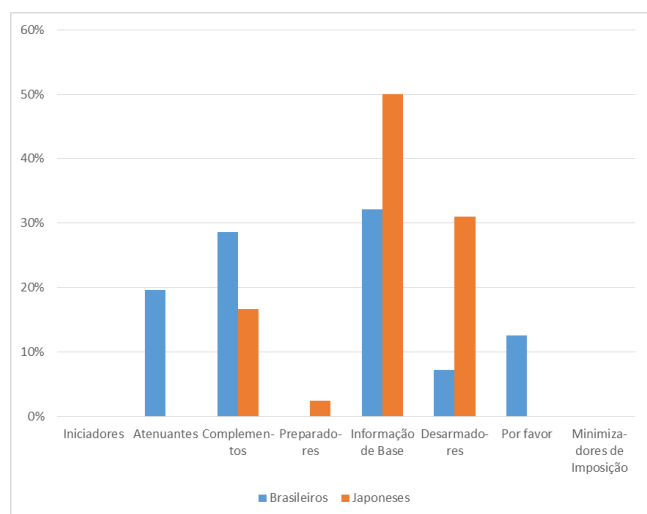
Trata-se de situação em que o solicitado é considerado dominante pois corresponde à/ao chefe do solicitante e, portanto, assume a posição preponderante na relação de poder verificado entre ambos no contexto laboral. A baixa imposição verifica-se pelo objeto da solicitação – assinatura em formulário da empresa – ser um procedimento comum, de baixíssima complexidade, demandado pela própria corporação, presumindo-se não haver dificuldades maiores para atendimento desse tipo de pedido.

A tabela 8 e a figura 5 indicam, respectivamente, os tipos de estratégias verificadas e os recursos modificadores identificados nessa situação.

Tabela 8 - Situação 3 - Tipo de estratégias

Estratégias	Brasileiros	Japoneses
Direta	24%	43%
Indireta convencional	76%	49%
Indireta não convencional	0%	8%

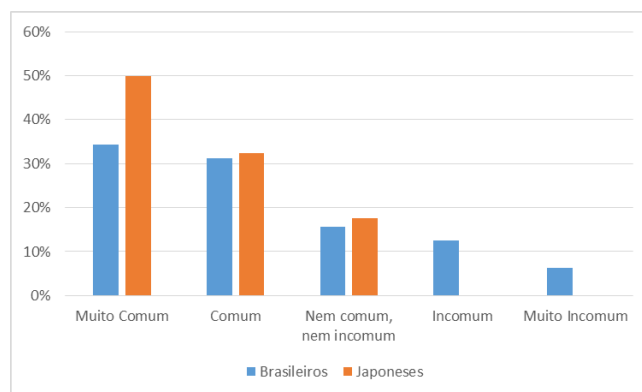
Figura 5 - Situação 3 - Recursos modificadores



Essa consiste na situação que revelou maior diferença em relação às estratégias utilizadas. Os japoneses utilizaram a estratégia *direta* significativamente mais vezes que os brasileiros, que por seu turno usaram a *indireta convencional* com maior frequência. Grande incidência do

modificador *informação de base* em ambos os grupos, indicando a motivação da solicitação (exigência do RH). Destaque para uso recorrente, pelos brasileiros, de *atenuantes*, além do modificador *por favor*, e, principalmente, do *complemento (chamar a atenção) “Chefe”*, bastante utilizado na cultura brasileira.

Figura 6 - Situação 3 - Percepção de frequência



Sobre percepção de frequência desse tipo de solicitação, na figura 6 vemos novamente que a grande maioria dos respondentes japoneses (82%) a avaliaram como “muito comum” (50%) ou “comum” (32%), e uma parcela menor dos entrevistados a qualificaram na categoria intermediária “nem comum, nem incomum” (18%), novamente não se verificando incidências das duas categorias de menor frequência.

Os respondentes brasileiros, por outro lado, totalizaram 65% nos dois níveis de maior frequência, com 34% e 31% para “muito comum” e “comum”, 16% para “nem comum, nem incomum”, além de 13% para “incomum” e 6% para “muito incomum”, portanto, com respostas indicando todas as categorias da escala.

Observa-se que os participantes japoneses perceberam esse tipo de situação como mais recorrente do que os participantes brasileiros (72% *versus* 65%, respectivamente, nos níveis “muito comum” e “comum” somados). Essa percepção pode estar relacionada às diferenças entre os ambientes de trabalho dos dois países.

Na situação 3, em ambos os grupos, notou-se grande incidência do modificador *informação de base* indicando a motivação da solicitação. Pelos brasileiros, vale notar o uso recorrente de *atenuantes*, do modificador *por favor*, e do *complemento (chamar a atenção) “Chefe”*, cuja utilização é muito comum no Brasil. A diferença de percepção de ocorrência foi pequena, com menor incidência no país

latino-americano, o que, numa perspectiva comparada, talvez esteja relacionado a um possível maior distanciamento entre chefe e subordinado.

Em relação a esse assunto, Kikuchi (2012: 154) comenta sobre o contexto laboral japonês: “Mesmo quando há uma sala reservada para o chefe, os subordinados costumam ter acesso quase que irrestrito para trabalhar, ao contrário das empresas ocidentais que asseguram a privacidade do superior”. A acessibilidade ao superior descrita, portanto, pode estar associada à percepção de maior ocorrência desta situação por parte dos respondentes japoneses em relação aos brasileiros.

3.4 Situação 4 - Solicitado dominante e alta imposição

Na quarta situação estudada, consultou-se os participantes sobre o seguinte:

Você retornou do almoço e começou a sentir dor de dentes. Ao longo da tarde, essa dor se intensificou e você gostaria de ir a um dentista para tratá-la. Você consegue marcar uma consulta, mas precisará sair 2 (duas) horas antes. Como você solicitaria ao seu chefe para sair 2 (duas) horas mais cedo por causa de uma dor de dentes severa?

Tabela 9 - Padrões de respostas – Situação 4

RECURSOS MODIFICADORES INTERNOS
Iniciadores: 3% <i>Tudo bem se eu sair mais cedo hoje? Estou com muita dor e consegui um horário no dentista.</i>
Atenuantes: 7% Chefe, estou com uma dor de dente terrível, e só conseguir marcar uma consulta nesse horário X, e vou precisar sair duas horas mais cedo. <i>Haveria algum problema nisso?</i>
Complementos: 29% - confirmadores Preciso sair mais cedo, pois estou com muita dor de dente, e marquei uma consulta de emergência. <i>Ok?</i> Chefe, estou com uma dor de dente insuportável. Vou precisar sair 2 horas mais cedo pra conseguir a consulta no dentista, <i>tudo bem?</i> Chefe, vou precisar sair um pouco mais cedo para ir no dentista ver essa dor de dente, <i>beleza?</i> Chefe, preciso muito sair mais cedo. <i>É possível?</i>
- chamar a atenção Chefe, posso sair mais cedo para ir ao dentista? Estou muito mal.
RECURSOS MODIFICADORES EXTERNOS
Preparadores: 2% Chefe, <i>gostaria de pedir um favor.</i> Gostaria de saber se poderia autorizar a minha saída para ir ao médico?

Informação de base: 50%

Estou sentindo muita dor no dente. Posso marcar um médico hoje e sair mais cedo?

Chefe, *estou acometido de uma dor de dentes muito intensa,* posso sair duas horas antes para ir ao dentista pois só tinha disponível esse horário?

Chefe, *estou com uma dor insuportável no dente,* posso sair um pouco mais cedo hoje para ir ao dentista? Consegui uma consulta para mais tarde.

Chefe, *estou com uma dor de dente terrível,* o senhor libera a minha saída duas horas mais cedo para eu ir ao dentista??

Desarmadores: 0%

-

Por favor: 2%

Fulano(a), estou com uma dor de dentes muito forte e consegui marcar uma consulta emergencial, mas é às "x" horas. Posso sair às "y" horas, *por favor?*

Minimizadores de imposição: 7%

Chefe, minha dor de dentes voltou e não estou aguentando. Vou sair mais cedo *e depois compenso as horas,* tudo bem?

Estou com dor de dente desde que voltei do almoço e o único horário que eu consegui foi no meio da tarde. Vou sair 2 horas mais cedo, *mas trarei o atestado amanhã.*

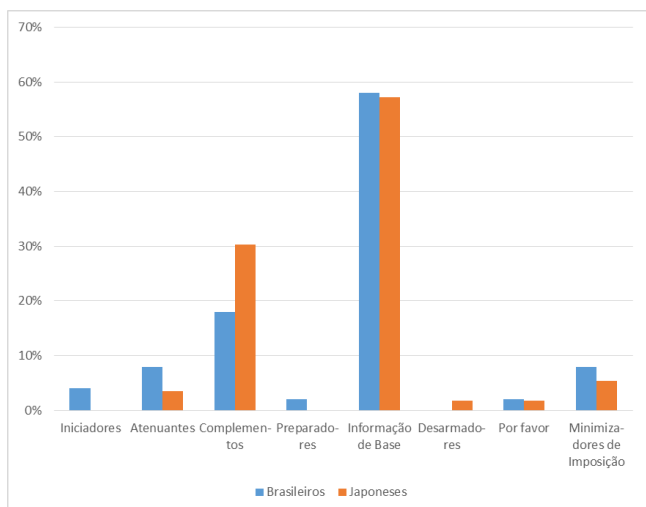
Novamente, verifica-se situação em que o solicitado é considerado dominante pois corresponde à/ao chefe do solicitante. Entretanto, aqui a imposição é alta, pois o objeto solicitado – ausentar-se do ambiente de trabalho antes do final do expediente para consulta odontológica – pode variar muito conforme a cultura e as normas das empresas, além dos próprios valores e personalidade da/do chefe em questão. Assim, todas essas variáveis acabam por tornar difícil prever a probabilidade de atendimento ou não desse tipo de pedido, consistindo em efetiva situação de ameaça às faces dos interlocutores, o que ressalta a importância das estratégias de polidez.

A tabela 10 e a figura 7 indicam, respectivamente, os tipos de estratégias verificados e os recursos modificadores identificados nessa situação.

Tabela 10 - Situação 4 - Tipos de estratégias

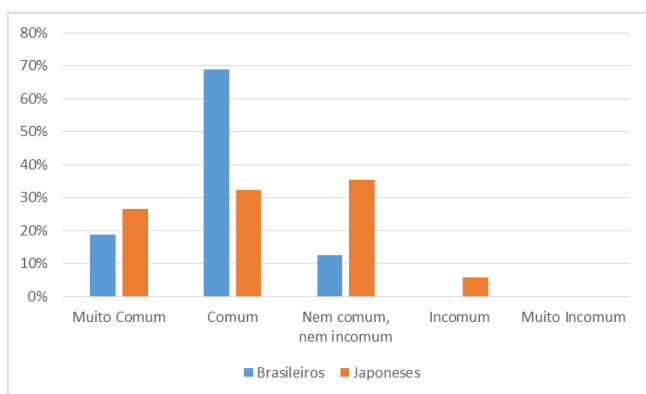
Estratégias	Brasileiros	Japoneses
Direta	67%	71%
Indireta convencional	33%	29%
Indireta não convencional	0%	0%

Figura 7 - Situação 4 - Recursos modificadores



Trata-se da única situação em que a estratégia *direta* teve maior incidência, em ambos os idiomas. Enorme ocorrência do modificador *informação de base*, revelando a preocupação em se esclarecer ao chefe o contexto objetivo (dor de dentes severa e horário restritivo da consulta) em que a solicitação ocorre. Brasileiros usaram mais modificadores e com mais ocorrências (em 6 de 8 modificadores), bem como respostas significativamente mais longas, em coerência com as características de “falantes” e “extrovertidos”, associadas à cultura brasileira, classificada como “multiativa” (Lewis, 2006:33).

Figura 8 - Situação 4 - Percepção de frequência



No que diz respeito à percepção de frequência desse tipo de solicitação, vemos, na figura 8, que a grande maioria dos respondentes brasileiros (88%) a avaliaram como “muito comum” (19%) ou “comum” (69%), e uma parcela menor dos entrevistados a qualificaram na categoria

intermediária “nem comum, nem incomum” (12%), sem incidências das duas categorias de menor frequência.

Já os participantes japoneses, por seu turno, totalizaram apenas 59% nos dois níveis de maior frequência, com 27% e 32% para “muito comum” e “comum”, 35% para “nem comum, nem incomum”, que foi a categoria de maior ocorrência, além de 6% para “incomum”.

Nota-se que os participantes brasileiros perceberam esse tipo de situação como significativamente mais recorrente do que os participantes japoneses (88% *versus* 59%, respectivamente, nos níveis “muito comum” e “comum” somados). Tal percepção se soma a outros elementos que ilustram as diferenças entre os ambientes laborais das duas culturas.

Em consonância com a valorização do coletivismo no Japão (Bennett, 1998:13), aparentemente o empregado se sente na obrigação de estar presente, de modo a não sobrecarregar seus colegas, numa eventual ausência, com o volume de trabalho a ele atribuído originalmente, o que pode estar relacionado com a percepção de menor frequência dessa situação em comparação com os respondentes brasileiros.

3.5 Comparação – recurso complemento (chamar a atenção) – padrões de respostas em japonês

Apresentam-se, a seguir, quatro respostas dos participantes japoneses, uma para cada situação estudada, com o texto original em japonês, transliteração em alfabeto romano, uma linha de glosa com a tradução literal, seguida de uma tradução livre. Em seguida, comenta-se a respeito de um dos recursos modificadores utilizados, relacionando-o com as expressões utilizadas pelos respondentes brasileiros.

Situação 1

すみません、ペンが見つからないので、一本借りていいですか？会議が終わったら返します。

Sumimasen, / pen-ga/ mitsukaranai/ node, / ippon/ karite/ iidesuka? / Kaigi-ga/ owattara/ kaeshimasu.

Desculpe, / caneta OBJ/ encontrar NEG/ por isso, / um NUM/ emprestar PERM/ ASSEV-POL-DUV?/ Reunião SUJ/ acabar COND/ devolver PRES-POL.

Desculpe, (eu) não consigo encontrar (minha/uma) caneta, (por isso) poderia me emprestar uma (caneta)? Eu te devolvo quando a reunião acabar.

Situação 2

ごめんなさい、事務所に財布を忘れてきた。後で払うので先に一緒に払ってもらってもいい？

Gomennasai, jimusho-ni/ saifu-wo/ wasuretekita./ Atode/ harau/ node/ saki-ni/ issho-ni/ harattemoratteremoii?

Desculpe,/ escritório LOC/ carteira OBJ/ Esquecer PASS./ Depois/ pagar POL/ por isso/ antes ADV/ junto ADV/pagar POL-PERM?

Desculpe, esqueci minha carteira no escritório. Poderia pagar (a minha conta) junto (com a sua) e depois te pago?

Situação 3

お忙しいところすみません。最近引っ越したのですが、人事の書類にあなたのサインが必要なんです。お時間あるときにお願(ねが)いします。

Oisogashii/ tokoro/ sumimasen./ Saikin/ hikkoshita/ nodesuga./ jinjin-no/ shorui-ni/ anata-no/ sain-ga/ hitsuyōnandesu./ Ojikan/ aru/ toki-ni/ onegaishimasu.

POL-atarefado/ momento/ desculpe./ Recentemente/ Mudar PASS/ por isso,/recursos humanos GEN/ documentos LOC/ sua GEN/ assinatura SUJ/ necessária ORAL-ASSEV-POL./ POL-tempo/ ter PRES/ quando ADV/ por favor POL.

Desculpe incomodá-lo enquanto está ocupado. Recentemente eu me mudei, por isso é necessária a sua assinatura no documento do RH (Recursos Humanos). Por favor, quando tiver disponibilidade.

Situação 4

すみません、歯が痛いため、歯医者に行きたいので、早退します。

Sumimasen,/ ha-ga/ itai/ tame,/ haisha-ni/ ikitai/ node,/ sōtai shimasu.

Desculpe,/ dente SUJ/ dor/ porque,/ dentista LOC/ ir PRES-INTENC/ por isso,/ sair cedo PRES-POL.

Desculpe, como estou com dor de dente, quero ir ao dentista, por isso sairei mais cedo.

Percebe-se, dentre os exemplos reproduzidos, a incidência recorrente dos termos 「すみません」 (*sumimasen*) e 「ごめんなさい」 (*gomennasai*), nas

quatro situações. Podem ser traduzidos como “desculpe” ou “com licença”, exercendo, nesses casos, a função de *chamar a atenção (complemento)*. Cabe notar que essa mesma categoria de recurso modificador também é muito frequente no português brasileiro, porém com outra realização, qual seja, o uso de vocativo, “chefe”, “amigo”, “fulano(a)”, conforme comentado anteriormente.

Assim, notamos aí exemplos de recursos modificadores que, embora pertencentes à mesma categoria, são mais comumente realizados de maneira diferente nos dois idiomas, o que reforça a necessidade de que se busque, no processo de ensino/aprendizagem de uma segunda língua, não apenas traduzir a ideia que se pretende comunicar, mas conhecer as diferentes opções disponíveis, bem como sua frequência de uso.

4. Considerações finais

A partir da análise dos dados coletados, foi possível verificar, em relação às estratégias, a predominância, no âmbito quantitativo, da *indireta convencional*, coadunando-se com o resultado obtido em trabalhos similares sobre o tema (Konakahara 2011: 248), ainda que as demais estratégias também tenham sido utilizadas de forma relevante, conforme detalhado anteriormente.

Sem embargo, observaram-se algumas diferenças entre os grupos estudados em relação aos aspectos culturais, aos recursos modificadores e às percepções de frequência das situações.

A identificação dessas diferenças é importante e valiosa, pois reforça a necessidade de se conhecer as especificidades da cultura e língua estudadas com vistas a desenvolver a competência intercultural necessária para um aprendizado global do idioma alvo.

Nesta pesquisa, elaboraram-se quadros esquemáticos, com base nas respostas recebidas, relacionando as situações de solicitação estudadas com expressões e recursos modificadores utilizados comumente por falantes nativos. Espera-se que esse material, associado com as características culturais descritas, possa contribuir e ser útil no ensino de Português como Língua Estrangeira.

Referências

- BENNETT, M. J. (1998) «Intercultural communication: A current perspective». Em *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*, org. por Milton J. Bennett, Yarmouth, ME: Intercultural Press.
- CECILIO, L. A. (2013) «Reflexos da diversidade cultural nos atos de fala de brasileiros e italianos: contribuições para o ensino de português para italo-fonos». Em *Português para estrangeiros: questões interculturais*, org. por Rosa Marina de Brito Meyer e Adriana Albuquerque, pp. 91-114. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- CAMPILLO, P. S. (2007) «Examining mitigation in requests: A focus on transcripts in ELT coursebooks». Em *Intercultural language use and language learning*, E.A. Soler & M.P.S. Jordà (Eds.), pp. 207–222. Netherland: Springer.
- DOI, E. T. et al. (2003) «As teorias gramaticais de japonês: Yamada e Hashimoto». *Estudos Linguísticos*. Taubaté: Unitau. CD-ROM. Disponível em <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt008.htm>. Acesso em: 21, abril, 2021.
- KIKUCHI, W. (2012) *Relação Hierárquica do Japão Contemporâneo: um estudo da consciência de hierarquia na sociedade japonesa*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado em Sociologia.
- KONAKAHARA, M. (2011) «Requests in Japanese learners' English in comparison with British English and Japanese». *The Bulletin of the Graduate School of Education of Waseda University*, 18(2): pp. 245-260.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2012) *A outra face da Lua: escritos sobre o Japão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEWIS, R. D. (2006) *When cultures collide*. London: Nicholas Brealey Publishing.
- MEYER, R. (2013) «Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural». Em *Português para estrangeiros: questões interculturais*, org. por Rosa Marina de Brito Meyer e Adriana Albuquerque, pp. 13-34. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- NAKAEMA, O. Y. (2019) «(Im)polidez na língua japonesa: a mudança linguística e os papéis do sistema de ensino e do material didático». Em *Novos Temas de Pesquisa em Estudos Japoneses - Uma Perspectiva Internacional sobre Direito, Política, Sociedade e Cultura*, org. por Ernani Oda, Olivia Yumi Nakaema e Yuri Kuroda Nabeshima, pp. 71-89. Curitiba: Juruá, 2019.
- ŠOUCOVÁ, J. (2005) «The Japanese Honorific Language: Its Past, Present and Future». Em *Asian and African Studies*, 14/2: 136–47.
- USÓ-JUAN, E. (2007) «The presentation and practice of the communicative act of requesting in textbooks: Focusing on modifiers». Em *Intercultural language use and language learning*, E.A. Soler & M.P.S. Jordà (Eds.), pp.223–243. Netherland: Springer.
- USÓ-JUAN, E. & A. MARTÍNEZ FLOR (2008) «Learning how to Mitigate Request through an Explicit Pragmatics-Based Method». *Babel Afiat: Aspectos de Filología Inglesa y Alemana*, 17: pp. 253-270.

ANEXO A – Questionário aplicado (português brasileiro)

Questionário sobre Solicitações

Instruções:

Pedimos a gentileza de verificar as 4 situações descritas a seguir e responder como você faria a solicitação correspondente à respectiva situação. Para cada pergunta, você pode pensar em mais de uma resposta possível. Nestes casos, escreva as diferentes respostas que entender adequadas. Adicionalmente, pedimos que identifique, conforme sua percepção, se o tipo de solicitação analisada é comum na cultura do seu país, escolhendo a opção que lhe parecer mais adequada. Muito obrigado por participar da nossa pesquisa!

Situação 1					
Você chegou à sua mesa no escritório e não consegue achar a única caneta que costuma utilizar. Você terá uma reunião logo em seguida e precisa de uma caneta. Como você solicitaria uma caneta emprestada a um colega de trabalho?					
Resposta A:					
Resposta B (opcional):					
Resposta C (opcional):					
Resposta D (opcional):					
Esse tipo de solicitação é comum na cultura do seu país?					
	Muito Incomum	Incomum	Nem Comum, Nem Incomum	Comum	Muito Comum
Resposta:					

Situação 2					
Você saiu para almoçar com um colega de trabalho com quem tem boa relação. Na hora de pagar, percebe que esqueceu sua carteira no escritório, de modo que não tem dinheiro para pagar a conta. Como você solicitaria a um colega de trabalho para pagar seu almoço?					
<i>[espaço para respostas igual à situação 1]</i>					

Situação 3					
Você acaba de se mudar para um imóvel mais próximo ao seu trabalho. Seu chefe e colegas de trabalho já sabem disso. Devido a uma norma interna da empresa, você deve enviar um formulário, assinado por seu chefe, informando essa mudança cadastral ao Setor de Recursos Humanos. Como você solicitaria ao seu chefe para assinar o formulário de mudança cadastral?					
<i>[espaço para respostas igual à situação 1]</i>					

Situação 4					
Você retornou do almoço e começou a sentir dor de dentes. Ao longo da tarde, essa dor se intensificou e você gostaria de ir a um dentista para tratá-la. Você consegue marcar uma consulta, mas precisará sair 2 (duas) horas antes. Como você solicitaria ao seu chefe para sair 2 (duas) horas mais cedo por causa de uma dor de dentes severa?					
<i>[espaço para respostas igual à situação 1]</i>					

ANEXO B – Questionário aplicado (japonês)

職場内での頼み方に関するアンケート

インストラクション

私たちは、あなたがどのように下記の各々4つのシチュエーションに対応する依頼を行うのかについて、調査させていただくことをお願いします。各シチュエーションには、返事が一つ以上可能です。その場合、適当と思われる返事をすべて書いてください。そして、知見にしたがってあなたの国の文化にどの程度あてはまるか、適当な答えを選んでください。よろしくおねがいします。

シチュエーション 1

あなたは事務所の自分の席につきましたが、いつも使っている唯一のペンが見当たりません。まもなくミーティングが始まるので、ペンが早急に必要です。あなたはどのように職場の同僚にペンを貸してもらうように頼みますか。

返事 A :

返事 B (任意) :

返事 C (任意) :

返事 D (任意) :

上のシチュエーションでこのように頼まれる可能性は :

	全然起こりそうもない	めったになさそう	あってもなくても おかしくない	起こりそう	良くありそう
答え :					

シチュエーション 2

あなたは仲の良い職場の同僚と昼食をとりに出かけました。支払いの段になり、あなたは事務所に財布を置き忘れ、そのためお金を持ち合わせていないことに気づきました。あなたはどのように自分の昼食代を同僚に払ってもらうように頼みますか。

[espaço para respostas igual à situação 1]

シチュエーション 3

あなたは最近事務所に近接した場所に引っ越したばかりです。あなたの上司や同僚はすでにそのことを知っています。会社の就業規則によって、あなたは人事課に自分のプロフィールを変更するための書類に上司のサインをもらう必要があります。あなたはどのように書類にサインをもらうよう上司に頼みますか。

[espaço para respostas igual à situação 1]

シチュエーション 4

昼食から戻ったあなたは歯の痛みを覚えました。午後の仕事を進めるにしたがい、痛みはますます激しくなり、歯科医の治療を受けずにはおられなくなりました。歯科には診療の予約を取ることができましたが、終業の2時間前に職場を出なくてはなりません。あなたはどのように歯痛によって2時間前に職場を離れることを上司に頼みますか。

[espaço para respostas igual à situação 1]

<https://doi.org/10.21747/27073130/ori2a5>

O Português em contacto no Sudeste Asiático: o caso do Kristang (crioulo de Malaca)

YANG Aoran^a & JIANG Li^b

Resumo

A partir do século XVI, devido à expansão colonial, o Português teve grande difusão por quase todo o Sudeste Asiático, provocando o surgimento de diversos crioulos de base portuguesa nesta região, dentre os quais ainda sobrevive o crioulo de Malaca, o Kristang. Com o objetivo de analisar o papel do superstrato e do substrato no processo do contato linguístico, o presente trabalho pretende ilustrar a ecologia linguística que contribui para a formação e evolução do Kristang, bem como algumas características gramaticais deste crioulo, designadamente a sua tipologia linguística, a concordância gramatical, a omissão do verbo copulativo, o sistema tempo-aspetual, a reduplicação e o empréstimo lexical.

Palavras-chave: *Português em contato; crioulos de base portuguesa; Kristang; interação ecológica.*

1. Introdução

O contato entre línguas constitui um dos processos essenciais que contribui para a variação linguística e que propicia, de maneira progressiva e sistemática, uma situação de mudança relativamente a alguns parâmetros da língua (Faria, 2003). Dependendo de vários fatores, nomeadamente de ordem social, política, geográfica e cultural, o contato entre línguas pode ter diferentes resultados, dentre os quais o surgimento de novas línguas (pidgins e crioulos), objeto de estudo deste trabalho.

No caso do português, a partir da época das navegações, a língua começou a estender-se por quase toda a Ásia -Pacífico devido à fixação de portugueses

e à criação de entrepostos de suporte a atividades comerciais na região (Segura, 2013). Desde o período inicial da colonização portuguesa, os europeus, designadamente missionários, comerciais ou oficiais, passaram a marcar a sua presença no Sudeste da Ásia, região na qual conviviam, na altura, indivíduos de várias proveniências, tais como europeus, mão-de-obra asiática e escravos transportados de África (Cardoso, 2016). Em consequência, o Português converteu-se, em certa medida, em língua franca, que funcionava como “meio de comunicação entre uma população linguisticamente tão heterogénea” (Cardoso, 2016: 70), o que contribui efetivamente para a criação de pidgins e crioulos de base portuguesa nesta zona.

^a Universidade de Estudos Internacionais de Beijing, China/Universidade do Porto, Portugal || ✉ aoran02041109@gmail.com

^b Instituto Politécnico de Macau, China || ✉ jiangli@ipm.edu.mo

Tendo em conta a vasta gama de funções em diferentes contextos sociolinguísticos, é quase impossível abordarmos, de forma geral, todas as “variedades asiáticas do Português” (mais precisamente “variedades do Sudeste Asiático”) neste trabalho. Assim, entre os crioulos de base portuguesa, vamos nos concentrar no Kristang.

O Kristang, ou “fala cristã”, é uma língua crioula que conta atualmente com cerca de 1.000 falantes nativos em Malaca (Baxter, 2005) e é considerado como “the last surviving variety of Creole Portuguese in South East Asia which still functions as a mother tongue and home language of a speech community” (Baxter, 1988: vii). Sendo uma variedade claramente reestruturada que combina elementos gramaticais tanto do superstrato como dos diferentes substratos, verifica-se que o Kristang serve como o exemplo mais ilustrativo e mais representativo através do qual se pode entender o processo do contato entre o Português e algumas línguas locais na ecologia específica do Sudeste da Ásia.

Deste modo, começamos, na seção 2, por fazer uma reflexão teórica relacionada com o estudo de línguas crioulas. Em seguida, na seção 3, procede-se a uma análise em relação à ecologia em que se realiza o contato do Português com línguas locais, tendo como objetivo descrever a situação de contatos formada anteriormente ao desenvolvimento do Kristang. Na seção 4, concentramo-nos em algumas propriedades gramaticais do crioulo de Malaca, que podem pôr em relevo a importância da interação ecológica no processo de reestruturação do crioulo antes de partirmos para as considerações finais.

2. Enquadramento teórico

Tradicionalmente, os crioulos “contrast with the European languages providing most their words – traditionally referred to as the *superstrate* or *lexifier* – in lacking a significant amount of their grammatical machinery” (McWhorter, 2019: 283).

Nesse sentido, quanto ao processo de formação dos crioulos de base portuguesa, pode-se considerar que um crioulo é de “base portuguesa” quando o português, como a língua socialmente dominante (de superstrato), fornece as unidades lexicais, na maioria dos casos, reconhecidamente de origem portuguesa, embora a sua estrutura seja regida por regras fonológicas e morfológicas próprias, o seu valor semântico não seja necessariamente equivalente e as construções sintáticas apresentem diferenças (Pereira, 2006)¹.

2.1. Produtos do contato: pidgins e crioulos

Para que haja contato de línguas, o pressuposto óbvio é que existam pelo menos duas línguas diferentes (ou dialetos). Por essência, os produtos do contato dependem do grau de interferência ocorrida entre a língua alvo (LA) e a língua de origem (LO), que designamos como transmissão irregular de língua (Lucchesi, 2008, 2012). A LA pode não sofrer qualquer mudança tipológica sob interferência leve, ao passo que pode haver rutura tipológica quando existe forte interferência. No entanto, mesmo sob intensa pressão da LA, pode ainda existir vários diferentes produtos do contato: criação de um estado de bilinguismo, morte de uma língua ou surgimento de novas línguas. Neste trabalho, interessa-nos mais o último produto do contato, o que se refere, de forma mais precisa, à criação de pidgins e crioulos.

Sendo uma consequência da aquisição incompleta de uma língua lexificadora, ou seja, uma língua de superstrato² (Carvalho & Lucchesi, 2016), um pidgin não tem falantes nativos e o seu surgimento resulta dos seguintes fatores: necessidades mínimas de comunicação, convívio limitado entre diferentes comunidades e limitadas áreas de interação social, nomeadamente o comércio (Faria, 2003). Assim, pode-se considerar que o pidgin é uma língua franca que é “lexically and structurally very restricted, but which has an amount of norms and stability across its speakers” (Parkvall, 2019: 262).

Tendo em conta as suas características linguísticas, trata-se de uma língua pouco gramaticalizada, uma vez

¹ Note-se que conceito de língua crioula e o conceito de variedades da língua portuguesa não são sinónimos ou equiparáveis. Tendo em conta a história dos estudos das línguas crioulas, pode-se afirmar que a visão das línguas crioulas registada no fim do século XIX e no início do século XX está associada com o conceito de “dialecto de Português” ou “variedade de Português”. No entanto, a classificação dos crioulos como “variedades do português” foi abandonada com o desenvolvimento dos estudos crioulos. (cf. Pereira, 2006).

² Relativamente à distinção entre os conceitos “substrato” e “superstrato”, cf. Kouwenberg & Singler (2008).

que se nota, na maioria dos casos, a simplificação³ ou redução relativamente à sua morfologia e à estrutura sintática. No entanto, quando o pidgin passa a ser a primeira língua de uma comunidade, um crioulo nasce, o que demonstra que “by definition, a creole has a pidgin – or a pre-pidgin jargon without norms – in its ancestry” (Holm, 2010: 256). Este processo de formação denomina-se criouliização.

Quanto ao processo de criouliização, considera-se que existem principalmente duas tendências: (1) propriedades universais; (2) *input* do superstrato e do substrato. Estas duas tendências correspondem, respetivamente, a dois processos de gramaticalização: gramaticalização motivada de forma interna e gramaticalização de forma externa⁴. No entanto, como defendem Heine & Kuteva (2010), “both language-internal change and contact-induced change are natural” (Heine & Kuteva, 2010: 87).

Se tomarmos o Kristang como exemplo concreto, acentua-se que o português, como língua de superstrato, influencia profundamente a formação deste crioulo. No entanto, devido ao acesso limitado ao superstrato, os falantes também recorrem a estruturas gramaticais das suas próprias línguas nativas durante o processo de gramaticalização, a que chamamos “relexificação” (Lefebvre, 1998) ou “transferência de substrato” (Siegel, 2008). Neste sentido, pode-se concluir que cada contexto local também tem a sua influência sob as propriedades tipológicas e sociolinguísticas de um crioulo, o que exatamente reflete a importância da **interação ecológica** durante o seu processo de formação e reestruturação.

2.2. Condições do contato: interação ecológica

Em comparação com a mudança inerente às línguas, a mudança decorrente do contato é realizada quando o conhecimento linguístico dos falantes, em contato com outras línguas, se caracteriza pela estabilidade e incompletude, que normalmente é considerada como um resultado da aquisição natural de uma língua segunda (Winford, 2012). Nesta linha de pensamento, tanto a

LA como a LO sofrem ruturas durante a sua transmissão como um todo. No entanto, como afirma Ansaldo (2010), a mudança do contato, que resulta de diferenças estruturais entre a LA e a LO, pode ser considerada, na maioria dos casos, como “change as evolutionary, following other complex adaptive systems” (Ansaldo, 2010: 500), uma vez que a razão pela qual ocorre a mudança refere-se à interação ecológica e os mecanismos de mudança consistem em seleção e replicação.

Numa ecologia multilingual, que é uma das condições típicas no que diz respeito à formação do contato de línguas, as propriedades de diferentes variedades “can be seen as being in competition with one another (...) that explains why languages change and why speakers vary in their usage” (Ansaldo, 2010: 502). Assim, relativamente aos crioulos de base portuguesa do Sudeste Asiático, mesmo a língua portuguesa assumindo uma função do superstrato nesta ecologia, é importante termos em consideração o facto de que algumas línguas locais também poderem marcar a sua presença no processo da seleção e da replicação de propriedades linguísticas, tais como diferentes variedades do Malaio e do Chinês.

Aliás, do ponto de vista socio-histórico, o percurso e o resultado do contato dependem dos vários fatores relacionados com “o tipo de relação que as respectivas comunidades estabelecem e o tempo durante o qual a mantêm” (Mota, 1996: 509). Esses fatores incluem desde a delimitação política das fronteiras nacionais e a imigração (implementação de minorias linguísticas) até à colonização ou ocupação de outros países.

Sintetizando, a interação ecológica constitui o núcleo de um modelo evolutivo quanto à mudança linguística e a abordagem ecológica também nos permite analisar tanto a ecologia interior (elementos linguísticos) como a ecologia exterior (fatores socio-históricos) (Mufwene, 2001). Importa salientar também que a transmissão é geralmente realizada de maneira aleatória e criativa, abrangendo mais do que uma língua só no contexto em que os crioulos surgem.

³ A simplificação, usada neste contexto, é definida como “(...) um movimento de + marcado > - marcado (que se baseia na relativa facilidade de perceção e de produção, redundando na coincidência com as noções de complexo e de simples)” (Mota, 2003: 519).

⁴ Para a distinção entre estes dois processos de gramaticalização, veja Baxter (1996), Heine e Kuteva (2010) e Winford (2012).

De facto, isso torna-se mais evidente quando analisamos a formação e a evolução do Crioulo de Malaca, o Kristang.

3. Ecologia do contato de línguas do Sudeste

Asiático

O Kristang é um crioulo “born of the contacts between speakers of Portuguese and speakers of local and other languages” (Baxter & de Silva, 2004: vii), como também o confirma Hancock (1970), ao afirmar que o Kristang “has its origins in the early Portuguese lingua franca or ‘Low Portuguese’ which probably originated in the fifteenth century on the West African coast” (Hancock, 1970: 297). Várias outras línguas, como substratos, também influenciam os aspetos gramaticais e fonológicos do Kristang, tais como diferentes variedades do Malaio (inclusive variedades de contato e crioulos), variedades do Chinês e diversos crioulos indo-portugueses, que estiveram em contato com Kristang por causa do estabelecimento de relações comerciais ainda depois da administração holandesa de Melaka (Fernando, 2006). Além disso, o Neerlandês e o inglês também deixam marcas sobretudo no léxico do Kristang (Wong, 2019).

Como já foi referido, é de grande importância que se tome em conta a ecologia do contato de línguas ao abordar algumas características do Kristang, por isso, em seguida apresentar-se-á a dita ecologia do Sudeste Asiático, mais especificamente a de Malaca devido ao facto de as raízes do Kristang se encontrarem na conquista de Malaca por portugueses em 1511 (Baxter, 2010).

3.1. O Sudeste Asiático e Malaca antes dos períodos coloniais

Ao analisar a história desta região, o comércio é um tema ao qual se deve prestar grande importância, dado que as atividades comerciais constituem um fator essencial para o desenvolvimento desta região.

De acordo com Andaya & Andaya (1982), existem duas razões pelas quais as atividades comerciais prosperaram no arquipélago malaio, sendo uma relacionada com o facto de a região gozar de uma grande variedade de recursos naturais e a outra relativamente à sua localização especial e vantajosa.

Segundo os mesmos autores, por um lado, a abundância dos recursos naturais, tais como madeira das florestas, minerais e produtos do mar, permitia, naquela altura, a venda dos mesmos, possibilitando o desenvolvimento dos mercados e, por outro lado, devido à localização estratégica, passavam por lá barcos envolvidos numa rede de comércio que ligava o Sudeste Asiático com a China, a Índia, o Médio Oriente, a África, etc. A situação fez com que fosse surgindo gradualmente uma série de cidades portuárias que providenciavam aos comerciantes um sítio onde podiam pousar.

Além das instalações, bem como os pontos de recolha e de intercâmbio, também facilitavam as atividades de comércio. Entre essas cidades portuárias emergentes destacava-se uma que viria a ser o ponto focal dos comércios marítimos, a cidade de Malaca. A cidade de Malaca foi fundada no começo do século XV e nela se juntavam os povos vindos de diferentes partes do mundo, contribuindo para o pluralismo linguístico e cultural desta região. Desta maneira, pode-se verificar que, antes da chegada dos ocidentais, já se formou nesta parte do Sudeste Asiático a situação onde o contato das línguas foi algo de forte presença (Ansaldó, 2010). Nessa altura em Malaca, para além dos malaios, também havia comunidades chinesas e indianas, entre outras. Assim, surgiu um pidgin de base malaia chamado Malaio Bazaar, satisfazendo as necessidades mínimas de comunicação entre as várias comunidades (Baxter, 1988). Assume-se que esta variedade foi influenciada por outras línguas locais, especialmente diferentes variedades do Chinês. Neste sentido, considera-se geralmente que é o Malaio Bazaar que exercia funções de um substrato com o qual o Português entrou em contato após a conquista de Malaca em 1511.

3.2. As incursões dos ocidentais

No século XVI, a chegada dos navegadores e soldados portugueses a Malaca implicou na entrada da língua portuguesa nesta ecologia linguística. Segundo Baxter (2005), devido ao facto de os portugueses serem somente um grupo minoritário nas suas colónias, incentivou-se a criação de uma classe de “casados”, termo que se refere aos portugueses europeus casados com as mulheres locais. Assim, esta situação produzia

“stable bi- and multi-lingual *mestiço* populations loyal to Portugal” (Baxter, 2005: 10). Importa salientar também que a religião católica era de grande importância para esta comunidade, visto que daí veio o nome “Kristang” (a palavra em Português seria Cristão) que é utilizado para denominar este povo, bem como a sua religião e a sua língua.

A estadia dos portugueses em Malaca entre 1511 e 1641 permitia que se formasse uma comunidade mestiça que possuía a sua própria língua. Em 1641, os holandeses tomaram o controlo de Malaca. Desde então, apesar de Portugal ter perdido quase todo o contato com as comunidades portuguesas na região, o Kristang continuava a subsistir nesta região.

Entre 1641 e 1795, com a região sob o controlo dos holandeses, muitos holandeses casaram-se com euroasiáticas de origem portuguesa e o Kristang continuou a ser uma das línguas francas em Malaca, uma vez que, de acordo com Baxter (2005), os descendentes portugueses constituíam o maior grupo étnico. E mesmo com o neerlandês como língua oficial, o facto de que os holandeses serem somente um grupo minoritário significava que as influências desta língua só podiam ser muito limitadas relativamente à evolução do Kristang, concentrando-se apenas em termos do empréstimo lexical (Hancock, 1970). Além disso, até os holandeses usavam o Kristang em casa com as suas mulheres e nas igrejas também (Baxter, 1988).

Entre 1795 em 1957, ano em que a Malásia se tornou independente, Malaca esteve sob o controlo dos britânicos (houve uma interrupção em que os holandeses dominaram novamente a região entre 1818 e 1925). Durante este período, no *Portuguese Settlement*, estabelecido em 1933 com o apoio da administração britânica, formou-se uma comunidade relativamente grande e, portanto, nesta zona com superfície de 28 acres, ainda se usava o Kristang. Esta iniciativa, sem dúvida nenhuma, contribuiu para a preservação desta língua. Porém, posteriormente, por razões económicas, muitos residentes começaram a sair de Malaca, emigrando para outros sítios como, por exemplo, Singapura e Kuala Lumpur. Perante tal, o prestígio do Inglês fez com que muitas famílias da classe média da comunidade valorizassem mais o Inglês do que o Kristang, o que resultou, de certa forma, no declínio do

Kristang. Nestas circunstâncias, o Inglês também deixou as suas marcas sobretudo em relação ao léxico deste crioulo. No entanto, mesmo assim, deve-se recordar que as influências do Malaio Bazaar (uma das variedades do Malaio) são as mais consideráveis e profundas (Holm, 1989).

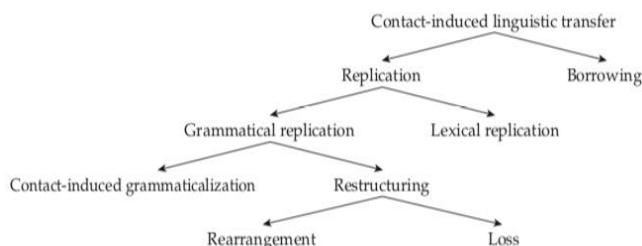
Esta breve apresentação relativamente à ecologia do contato de línguas do Sudeste Asiático e de Malaca permite-nos ter uma ideia mais clara sobre a formação e a evolução do Kristang, um processo que conta com as interferências entre o Português (superstrato) e outras línguas (substratos).

4. Características gramaticais do Kristang

Como já foi anteriormente referido, geralmente considera-se que os processos de mudança responsáveis pela criação da gramática de um crioulo envolvem a gramaticalização motivada de forma interna e externa (Bruyn, 2008). Neste sentido, o contato entre línguas e a gramaticalização não são dois aspetos mutuamente exclusivos, mas sim “they may work in conspiracy with each other” (Heine & Kuteva, 2010: 87). Como se pode observar na Figura 1, a transferência linguística induzida pelo contato inclui duas maneiras: (i) empréstimo; (ii) replicação lexical e gramatical.

O empréstimo refere-se à transmissão envolvida em elementos fonéticos ou significados lexicais, ao passo que a replicação reside no facto de que os falantes criam novas estruturas gramaticais ou unidades lexicais através de recursos disponíveis da LA. Assim, ao abordar as características gramaticais do Kristang, adota-se uma perspetiva tipológica, ou “matriz tipológica” (Ansaldo, 2009) de modo a analisar a influência tanto da língua de superstrato como dos outros substratos na evolução do Kristang nesta ecologia multilingual.

Figura 1 – Tipos principais da transferência linguística induzida do contato (Heine & Kuteva, 2010)



4.1 Tipologia flexional e isolante

De uma perspectiva tipológica, que leva em consideração as relações genealógicas, muitas línguas não podem ser consideradas filiadas a uma ou outra das suas progenitoras, visto que não ocorre uma transmissão normal (Mota, 1996).

Quanto ao caso do Kristang, é necessário identificar, preliminarmente, a diferença tipológica entre o Português e outras línguas de Malaca, sobretudo, o Malaio Bazaar. O Português é classificado como uma língua flexional, que recorre ao uso de diferentes morfemas (combinação de afixos e radicais) a expressar categorias gramaticais. No entanto, as diferentes variedades do Malaio (inclusive variedades de contato e crioulos), bem como as outras línguas faladas nesta região como o Chinês, pertencem às línguas isolantes, que apresentam um alto grau de analitismo. Muitos crioulos, de facto, também podem ser considerados como línguas isolantes⁵, mas as explicações para o desaparecimento dos afixos morfológicos divergem, como defende Ansaldo (2010):

This is true of many creole languages of the Caribbean too as well as other contact languages, a fact that has led a number of scholars to argue that morphology is “lost” in the histories of these languages. However, (...) there could be another explanation: that the languages that evolve out of specific contact situations inherit the morphology of the so-called substrate languages. (Ansaldo 2010: 506)

Nesta linha de pensamento, a gramática do Kristang é composta por propriedades típicas derivadas da interação entre o Português e outras línguas existentes nesta ecologia de contato. Como já referido, não se pode assumir que a gramática do Kristang descenda apenas do Português, uma vez que a relação de competição entre as diferentes línguas neste contexto também nos permite encontrar, nas línguas locais, explicações para algumas características deste crioulo.

4.2 Concordância

Quanto à concordância verbal, os verbos em Kristang, contrariamente ao sistema verbal do Português, não apresentam variação pessoal nem temporal. Essa propriedade existe igualmente na maioria das línguas faladas em Malaca, tal como o Malaio Bazaar. Vejam-se os seguintes exemplos em Kristang (1) e em Malaio Bazaar (2):

(1) (Baxter, 1988)

a. nus já pegá ígua kambráng así grandi.
nós MA⁶ pegar um caranguejo assim grande,
“Nós já apanhamos um caranguejo tão grande.”

b. Eli gostá bai pegá isi kanbráng.
ele gostar ir pegar esse caranguejo.
“Ele gosta de ir apanhar esse caranguejo.”

(2) (Aye, 2005)

a. Ada booking sekarang?
haver reserva agora
“Há qualquer reserva agora?”

b. Sini dulu sini ada.
aqui antes aqui haver
“Havia aqui antes.”

No entanto, no caso dos três verbos “ir”, “vir” e “ter”, usa-se sempre a sua forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo do Português, que são “bai”, “beng” e “teng” respetivamente. Vejam-se os seguintes exemplos em Kristang:

(3) (Thurgood & Thurgood, 1996)

a. Mutu tantu jenti ja beng visitá ku yo.
muito tanto gente MA vir visitar a/para eu
“Muita gente veio visitar-me.”

b. Ozi anoti nos tudu keré bai greza.
hoje à noite nós tudo querer ir igreja
“Hoje à noite nós todos queremos ir à igreja.”

Uma das razões que pode explicar essa propriedade consiste na replicação espontânea numa ecologia multilingual, que é “(...) highly idiosyncractic and the vast majority of instances of it (...) are judged as what are commonly referred to as ‘speech errors’ (...)” (Heine & Kuteva, 2010). Neste sentido, os erros, ou as inovações

⁵ Há certamente alguns processos morfológicos nas diferentes variedades do Malaio. Por exemplo, a designação de *Portuguese Settlement* em Malaio (Bahasa Malaio ou Alto Malaio) é *Perkampungan Portugis*. O termo *perkampungan* “acampamento” deriva da palavra *kampung* “vila, bairro, quarteirão, campo”. Assim, nós vemos “per-“ e “-na” como prefixo e sufixo. Outro exemplo é *sayang* “amor, pena” que também pode sofrer um processo morfológico em Alto Malaio para expressar “meu amor”: *sayangku*. Em Malaio vernacular, é possível ouvir *sayang saya*; em Betawi Malay, *sayang saya*; em Baba Malay, *lu punya sayang*.

⁶ MA: Marcador aspetual

(Milroy & Milroy, 1985), que surgem durante o processo da aquisição/aprendizagem de uma língua segunda, depois de serem adotados e usados regularmente, podem chegar a fazer parte dos hábitos do falar e difundir-se para outros grupos de falantes e até para as futuras gerações (Heine & Kuteva, 2010).

Relativamente à concordância nominal, o Kristang parece encontrar-se a meio caminho entre o Português e as línguas faladas em Malaca. A maioria dos nomes em Kristang é invariável, ou seja, não varia nem em género nem em número. Contudo, mesmo o número sendo bastante limitado, ainda há alguns nomes (principalmente nomes dos seres humanos) que mantêm a distinção entre os dois géneros, nomeadamente “*kuzinyeru / kuzinyera*” (“cozinheiro / cozinheira”), “*nóibu / nóiba*” (“namorado, noivo/namorada, noiva”), “*sogru / sogra*” (“sogro / sogra”) e entre outros. Por outro lado, tal como os nomes, apesar de ser invariável a boa parte dos adjetivos em Kristang, alguns ainda concordam com nomes, mas apenas em género, tais como “*prigasonu / prigasona*” (“preguiçoso / preguiçosa”) e “*bemfetu / bemfeta*” (“bonito / bonita”) (Baxter, 1988).

4.3 Omissão do verbo copulativo

Vejam-se as seguintes frases em Kristang:

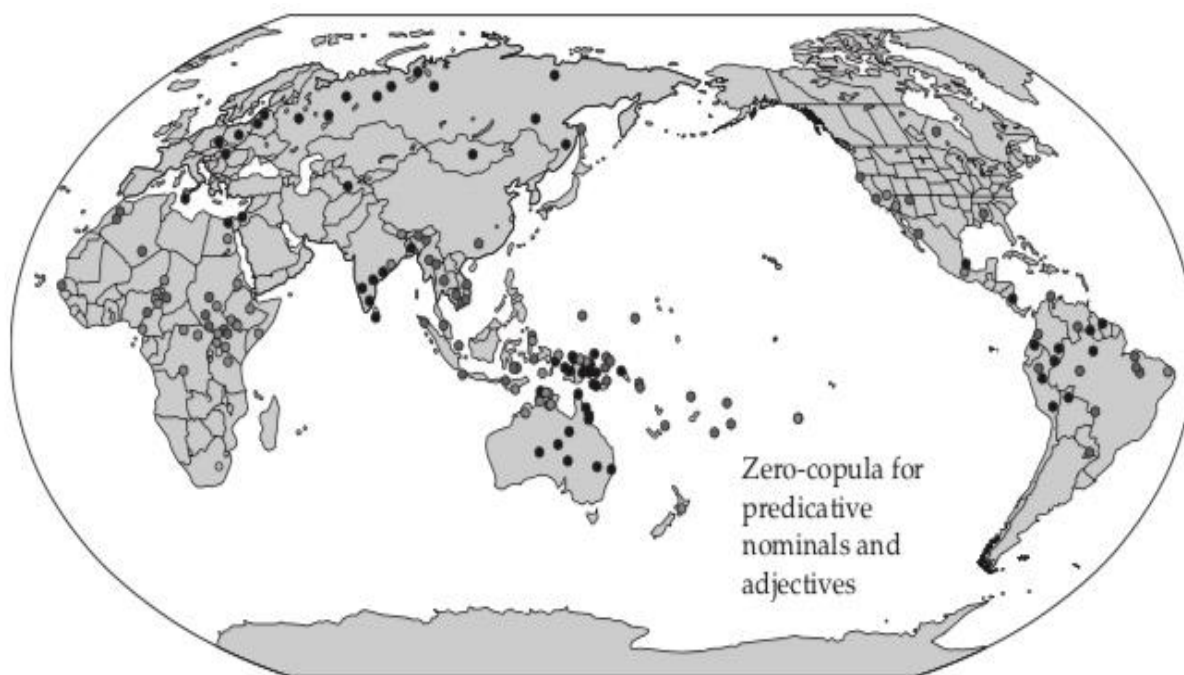
(4) (Baxter & Bastos, 2012)
 Isi cheru bomong forsa.
Este cheiro muito forte
 “Este cheiro é muito forte.”

(5) (Baxter, 1988)
 Aké kaza bedri.
Aquela casa verde
 “Aquela casa é verde.”

Tendo em consideração as frases em (4), verifica-se a ausência de verbo copulativo – com função equivalente ao verbo “ser” do Português – nas orações copulativas em Kristang. A predicação é construída sem qualquer verbo copulativo, sendo somente o adjetivo interpretado como um predicado.

Do ponto de vista tipológico, a omissão do verbo copulativo também é uma propriedade comum de muitas línguas faladas na Ásia, como ilustra a Figura 2. Nessas línguas, “it is typically related to another feature commonly found in insulating languages, namely the absence of a clear distinction between the word classes we know as ‘verbs’ and ‘adjectives’ (...)” (Ansaldo, 2010: 506).

Figura 2 – Línguas em que é possível omitir o verbo de cópula nas orações copulativas (Ansaldo, 2010)



Neste sentido, vejamos as seguintes frases do Malaio Bazaar em que ocorre a omissão do verbo copulativo:

(6) (Aye, 2005)

a. Saya sudah tua sekarang.

eu MA velho agora

“Eu estou muito velho agora.”

b. Dia tak gemuk.

ela não gordo

“Ela não é gorda.”

No entanto, como afirma Baxter (1988, em Kristang “(...) adjectives in a predicative function are highly restricted as to premodification by Tense, Mood and Aspect (TMA) particles” (Baxter, 1988: 57). Por exemplo, o marcador aspetual, “ta”, pode ocorrer com alguns adjetivos específicos, marcando a atribuição ao sujeito (mais precisamente, o sujeito de uma predicação em vez do sujeito gramatical da oração) de uma propriedade mais ou menos passageira⁷. Vejamos os seguintes exemplos:

(7) (Baxter, 1988)

a. Eli ta godru.

ele MA gordo

“Ele está gordo.”

b. John ta duénti.

John MA doente

“O John está doente.”

Como se pode observar nos exemplos apresentados, a gramaticalização do marcador aspetual “ta” reflete o processo de gramaticalização original na formação do Kristang. Nas línguas faladas em Malaca, como o Malaio (e as suas variedades), “neither the ‘inchoative’ nor the ‘actual’ value of *ta* + adjective is to be found in Malay, where the non-punctual marker *sedang* may not occur with adjectives” (Baxter, 1988: 131). No entanto, nas orações copulativas em Português, os verbos copulativos, apesar de não terem um sentido

descritivo, contribuem semanticamente para veicular valores do aspeto e da modalidade (Raposo, 2013).

4.4 Tempo e aspeto

A marcação do tempo e aspeto em Kristang, de uma perspetiva tipológica, também se relaciona com a influência dos substratos isolantes nesta ecologia⁸. Nas línguas isolantes como diferentes variedades do Malaio e do Chinês, recorre-se principalmente a expressões adverbiais ou princípios pragmáticos a localizar temporalmente situações. Quanto às informações aspetuais, a maneira mais relevante para codificar diferentes valores aspetuais geralmente constitui a utilização dos marcadores aspetuais⁹. Os marcadores aspetuais são os morfemas não ligados foneticamente às raízes verbais e em Kristang, usam-se principalmente três marcadores aspetuais a veicular perfectividade e imperfectividade, “kaba”, “ja” e “ta”. Vejamos as seguintes frases:

(8) (Baxter, 1988)

Kora yo ja chegá nali, eli kaba sai.

quando eu MA chegar ali ele MA sair

“Eu cheguei ali, ele (já) tinha saído.”

(9) (Thurgood & Thurgood, 1996)

Isti tigre ja preguntá ku isti omi.

este tigre MA perguntar a/para este homem

“Este tigre já perguntou a este homem.”

(10) (Baxter, 1988)

Eli ta les buku.

ele MA ler livro

“Ele está a ler um livro.”

Como se pode observar nas frases exemplo, verifica-se que a criação do sistema temporo-aspeto do Kristang envolve os processos de mudança decorrente do contato em que as unidades lexicais ou morfemas do superstrato (neste caso, o Português) “assumed the syntactic and other properties of substrate functional categories, including (...) tense aspect markers (...)”

⁷ Na maioria dos casos, usa-se o marcador “ta” a veicular o aspeto imperfeito (progressivo). Em relação a este assunto, veja a próxima subseção.

⁸ A formação do sistema temporo-aspeto das línguas crioulas tem sido um dos tópicos de intensa investigação. Winford (2012) defende que o surgimento da marcação do tempo numa língua crioula resulta da gramaticalização internamente motivada e que o processo da gramaticalização externamente motivada faz com que a marcação do aspeto apareça. No entanto, “(...) there is often no clear-cut dichotomy between internally and externally motivated changes, and that this makes the search for causal explanation even harder than it might otherwise be (...)” (Thomason, 2010).

⁹ Em relação à comparação dos sistemas temporo-aspetuais entre o Português e as línguas isolantes, veja, no caso do Mandarim, Yang (2020) e Oliveira, Silva & Yang (2020) no caso do Cantonense.

(Winford, 2012: 440). Como se pode observar, os três marcadores aspetuais em Kristang, “*kaba*”¹⁰, “*ja*” e “*ta*”, derivam todos do Português “acabar”, “já” e “estar”, respetivamente. No entanto, é impossível negar a influência significativa que o *input* do substrato marca na interpretação do valor aspetual. Por exemplo, o marcador “*kaba*”, tal como o marcador perfetivo “*habis*” em variedades do Malaio, somente pode ocorrer com predicados que representam eventos (Baxter, 1988; Thurgood & Thurgood, 1996; Winford, 2012).

Relativamente à localização temporal em Kristang, importa salientar aqui que, além da utilização de informação lexical e contexto específico do discurso, o marcador do futuro (MF) “*lo*”, que deriva do advérbio “logo” do Português, também contribui para a interpretação temporal e pode localizar uma situação descrita pela frase no tempo posterior ao tempo da enunciação (Maurer, 1985; Baxter 1988; Winford, 2012). Vejam-se as seguintes frases:

(11) (Baxter, 1988)

a. Sertu lo kai chua.
certamente MF cair chuva
“Irá chover certamente.”

b. Eli lo fiká duénti.
ele MF ficar doente
“Ele vai ficar doente.”

Tal como a influência do superstrato nos marcadores aspetuais, o marcador do futuro “*lo*”, apesar de que a sua utilização geralmente seja considerada como um resultado da gramaticalização motivada internamente do sistema temporo-aspeto (Winford, 2012), partilha também algumas propriedades com os marcadores aspetuais “*nanti*” e “*akan*” utilizados nas variedades do Malaio Bazaar de Melaka (Baxter, 1988:128), através dos quais se pode expressar a futuridade e obter uma interpretação irreal.

4.5 Reduplicação

A reduplicação refere-se à operação morfológica “(...) in which a new word (form) is created by copying a word or a part of it, and affixing that copy to the base” (Booij, 2007: 321). Por um lado, quase não se deteta a reduplicação em Português; por outro lado, em Kristang, como as outras línguas faladas em Malaca (línguas austronésias e diferentes variedades do Chinês), a reduplicação constitui “a very productive morphological device to derive new words” (Kluge, 2017: 187). Relativamente à formação da reduplicação, existem dois tipos de reduplicação em Kristang: (1) reduplicação inteira; (2) reduplicação parcial. Regra geral, a reduplicação pode ocorrer com nomes, adjetivos, advérbios e verbos¹¹, veiculando vários diferentes significados, tais como pluralidade, intensificação e continuidade. Vejam-se os seguintes exemplos do Kristang em que ocorre a reduplicação nestas 4 classes de palavras respetivamente:

(12) (Baxter, 1988)

a. Krensa-krensa prendeh gatinyah mazanti.
criança-criança aprender gatinhar primeiro
“As crianças aprendem a gatinhar primeiro.”

b. Eli belu belu ta bai mar.
Ele velho velho MA ir mar
“Quando ele estava muito velho, (ainda) ia pescar.”

c. Eli ja beng presta presta.
Ele MA vir rápido rápido
“Ele veio muito rápido.”

d. Yo olá ku eli ta remá remá.
Eu ver a/para ele MA remar remar
“Eu vi-o a remar.”

Como já foi referido, quando comparamos a reduplicação do Kristang com a dos substratos na mesma ecologia linguística, afirma-se que existe um paralelismo, relativamente às formas de reduplicação e as suas funções, entre o Kristang e as línguas desta região, nomeadamente o Malaio Bazaar e duas variedades do Chinês (Cantonense e Hokkien). Vejam-se a tabela a seguir:

¹⁰ Segundo Winford (2012), a maioria dos crioulos de base francesa usa “*fini*” (vem do Francês “*finir*”) como um marcador perfetivo. Contudo, no crioulo da Guiana Francesa, o marcador “*kaba*”, que ocorre sempre na posição posterior a um sintagma verbal, também tem origem no Português e pode veicular o valor de perfetividade.

¹¹ No entanto, mesmo pertencendo a estas 4 classes de palavras, algumas palavras não aceitam a reduplicação por causa do seu próprio significado. Em relação a este assunto, veja Baxter (1988).

Tabela 1 – Reduplicação na ecologia linguística de Malaca (adaptado de Ansaldo, 2004)

Categoria /Função	Kristang	Malaio Bazaar	Hokkien (Min)	Cantonense
Nome	Pluralidade	Pluralidade	Intimidade	Intimidade
Adjetivo	Intensificação	Intensificação ¹²	Intensificação	Intensificação
Advérbio	Intensificação	Intensificação	Intensificação	Intensificação
Verbo	Continuidade	Atenuação/continuidade	Atenuação	Atenuação/continuidade

Como se pode observar, verifica-se que são os substratos, em vez do superstrato, os responsáveis pela evolução das funções de reduplicação do Kristang, entre os quais o Malaio Bazaar toma uma posição relativamente mais relevante. De acordo com Matras (2000), a transmissão do (sub)conjunto inteiro de propriedades gramaticais de uma língua para a outra pode ser descrita como “fusão categorial”, que indica que os sistemas (paradigmas) estreitamente organizados, “(...) in particular those with high discourse prominence, can and will be transferred from one language to the other *in toto* in contact situations” (Ansaldo, 2010:512).

4.5 Empréstimo lexical

Relativamente ao léxico do Kristang, a maioria do léxico provém do superstrato, o Português. No entanto, como foi referido antes, o Kristang não apenas toma emprestada dos substratos, mas também tem algumas palavras que tem origem no Neerlandês ou no Inglês.

Quanto ao uso de empréstimos pertencentes a substratos, verifica-se que as palavras de origem malaia quase não sofrem qualquer alteração da pronúncia ou do significado original em Kristang. No caso do Neerlandês, adotam-se somente poucas palavras, mas geralmente são palavras de uso frequente. No que diz respeito ao Inglês, a sua influência encontra-se relativamente mais recente, mas torna-se cada vez mais forte por ser uma das línguas que os falantes nativos do Kristang também usam. Segue-se uma tabela de palavras que o Kristang toma emprestadas do Malaio, do Neerlandês e do Inglês (Hancock, 1970):

Tabela 2 - Empréstimos de origem malaia

Kristang	Malaio	Português
Capal	Capal	Sandália
Kacang	Kacang	Feijão
Kutang	Kutang	Sutiã
Pun	Pun	Também
Tengah	Tengah	Centro

Tabela 3 - Empréstimos de origem neerlandesa

Kristang	Neerlandês	Português
Andóku	Handdoek	Toalha
Atapel	Aardappel	Batata
Búku	Boek	Livro
Fraï	Fraai	Bonito
Orlózi	Horloge	Relógio

Tabela 4 - Empréstimos de origem inglesa

Kristang	Inglês	Português
Gaun	Gown	Vestido
Saspan	Saucepan	Panela
Syop	Shop	Loja

5. Considerações finais

Neste trabalho, tomando como exemplo concreto o Kristang, propusemo-nos ilustrar o contexto do contato linguístico entre o Português e outras línguas faladas em Malaca, apresentar algumas propriedades linguísticas do Kristang, bem como analisar as relações entre o superstrato e os substratos nesta ecologia linguística no que concerne a formação e a evolução deste crioulo.

Do ponto de vista da abordagem ecológica, a interação ecológica constitui um fator típico que beneficia o contato de línguas, facilita o surgimento de novas línguas e contribui para o processo de gramaticalização dessas línguas. Durante este percurso progressivo, que abrange vários diferentes estádios e mecanismos, o superstrato e o substrato influenciam-se mutuamente, mas de formas diferentes. Neste sentido, as propriedades gramaticais de um crioulo também podem ser consideradas como diferentes resultados da competição entre o superstrato e o substrato existentes numa ecologia multilingual.

¹² Nota-se que neste caso, a reduplicação também pode veicular atenuação nalgumas outras variedades coloquiais do Malaio (Ansaldo, 2010).

Referências

- ANDAYA, Barbara Watson & ANDAYA, Leonard Y (1982) *A History of Malaysia*. London: Macmillan.
- ANSALDO, Umberto (2004) «The evolution of Singapore English: finding the matrix» Em *Singapore English: A Grammatical Description*, ed. por Lisa Lim, pp. 129-152. Amsterdam: John Benjamins.
- ANSALDO, Umberto (2009) *Contact Languages: Ecology and Evolution in Asia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANSALDO, Umberto (2010) «Contact and Asian Varieties of English» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 498-518. Oxford: Wiley-Blackwell.
- AYE, Khin Khin (2005) *Bazaar Malay: History, grammar and contact*. National University of Singapore, PhD dissertation.
- BAXTER, Alan (1988) *A Grammar of Kristang*. Canberra: Pacific Linguistics.
- BAXTER, Alan (1996) «Línguas pidgin e crioulas». Em *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, ed. por Isabel Hub Faria et al., pp. 535 - 549. Lisboa: Lisboa Caminho.
- BAXTER, Alan (2005) «Kristang (Malacca Creole Portuguese) – A Long-Time Survivor Seriously Endangered». *Estudios de Sociolingüística* 6(1): 1-37.
- BAXTER, Alan (2010) «Vestiges of etymological gender in Malacca Creole Portuguese». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25(1): 120 - 154.
- BAXTER, Alan & BASTOS, Augusta (2012) «A closer look at the post-nominal genitive determiner in Asian Creole Portuguese ». Em *Ibero-Asian Creoles: comparative perspectives*, ed. por Hugo Cardoso & Alan Baxter & Mário Nunes, pp. 47-80. Amsterdam: Benjamins.
- BAXTER, Alan & SILVA, Patrick (2004) *A Dictionary of Kristang (Malacca Creole Portuguese) – English*. Canberra: Pacific Linguistics.
- BOOIJ, Geert E. (2007) *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford & New York: Oxford University Press.
- BRUYN, Adrienne (2008) «Grammaticalization in Pidgins and Creoles». Em *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, ed. Silvia Kouwenberg & John Victor Singler, pp. 385-411. Oxford: Wiley-Blackwell.
- CARVALHO, Ana M. & LUCCHESI, Dante (2016) «Portuguese in Contact». Em *The Handbook of Portuguese Linguistics*, ed. por W. Leo Wetzels & João Costa & Sergio Menuzzi, pp. 41-56. Indianapolis: Wiley Blackwell.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DECAMPE, David (1971) «Toward a generative analysis of a post-creole speech continuum». *Hymes 1971*: 349-370.
- FARIA, Isabel Hub (2003) «Contato, variação e mudança linguística». Em *Gramática da Língua Portuguesa*, ed. por Mateus et al., pp. 31 - 36. Lisboa: Lisboa Caminho.
- FERNANDO, Radin (2006) *Murder most foul: a panorama of social life in Melaka from the 1780s to the 1820s*. Kuala Lumpur: Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society.
- HANCOCK, Ian (1970) «Some Dutch-Derived Items in Papia Kristang». *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 3: 352 - 356.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania (2010) «Contact and Grammaticalization» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 86-105. Oxford: Wiley-Blackwell.
- HOLM, John (1989) *Pidgins and creoles: Reference survey (Volume 2)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLM, John (2010) «Contact and Change: Pidgins and Creoles». Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp.252 - 261. Oxford: Wiley-Blackwell.
- KLUGE, Angela (2017) *A Grammar of Papuan Malay*. Berlin: Language Science Press.
- KOUWENBERG, Silvia & SINGLER, John V. (2008) «Introduction». Em *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, ed. por Silvia Kouwenberg & John Victor Singler, pp. 1 - 17. Oxford: Wiley-Blackwell.
- LEFEBVRE, Claire (1998) *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: The Case of Haitian Creole*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LUCCHESI, Dante (2008) «Aspetos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto». Em *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*, ed. por Claudia Roncarati & Jussara Abraçado, pp. 366-390. Niterói: EDUFF.
- LUCCHESI, Dante (2012) «A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas». *Estudos de Lingüística Galega* 4: 45-65.

- MATRAS, Yaron (2000) «Fusion and the cognitive basis for bilingual discourse markers». *International Journal of Bilingualism* 4(4): 505-528.
- MAURER, Philippe (1985) «Le système temporal du Papiamentu et le système temporal proto-créole de Bickerton». *Amsterdam Creole Studies*, 8:16-32.
- MCWHORTER, John (2019) «Creoles» Em *The Oxford Handbook of Language Contact*, ed. por Anthony P. Grant, pp. 282-302. Oxford: Oxford University Press.
- MILROY, Lesley & MILROY, James (1985) «Linguistic change, social network and speaker innovation». *Journal of Linguistics* 21: 339-384.
- MINTZ, Malcom W. (1994) *A Student's Grammar of Malay and Indonesian*. Singapura: EPB Publishers Pte Ltd.
- MOTA, Maria Antónia Coelho (1996) «Línguas em Contacto». Em *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, ed. por Isabel Hub Faria et al., pp. 505 - 533. Lisboa: Lisboa Caminho.
- MUFWENE, Salikoko (2001) *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARKVALL, Mikael (2019) «Pidgins» Em *The Oxford Handbook of Language Contact*, ed. por Anthony P. Grant, pp. 261-281. Oxford: Oxford University Press.
- PEREIRA, Dulce. (2006) *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- RAPOSO, Eduardo P. (2013) «Orações copulativas e predicções secundárias». Em *Gramática do Português*, vol. II, ed. por Raposo et al., pp. 1285 - 1354. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROMAINE, Suzanne (1988) *Pidgin and Creole Languages*. London & New York: Longman.
- SEGURA, Luisa (2013) «Geografia da Língua Portuguesa». Em *Gramática do Português*, vol. I, ed. por Raposo et al., pp. 71 - 85. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SIEGEL, Jeff (2008) *The Emergence of Pidgin and Creole Language*. Oxford: Oxford University Press.
- THOMASON, Sarah (2010) «Contact Explanations in Linguistics» Em *The Handbook of Language Contact*, ed. por Raymond Hickey, pp. 31-48. Oxford: Wiley-Blackwell.
- THURGOOD, Ela & THURGOOD, Graham (1996) «Aspect, Tense or Aktionsart?: The Particle JA in Kristang (Malacca Creole Portuguese)». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 11(1): 45-70.
- WINFORD, Donald (2012) «Creole Languages». Em *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, ed. por Robert I. Binnick, pp. 428 - 457. Oxford & New York: Oxford University Press.
- WONG, Kevin Martins (2019) «Kodrah Kristang: The Initiative to Revitalize the Kristang Language in Singapore». Em *Documentation and Maintenance of Contact Languages from South Asia to East Asia: issues on theory and practice*, ed. por Mário Pinharanda-Nunes & Hugo C. Cardoso, pp. 35 - 121. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- YANG, Aoran (2020) «Sistema Tempo-Aspecto: Um Estudo Comparativo entre Português Europeu (PE) e Mandarim». *Diacrítica* 34(3): 48-79.
- YANG, Aoran & OLIVEIRA, Fátima & SILVA, Fátima (2020). «A Distinção entre Pretérito Imperfeito (PI) e Pretérito Perfeito (PPS) em Português Europeu (PE) por Estudantes de Nível B2 com L1 Cantonês». Em *Macau e a Língua Portuguesa: Novas Pontes a Oriente*, ed. por Joaquim Coelho Ramos et., pp. 41-68. Macau: IPOR & IPM.